

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

MARIO ANTONIO BETIATO

**PAPA FRANCISCO
A SEMÂNTICA MISSIONÁRIA DE UMA IGREJA EM SAÍDA**

CURITIBA

2018

MARIO ANTONIO BETIATO

**PAPA FRANCISCO
A SEMÂNTICA MISSIONÁRIA DE UMA IGREJA EM SAÍDA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Alex Villas Boas
Oliveira Mariano

CURITIBA

2018

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Giovanna Carolina Massaneiro dos Santos – CRB 9/1911

Betiato, Mario Antonio
B563p Papa Francisco: a semântica missionária de uma igreja em saída / Mario
2018 Antonio Betiato; orientador: Alex Villas Boas Oliveira Mariano. – 2018.
 119 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2018
Bibliografia: f. 101-107

1. Teologia. 2. Teologia - História. 3. Francisco, Papa, 1936-. 4. Missão da
igreja. 5. Discipulado (Cristianismo). I. Mariano, Alex Villas Boas Oliveira.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em Teologia. III. Título

CDD 22. ed. - 230

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE Nº. 13
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE
MARIO ANTÔNIO BETIATO

Aos vinte e oito dias, do mês de fevereiro de dois mil e dezoito, às dez horas e trinta minutos reuniu-se na sala 7 de pós-graduação - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Alex Vicentim Villas Boas , Elias Wolff , Marcial Maçaneiro , Cesar Augusto Kuzma e Antonio Manzatto, para examinar a tese do candidato Mario Antonio Betiato , ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Doutorado, no primeiro semestre de dois mil e quatorze. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. O doutorando apresentou a Tese intitulada: "PAPA FRANCISCO DE UMA IGREJA MISSIONÁRIA PARA UMA IGREJA EM SAÍDA." O Candidato fez uma exposição sumária da Tese, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa. O Candidato foi Aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 12 h 58 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas
Presidente/Orientador

Prof. Dr. Elias Wolff
Convidado Interno

Prof. Dr. Marcial Maçaneiro
Convidado Interno

Prof. Dr. Cesar Augusto Kuzma
Convidado Externo

Prof. Dr. Antonio Manzatto
Convidado Externo

CIENTE
Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
PPGT - PUCPR



AGRADECIMENTOS

À Deus em quem creio pouco;

À Pontifícia Universidade Católica do Paraná;

Ao Professor Dr. Antônio José de Almeida, missionário em saída, com o qual começamos juntos este trabalho;

Ao Professor Dr. Alex Villas Boas que deu continuidade na orientação com sabedoria e dedicação;

À esposa Eliane por todos os “silêncios eloquentes”;

À filha Mariana que me presenteou com o primeiro livro para este trabalho: Papa Francisco, vida e revolução;

Ao filho Tiago pelo respeito e pela ética que carrega em nossa história.

“Vos sabeis que o dever do Conclave era dar um bispo a Roma. Parece que meus coirmãos foram buscá-lo praticamente no fim do mundo [...] mas estamos aqui [...] E agora iniciemos essa caminhada: bispo e povo. Essa caminhada da Igreja de Roma, que é aquela que preside na caridade a todas as Igrejas. Uma caminhada de fraternidade, de amor, de confiança entre nós” (Primeira saudação do Papa Francisco - Bênção Apostólica *Urbi et Orbi*, 13 de março de 2013).

RESUMO

A Eleição do Papa Francisco, até então Cardeal Jorge Mario Bergoglio causou surpresa para o mundo inteiro. A Igreja, a partir de João Paulo II, passou por uma etapa conservadora, em alguns aspectos contrariando alguns avanços do Concílio Vaticano II. Surge então um novo pontífice: Papa Francisco. Entendemos ser um pontificado de uma nova semântica para a dimensão missionária da Igreja. Os discursos e atitudes do Pp Francisco dão sinais que apontam para uma igreja verdadeiramente missionária, em saída e com rosto Latino-americano. Argentino, religioso jesuíta, Jorge Mario Bergoglio, filho de migrantes italianos, possui uma trajetória biográfica digna de respeito e admiração. Um misto de revolução e de simplicidade, com uma ousadia que faz renascer a esperança numa Igreja que precisa sustentar a dinamicidade que lhe é própria. Defendemos a tese que na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco retoma os conceitos de discípulo e missão do Documento de Aparecida, e então a Igreja latino-americana passa a ser sujeito teológico para a igreja universal. Com pesquisa bibliográfica elencamos quatro capítulos que incluem a dinamicidade da missão na história da Igreja, a biografia de Jorge Mario Bergoglio e seu projeto missionário com base no Documento de Aparecida e na *Evangelii gaudium*.

Palavras-chave: Semântica missionária. Discipulado. História. Igreja. Missão.

ABSTRACT

The election of Pope Francisco, Cardinal Jorge Bergoglio caused surprise to the world. The Church, from Pope John Paul II, has undergone a conservative step, in some ways contrary to some advances of Vatican II. Then arises a new pontiff: Pope Francisco. We understand be a pontificate of a new semantics for the missionary dimension of the Church. The speeches and attitudes of Pp Francisco signs that point to a truly missionary Church in output and with Latin American face. Argentine Jesuit Jorge Bergoglio religious, son of Italian immigrants, has a biographical career worthy of respect and admiration. A mixture of revolution and of simplicity, with a boldness that rekindles the hope in a church that needs to sustain the dynamism of his own. We defend the thesis that in the Apostolic exhortation *Evangelii gaudium*, Pope Francisco incorporates the concepts of disciple and the document of Aparecida mission, and so the Latin American Church becomes theological subject to the universal Church. With bibliographical research below are four chapters that include the dynamism of the Mission in the history of the Church, the biography of Jorge Bergoglio and your missionary project on the basis of the document of Aparecida and *Evangelii gaudium*.

Keywords: Missionary Semantics. Discipleship. Story. Church. Mission.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	<i>Ad gentes</i>
CELAM	Conferencia Episcopal Latino-americana
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos no Brasil
DA	Documento de Aparecida
DM	Documento de Medellín
DP	Documento de Puebla
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
GS	<i>Gaudium et spes</i>
JMJ	Jornada Mundial da Juventude
LF	<i>Lumen fidei</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 SEMÂNTICA MISSIONÁRIA NOS CONTEXTOS HISTÓRICOS DA IGREJA.....	15
1.1 A semântica missionaria da Igreja Nascente.....	17
1.2 A semântica missionaria da Igreja na Idade Média.....	19
1.3 A semântica missionaria Moderna.....	24
1.3.1 Alguns aspectos da Modernidade.....	24
1.3.2 A Igreja na Modernidade.....	30
1.4 A semântica missionaria contemporânea.....	33
2 DE BERGOGLIO A FRANCISCO: A TRAJETÓRIA DE UM RELIGIOSO.....	36
2.1 Pródromos da vida vocacional de Jorge Mario Bergoglio.....	36
2.2 A vocação religiosa.....	38
2.3 Bispo, Arcebispo e Cardeal de Buenos Aires.....	41
2.4 A relação conturbada com o governo da Argentina.....	44
2.5 O Papa Francisco.....	46
2.6 Alguns discursos e atitudes no início do mandato.....	48
2.7 Jornada Mundial da Juventude.....	50
2.8 Entrevista ao jornal <i>La Repubblica</i>	51
3 DOCUMENTO DE APARECIDA: UMA IGREJA MISSIONÁRIA.....	54
3.1 Missão e missionariedade da Igreja.....	54
3.2 As respostas do Documento de Aparecida para a crise da modernidade.....	57
3.3 Discípulo discipulado e missão no Documento de Aparecida	60
4 EXORTAÇÃO APOSTÓLICA <i>EVANGELII GAUDIUM</i>: A SEMÂNTICA MISSIONÁRIA DE UMA IGREJA EM SAÍDA.....	68
4.1 Missão e missionariedade na <i>Evangelii Gaudium</i>	68
4.2 As respostas da Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> para a crise da modernidade.....	70

4.3 Uma Igreja em saída missionária.....	75
4.4 Uma Igreja teologicamente de Jesus Cristo.....	78
4.5 Uma Igreja verdadeiramente missionária.....	85
4.6 Uma Pastoral decididamente missionária.....	87
CONCLUSÃO.....	95
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXO A – QUADRO COMPARATIVO ENTRE O DOCUMENTO DE APARECIDA E A EXORTAÇÃO APOSTÓLICA <i>EVANGELII GAUDIUM</i> .(SINOPSE)	108
ANEXO B – SÍNTESE DAS DATAS IMPORTANTES DA BIOGRAFIA DO PAPA FRANCESCO.....	117
ANEXO C – REFERENCIAIS MISSIONÁRIOS NA HISTÓRIA DA GREJA.....	119

INTRODUÇÃO

Este trabalho se articula com a linha de pesquisa: Teologia Sistemático Pastoral do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUCPR e tem como foco a elucidação de uma semântica missionária em construção no pontificado do Papa Francisco.

Sobre o tema da missão, depois do Concílio Vaticano II, na Igreja da América Latina, se fizeram muitos debates, experiências variadas e existe até um considerável cabedal de publicações: livros sobre o tema, dissertações, teses, artigos que configura um debate ainda vivo. Missiologia na América Latina é uma temática que vem se aprofundando com força, sobretudo, a partir da Conferência de Aparecida, e como tudo é processual, a missionariedade da Igreja precisa ser permanentemente repensada, formulada e defendida. Esta é, portanto, a principal motivação do autor.

A pesquisa feita se justifica na medida em que o envolvimento da Igreja numa semântica teológico pastoral cuja racionalidade indubitavelmente é de caráter missionário se acentua gradativamente. É possível afirmar que os caminhos da Igreja universal começam ser iluminados pela experiência missionária latino-americana, que a partir da Conferência de Aparecida (2007) e mais recentemente com a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* do Papa Francisco (2013), enfrenta a crise da modernidade e começa a dar respostas fundamentadas numa nova hermenêutica. Então, a Igreja latino-americana começa também ser luz para outras conferências episcopais, com raios que brotam de uma questão fundamental de caráter missionário: o que o mundo atual espera da Igreja e o que a Igreja pensa de si mesma dentro da crise da modernidade.

O momento é profícuo para que a teologia acadêmica elabore grandes tratados que identifiquem com clareza o agir da igreja no século XXI e aprofunde questões teológicas e metodológicas que apontem para uma racionalidade profunda e simples, que consiga dialogar com o mundo, e principalmente com mundo dos pobres e dos excluídos.

O problema da pesquisa se situa na esfera da missionariedade. Para delimitar o tema, percorreu-se um caminho que vai do Documento de Aparecida à Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, tendo como eixo o Papa Francisco em seu pontificado, com seus discursos e atitudes, fazendo contrapontos com os dois

documentos e buscando respostas com elementos de ambos, no rumo de uma nova semântica nas narrativas missionárias e de uma Igreja em saída.

Metodologicamente, buscou-se, portanto, nesta pesquisa, perseguir a seguinte trilha:

No primeiro capítulo, para ter uma visão de totalidade, se pretendeu uma reflexão sobre a missão, sempre relacionada a seu contexto, portanto, a Igreja em seu respectivo tempo. Com isso, se pode perceber que há um inevitável e dinâmico processo de mudança nas narrativas sobre missão na história, com suas luzes e suas sombras, desde a Igreja Nascente até a Igreja Atual. A propósito, o poeta Mário Quintana preveniu com sabedoria: “o passado não reconhece o seu lugar. Ele está sempre presente” (apud COSTA, 2016, s. p.). O capítulo não tem a pretensão de ser um resumo da história da Igreja. O objeto de reflexão é a missionaridade, o que se tratou na forma simples, com o objetivo de entender os processos evolutivos na Teologia da Missão.

Na Igreja, a história em movimento, evidencia várias semânticas nas narrativas sobre missão. Narrativas que vão do simples, como na Igreja Nascente, que foi o anúncio kerigmático e o testemunho decorrente daquele anúncio, até a Igreja Contemporânea, na sua complexidade institucional e doutrinária. No decorrer dos dois mil anos, entre o início da Igreja e a contemporaneidade dela, houve, portanto, diferentes referenciais semânticos onde a missão da Igreja estabeleceu seus alicerces.

A ideia de semântica missionária ajuda a compreender os diversos referenciais de missão ao longo da história. A semântica pode ser entendida com um acúmulo de sentido que vai sendo construído ao longo do desenvolvimento da consciência missionária no decorrer dos séculos. Nas “inovações semânticas” da teologia, ocorrem uma nova compreensão “teossemântica”, uma maior compreensão da “presença de Deus no mundo e sua forma de atuar, tal qual professa a fé cristã” (VILLAS BOASa, 2016, p. 302). Semântica no sentido dado por Habermas pode ser entendido como “significado funcional”, e que vai evoluindo na medida em que há uma prática e um discurso que se tornou insignificante para o cotidiano (1987, p. 117). Deste modo o sentido dogma vai evoluindo em decorrência do alargamento da compreensão histórica do mesmo. Sobre isso escreve Geffré:

“A exegese científica e a história científica das origens cristãs contribuíram para cavar um fosso entre a história e o dogma, entre a verdade dos exegetas e a verdade dos teólogos... não pode haver reconstituição do

passado sem interpretação viva condicionada pela minha experiência presente, pois o conhecimento interpretativo é o único conhecimento histórico autêntico” (GEFFRÉ, 1989 p. 19-20).

Uma das narrativas semânticas foi a da Idade Média, num período que a história chama de Cristandade, com base na teologia de Santo Agostinho (354-430), que tinha a preocupação básica com a salvação das almas. Era a individualização da missão. Essa interpretação possui sua gênese no Concílio de Nicéia, quando o cristianismo passou a ser reconhecido como uma religião oficial no Império Romano.

Já na Modernidade, que teve como base inicial o Concílio de Trento, o conceito de missão migrou da individualização para a eclesialização: “*Extra ecclesiam nulla salus*”. Naquele referencial a Igreja institucional buscou se fortalecer a si própria, migrando dos palcos europeus para outros continentes, se inserindo em outras culturas e transplantando o cristianismo romano em terras distantes da Europa como: América Latina, África e China. Para tanto, os padres Jesuítas foram os principais arautos.

Ainda com respeito à modernidade, o capítulo põe uma reflexão mais ampla, refletindo sobre o fenômeno do surgimento da ciência moderna, porque a relação entre a teologia e a ciência (fé e razão), é sempre algo que toma grande espaço nos documentos da Igreja, principalmente a partir do Concílio Vaticano I. Os documentos eclesiais que são objeto desta pesquisa, igualmente, não se omitem na reflexão sobre modernidade ciência e fé, e o fazem de maneira robusta.

Entretanto, o conceito de eclesialização da missão, a partir do Concílio Vaticano II, dá lugar para um novo conceito: a universalização da missão. Isso deu origem à outra epistemologia na Teologia da Missão. Na base estão os documentos conciliares que falam de: abertura, ecumenismo, diálogo, mundo, povo de Deus, colegiado, enculturação.

Foi a esses processos que se chamou também de referenciais Missionários. Cada “referencial”, em sua gênese, teve um Concílio que lhe deu legitimidade. Naturalmente, as respectivas mudanças conceituais não foram abruptas. O conceito de narrativa semântica é algo sempre aberto e gradativo, isto é, um acúmulo mais ou menos intenso de conteúdo, o que é diferente de “modelo”, que seria algo mais formal, fechado.

No segundo capítulo, uma biografia de Jorge Mario Bergoglio, posto ser ele, agora o Sumo Pontífice, o eixo de uma nova semântica eclesial missionária.

Conhecer sua história é imprescindível para compreender seus conceitos, opções e orientações. A biografia não pretende ser exaustiva, mas suficientemente ilustrativa para mostrar a história de um homem “em saída”, em movimento. Uma história de “páscoas”. Certamente alguns episódios não serão evidenciados, porque o foco de maior concentração foi os aspectos biográficos que mais ajudaram na construção dos elementos da pesquisa. Assim, é possível que alguns momentos importantes ou até alguns momentos mais sombrios da sua história foram ignorados, por não agregarem valor substancial na pesquisa.

A biografia de Jorge Mario Bergoglio mostra um homem simples, que sempre procurou se inserir na vida real do povo. Em média não permaneceu mais que cinco anos em cada posto da sua caminhada vocacional, e por isso é também identificado por alguns como peregrino, ou alguém que possui a mística do movimento, sempre em saída, aberto para o novo, com acentuado inconformismo profético em seus discursos e atitudes.

Sua biografia mostra alguém que esteve sempre em diálogo com a realidade: militares na Argentina, movimentos esquerdistas de luta armada, pobres e pessoas em situação de vulnerabilidade social, educadores, mundo da família, esporte e lazer, trabalho e estudos. É razoável afirmar, a partir dos seus discursos e gestos, que sua postura foi sempre inclusiva e esses elementos todos, depois, se tornarão mais evidentes em seu governo enquanto Sumo Pontífice. Todos os seus gestos, sermões e citações, se afinam com uma personalidade missionária, que entende a missionariedade da Igreja como elemento mediador para o Reino de Deus.

O terceiro e o quarto capítulos tratam dos fundamentos e da metodologia da missão nos Documento de Aparecida (2007) e na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013). A opção por esses dois documentos foi por serem eles documentos basilares, pois identificam a base missiológica de Francisco e uma nova semântica missionária que toma vulto a partir da América Latina, que naturalmente tem como referência o Concílio Vaticano II. A pesquisa vai dos conceitos aos apelos apresentados nos dois documentos que se assemelham no essencial e se complementam no método.

É no Documento de Aparecida que o conceito de missão se torna definitivamente entendido e explicitado como *múnus* batismal. Daí a expressão: universalização da missão. Para Aparecida a missionariedade não é uma tarefa pastoral pontual e específica de um tempo, mas é de todos e deverá penetrar em

todos os campos da atividade humana. Esta concepção latino-americana vai se estender, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* com seus apelos de “urgência” que deverá atingir as periferias sociais e existenciais.

A nova semântica missionária passa a ter então um caráter de transversalidade. Missão, não é somente uma pastoral a mais no largo arcabouço de pastorais existentes. A missionariedade da Igreja é o fio condutor que atravessa todas as atividades, começando com a catequese de iniciação.

Com isto se buscou elucidar de maneira explícita a emergência de um novo referencial missionário com base nos documentos já citados, que estabelecem claramente a relação entre a missão da Igreja e a realidade do mundo pós-moderno: política, ciência, filosofia, cultura e economia. A pesquisa busca também fazer uma leitura de algumas aproximações propositivas de um programa missionário do Papa Francisco para a Teologia, a Igreja, e concretamente para a Pastoral. Assim foi feito por se entender que um programa missionário precisa abraçar estas três áreas e com metodologia indutiva. Isto significa que será a Teologia que deverá iluminar a Igreja que por sua vez transformará sua missão em processos de pastoral.

Em resumo, o cerne deste trabalho é a missionariedade da Igreja neste século. De uma síntese geral das diversas concepções semânticas missionários na história da Igreja, chegou-se ao Papa Francisco que faz dos documentos: *Aparecida* (2007) e *Evangelii Gaudium* (2013), as alavancas de uma nova plataforma.

O referencial da pesquisa é fundamentalmente pastoral, ou teologia prática. Em outros palcos de análise, possivelmente, diferentes conclusões e reflexões poderiam se evidenciar. Espera-se, portanto, a devida compreensão por alguns limites: ângulo de visão, referências bibliográficas afinadas com o referencial do autor, vocabulário, e estilo literário pessoal de caráter exortativo.

Como a pesquisa versa sobre a questão missionária, ignoram-se outros aspectos importantes do pontificado do Papa Francisco como: a Encíclica *Lumen fidei* (2013), a Carta Encíclica *Laudado si* (2015) e a Exortação Apostólica *Amoris laetitia* (2016), que naturalmente dão uma grandeza ainda maior ao seu governo.

1 SEMÂNTICA MISSIONÁRIA NOS CONTEXTOS HISTÓRICOS DA IGREJA

Introdução

Ao longo da história da Igreja há evolução semântica da missão, que acompanha a mudança dos contextos em que ela está situada. A Igreja Nascente, também chamada de Igreja Primitiva teve sua missionariedade própria; Na Igreja da Idade Média a missão obedeceu outro modo de ser e agir; a Igreja na Modernidade, com seus brilhos e suas trevas, incluindo a reforma protestante e suas implicações, foi diferente; e a Igreja contemporânea, impulsionada pelo Concílio Vaticano II e as diversas conferências episcopais, nos dá outra perspectiva de missão. Pode-se dizer, portanto, que há várias semânticas na missionariedade da Igreja.

Tal evolução histórica pode ser lida como um processo que vai desenvolvendo diversos referenciais missionários, tal qual se entende “paradigma” em Thomas Khun, como “uma matriz disciplinar que comanda uma época ou um tempo específico” (KUHN, 1994, p. 125). O autor afirma que as mudanças de paradigma são revolucionárias, pois, “acontecem episódios de desenvolvimento não cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior” (KUHN, 1994, p.125). Tal mudança de paradigma promove inevitavelmente uma mudança semântica, com deslocamentos de conteúdo e ênfases. O mapeamento de tal semântica é um “exercício de aproximação hermenêutica” a fim de “descobrir o sentido originário oculto, sob a letra” (GEFFRÉ, 1989, p. 34) O presente trabalho tem por objetivo mapear a semântica missionária de Francisco, presente desde o Documento de Aparecida até sua proposta de Igreja em Saída.

Como destacado anteriormente, não se pretende aqui fazer do texto, uma análise paradigmática de toda a história eclesial, mas identificar como o Papa Francisco se situa na contemporaneidade, inserindo e promovendo uma nova semântica missionária, expressado principalmente na sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (EG), porém não sem influência do Documento de Aparecida (DA). Deste modo, há duas coisas a se considerar: Como a semântica de Aparecida influencia a *Evangelii gaudium* e o que esta acrescenta em relação àquela. Dito de

outro modo, como a semântica missionária de Francisco se desenvolve em sua proposta de uma Igreja em saída missionária a partir dos dois documentos.

Para tanto, neste primeiro capítulo, é importante perceber que a mudança de da semântica missionária é uma constante na história da Igreja.

A questão da semântica permite identificar distintas ênfases entre pontificados. A semântica magisterial do Papa João Paulo II (1978 a 2005), por exemplo, incorporou elementos de sentido para uma Igreja *ad extra* da cúria romana, verificando-se especialmente no diálogo inter-religioso. Também deu continuidade a incorporação da semântica dos Direitos Humanos, iniciada com João XXIII. A semântica magisterial do Papa Bento XVI (2005 – 2013), reforça um sentido de “cátedra” e, nesse aspecto, tem uma recepção maior em cenários eclesiais tradicionais (LIBÂNIO, 2001, p. 18).

Com Francisco, a semântica missionária ganha impulso em seu pontificado, com novas ênfases, em relação a semântica da Nova Evangelização de João Paulo II, que enfatizava o sentido de novidade nos aspectos de “ardor, método e expressão”¹. Em Francisco a novidade se dá na dinâmica de saída da Igreja da sua autoreferencialidade para o encontro com o outro. “Desse encontro nasce a tarefa missionária diante do desconhecido e o discernimento da caridade na relação com o outro” (VILLAS BOAS, 2014, p. 14).

Segundo *Gaeta*, especialista em temas religiosos é do próprio Francisco as seguintes palavras:

se olharmos a história, as formas religiosas do catolicismo, mudaram consideravelmente. O Estado Pontifício, no qual o poder temporal estava unido com o poder espiritual, era uma deformação do cristianismo e não correspondia àquilo que Jesus queria e aquilo que Deus quer [...] as transformações acontecem de diversas formas no decorrer do tempo, sem alterar o dogma. No futuro, haverá formas distintas de adequar-se às novas épocas, como hoje há modos distintos em relação aos anos do absolutismo (2013, p. 46).

Entende-se que uma questão elementar para os cristãos na atualidade, é a compreensão do que venha a ser sair do autorreferencial de sentido que condicionam a teologia e a pastoral. Por vezes, vive-se no conforto e na segurança, de “túmulos” fechados. Em cativeiros. Outras vezes, animados com pequenos progressos que se faz dentro de um sentido de missão herdado de uma semântica

¹ Expressões usadas pela primeira vez por João Paulo II numa conferência do CELAM no Haiti em 1983.

anacrônica, esquece-se que se está preso a eles. Então, existem situações na vida da Igreja que é necessário escolher entre o certo e o cômodo. Não é fácil assimilar uma nova semântica e suas consequências pastorais e missionárias, especialmente quando enclausurada em narrativas burocráticas, legalismos canônicos ou em esquemas sistemáticos predeterminados que subestimam o espírito missionário. Nesse sentido, uma nova semântica, não é apenas uma nova linguagem ou expressão, mas uma revisão de identidade e sentido de ser.

1.1 A SEMÂNTICA MISSIONÁRIA DA IGREJA NASCENTE

Na semântica da Igreja Nascente, que abrange o período da páscoa cristã até o Imperador Constantino, não é estranha a ela o sentido do cuidado com os pobres, bem como o anúncio do Reino de Deus proclamado por Jesus, como boa notícia para os pobres, enfatizando o sentido de partilha, fraternidade, de um novo estilo de vida onde “os cristãos tinham tudo em comum” (At 2,44). Essa ênfase provocava razões de recusa em um grupo mais abastado pela exigência implícita que carregava. A nova semântica cristã se instala no império romano de modo conflituoso, pois não se reconhecia o cristianismo como uma Religião, e portanto, os cristãos não tinham sua cidadania reconhecida, não tinham nem cemitérios para enterrar seus mortos em lugares públicos. Na verdade, para o império romano, o cristianismo era uma espécie de ameaça. O modo de vida cristão não era nada bem-vindo naquele ambiente imperialista (At 1,15; 1,13; 1,15ss; 2,1; 12,12 2,46; 4,32; 2,44ss; 4,32; 4,34-37).

A linguagem e o sentido da missão no cristianismo nascente se desenvolvia à partir de pequenos grupos contrahegemônicos, sob a metáfora de fermento na massa. No mundo do império romano, poucos, realmente, sabiam quem eram os cristãos. Como os cristãos não possuíam templos, eles se encontravam escondidos em suas casas ou certos abrigos, que mais tarde os romanos chamaram de catacumbas, para repartir o pão e celebrar o mistério do Cristo ressuscitado (At 2,46; At 12,12). Nas palavras de *Pierrard*:

os membros das pequenas comunidades, a Igreja que Jesus deixara em Jerusalém após sua Ascensão, apresentavam-se como judeus que viviam sua religião de maneira mais pura que seus pais, pois, transcendendo o

ensinamento bastante elevado mas ritualista dos fariseus, eles tinham como referência as palavras do mestre (1982, p. 18).

Naquele momento, a semântica de uma Igreja forte e poderosa imediatamente depois da morte e ressurreição de Cristo, não era parte das narrativas da comunidade primitiva. O que havia eram grupos muito reduzidos. Não tinham: liturgia, templos, textos sagrados, hierarquia constituída, direito canônico e sacramentos. Era uma espécie de movimento que mais tarde se institucionalizou na Igreja. Os atos dos apóstolos, hoje texto que carrega uma semântica sagrada, retrata, não sem certa idealização, as atitudes dos primeiros seguidores de Jesus Cristo, num ambiente pequeno e pobre (BETTO, 1989, p. 76-77).

Outra característica da semântica da Igreja Nascente foi a incorporação das diversas formas de apologias devido as várias perseguições, porém, muito diferente da semântica apologética de épocas de Reforma e Contrarreforma. A semântica apologética dos primeiros cristãos situava-se na apresentação do Cristianismo como um grupo preocupado com a vida pública, e disposto a se responsabilizar por ela, especialmente a partir dos mais fracos. As discussões doutrinárias estavam em segundo plano. Esse era o modo de superar os preconceitos pelos quais os perseguiam, apedrejavam, crucificavam, açoitavam e caluniavam, chegando mesmo a tornar-se uma espécie de espetáculo nas arenas onde os convertidos eram expostos aos leões e aos gladiadores romanos para serem exterminados junto com outros inimigos do império, e aquilo se tornava uma grande festa pública (MINÚNCIO FÉLIX, 1993, p. 34).

Aos poucos a semântica apologética foi evoluindo de “testemunho” como sinal de fidelidade dos cristãos a um sentido de vida caracterizado pelo seguimento de Jesus Cristo, para o significado de martírio, como morte e resistência a perseguição imperial. Mártir é aquele que testemunha a ressurreição de Cristo, inclusive com seu sangue. Ser mártir era testemunhar Cristo diante da morte e os primeiros cristãos, junto com os apóstolos, a começar por Estevão, o primeiro mártir (At 7,58-60), testemunhavam Jesus Cristo até as últimas consequências que era a morte horrível a que eram submetidos.

O que mais importava na semântica dos primeiros cristãos era a fidelidade a Jesus e a experiência do ressuscitado como fundamento da fé dos discípulos seguidores, e não uma semântica doutrinária e/ou dogmática. Os recém-convertidos,

em primeiro lugar, mesmo antes do batismo, professavam a fé no ressuscitado, se tornavam discípulos e missionários e viviam seus ensinamentos com todas as implicações dessa profissão de fé.

Pode-se verificar que com a perseguição surgiu a missão *Ad gentes*, e nessa semântica já está presente, de algum modo, o sentido de uma Igreja em saída. Saiu de Jerusalém e avançou pelo vasto império romano, convertendo pagãos, judeus e todos os que se afinavam com o modo cristão de ser. Rapidamente e principalmente através do grande missionário Paulo, a Igreja atingiu a Grécia, Roma, vários lugares da Ásia menor e outros povos. Isso vem revelar um pouco a essência da identidade cristã. Uma Igreja em saída missionária, aberta, dinâmica, de diálogo com o diferente e ecumênica.

Houve também momentos de tensão sobre o sentido da vida cristã, um choque de narrativas e práticas inerentes a elas de modo que a relação entre os judeus e cristãos era um tanto complexa por causa da tradicional cultura e religião judaicas e a novidade do cristianismo. A discussão teológica sobre a humanidade e a divindade de Jesus também gerou alguns desconfortos até se assimilar um consenso semântico no que diz respeito à tradição dogmática. Também não havia clareza de sentido sobre o rito batismal (batismo de água ou circuncisão), o discurso para os gregos precisou ser diferente, mais filosófico, os judeus demoraram entender que o cristianismo era outra religião (pensavam que era uma seita judaica) e o papel das mulheres na Igreja Nascente era controvertido. De fato, a consolidação de uma semântica é um processo dinâmico e carregado de tensões, luzes e sombras que se interpelam.

1.2 A SEMÂNTICA MISSIONÁRIA DA IGREJA NA IDADE MÉDIA

Chamaremos de Idade Média na história do cristianismo, o período que vai do ano 313 até o ano 1500, aproximadamente. Essa delimitação é um pouco diferente daquela da História Geral. No ano 313 aconteceu a suposta conversão do Imperador Constantino e no ano 325 houve o histórico e importante “Edito de Constantino”, o imperador romano que percebeu que era inútil perseguir o cristianismo como era e será sempre inútil perseguir uma verdade que o povo abraça. A verdade se impõe por si mesma e requer espaços. Constantino usou então, uma velha tática dos poderosos: “quando o inimigo é muito forte, melhor é fazer uma aliança com ele”

(RANK, 2015, p. 85). Pelo “Edito de Constantino” o cristianismo, subitamente e por estratégia do imperador, passou a ser então, mais uma religião oficial do império. Tornou-se reconhecido, e assim, um caminho ideológico para a expansão e fortalecimento do império romano. Constantino convocou um Concílio (Concílio de Nicéia) e a partir disto, o cristianismo foi sendo reconhecido em todo o império e legitimado por outros concílios posteriores como o de Éfeso, Calcedônia, Constantinopla e Latrão.

Com a oficialização do cristianismo, o paganismo perdeu força. O paganismo era uma religião muito rica, com seus símbolos, ritos e mitos próprios, com traços orientais, e adoravam o deus sol. Os pagãos eram povos com cultura própria, na maioria pobre, não se interessavam pelo trabalho produtivo e possuíam características tribais. Não houve diálogo com os pagãos na Idade Média. O cristianismo simplesmente tomou conta do mundo romano.

A semântica que resulta dessa época, nas narrativas da História, costuma compreender a missão em sentido de Cristandade. É uma fusão entre cristianismo e sociedade, ou seja, entre Igreja e Estado. Não havia mais limites definidos, pois tudo era mais ou menos o mesmo. Eram os papas que coroavam os imperadores e eram os imperadores que escolhiam e legitimavam os papas. A Igreja se tornou simplesmente uma espécie de braço estendido do Império Romano, apoiando, sacralizando e dando toda a sustentação política necessária aos imperadores. Foi assim que começou uma semântica diferenciada na missão. Na Teologia se dizia que a salvação passava exclusivamente pela Igreja. “*Ecclesia domus Dei et porta caeli*”. Nas catedrais e templos, eram desenhadas cenas do juízo final, representando a salvação dos fieis ou a condenação dos não cristãos. A arquitetura dos templos era elevada, nas colinas das cidades, para representar o poder da cruz e a elevação do espírito cristão.

A Patrística surge naquele contexto eclesial. Temos hoje uma disciplina na Teologia que chamamos Patrologia, que estuda a doutrina dos santos padres da época da Patrística. A maioria desses padres, chamados hoje de santos doutores da patrística, viveram no início da Idade Média e foram os primeiros responsáveis pela consistência e elaboração teológica da doutrina cristã.

O principal objetivo dos padres da patrística era combater os erros (heresias) doutrinários que contaminavam a Igreja na sua relação com outras culturas, e dar formalidade doutrinária ao cristianismo enquanto tradição religiosa, para não se

confundir com outros credos, seitas e filosofias das mais diversas. A semântica teológica que brotou da patrística foi, em toda a Idade Média, e em parte até hoje, um pilar de sustentação para a catequese, e a unidade da Igreja. É uma doutrina serena, de conceitos básicos que dá os princípios elementares para todas as correntes teológicas que vieram depois, bem como os discursos diversos no modo de ser e agir dos cristãos. Entretanto, diz Hamman:

os padres da patrística não escreveram para nos dar matéria para teses de doutorado, mas para instruir, corrigir seu rebanho [...]. São sermões, livros de exortação e cartas para esclarecer os seus fiéis. São quase todos bispos, não tinham a preocupação em organizar sistemas de teologias mas sim de ajudar as almas encontrar o caminho da salvação (1995, p. 178).

Os principais padres da patrística, que merecem ser estudados com maior força na Teologia são: Agostinho de Hipona (Santo Agostinho); Ambrósio de Milão (Santo Ambrósio); Atanásio de Alexandria (Santo Atanásio); Cipriano de Cartago (São Cipriano); Clemente de Roma (São Clemente); Hipólito de Roma (Santo Hipólito); Inácio de Antioquia (Santo Inácio); São Jerônimo e Tertuliano de Cartago (filósofo cristão). Foram, portanto, os santos padres da patrística, naquele contexto, que garantiram uma nova semântica nos fundamentos da doutrina cristã como: Trindade, Sacramentos, Maria, Redenção, Escatologia, Pecado, Graça, Eclesiologia e outros temas que com o passar do tempo tiveram modificações nas suas abordagens.

As cruzadas foram outro elemento daquele período. A semântica das cruzadas engloba muitos aspectos.

não se pode ignorar o aspecto religioso das cruzadas. O homem medieval era antes de tudo um servidor de Deus. Combater o infiel muçulmano, se lhe dava satisfação material, representava também a salvação eterna (ARRUDA; PILETTI, 2001, p. 100).

Entretanto, em uma leitura mais crítica do fenômeno das cruzadas, podemos observar outras causas como, por exemplo, a conquista de novas terras dado a crise do feudalismo na Europa e a necessidade de expansão europeia posto que o oriente era uma fonte de riquezas, entre tantas outras causas secundárias.

Encorajados pelo papa, com promessas de indulgências e perdão dos pecados, somando-se a isso o espírito de aventura e missão, grandes exércitos de cristãos, carregando a cruz de Cristo nas vestes e nas armas, invadiram o oriente, massacrando tudo e todos os que a eles se opunham, saqueando e roubando. Foram oito grandes cruzadas até o ano 1523, lamentavelmente sem sucesso, pois o Oriente ainda pertence aos árabes. Todavia,

uma das consequências das cruzadas foi o contato entre civilizações: cristãos, muçulmanos e bizantinos. Outro aspecto importante dessas expedições foi o fortalecimento político e econômico da Igreja de Roma, impulsionadora das cruzadas (MOTA; BRAIK, 2002, p. 90).

Inaugurava-se também uma semântica bélica de missão, que se desdobra na prática da inquisição na igreja por volta do ano 1200 e se estende até o ano 1859 quando o papado extinguiu completamente o que se chamou de Tribunal do Santo Ofício da Inquisição. Esta prática surgiu na Igreja como semântica missionária litigiosa, com o objetivo de enfrentar os erros (heresias) doutrinários, os desvios e os consequentes cismas (divisões) no cristianismo que não devia se fragmentar, e evolui para a perseguição sistemática de hereges.

Os principais movimentos considerados heréticos na época eram: crítica às autoridades eclesiásticas, crítica ao casamento monogâmico, discordância do celibato sacerdotal, costumes judaizantes e islâmicos (agir como judeus e muçulmanos) e crenças alheias à fé cristã, como a bruxaria.

Junto com as Cruzadas e a Inquisição e em nome do axioma “fora da Igreja não há salvação”, a semântica missionária garantiu a sustentação da prática de se destruir sinagogas judaicas e mesquitas islâmicas, bem como castigar os que tinham qualquer simpatia com judeus e muçulmanos. Os judeus precisavam ser castigados. Todos os bens que pertenciam aos que eram inquiridos e considerados hereges foram confiscados para a Igreja.

Mas há também autores que analisam a Inquisição com menor grau de denúncia ética e moral, como é o caso de um artigo de sessenta páginas, publicado do Secretariado Nacional de Defesa da Fé em 1959:

a Inquisição constituiu-se pois pela reunião do tribunal do Santo Ofício com o tribunal civil. Tinha dois ‘braços’: O primeiro era o braço eclesiástico, que inquiria (Inquisição), corrigia e finalmente julgava os delitos de heresia. Sua finalidade principal não era vingar e castigar, mas corrigir e emendar. O segundo braço era o secular, a quem eram entregues os réus convictos e contumazes, para serem castigados segundo as leis civis (BERNARD, 1959, p. 7).

O modelo missionário da Igreja na Idade Média também contou com o surgimento dos mosteiros. É o período que vai entre os anos 548 (São Bento) e 1153 (São Bernardo) também chamado de séculos monásticos, ou “era monástica”, enfim, época da florescência dos grandes mosteiros que tanta diferença fizeram e ainda fazem para a espiritualidade cristã.

Os mosteiros eram grandes fortificações, possuíam também grande quantidade de terra e patrimônio doado pelos Estados, que não queriam nenhuma confrontação com os religiosos monásticos e em função disso doavam heranças e poder ao abade (superior dos monges). O clero secular já estava nas mãos do sistema imperial, porém, não os monges, porque o sistema não tinha acesso a eles, às suas regras e bibliotecas. Ao redor dos mosteiros formavam-se cidades e vilas e tudo girava em função daquilo: produção de alimento, espiritualidade, educação, saúde e vida social.

Há então quatro pilares que sustentam a semântica da Igreja na Idade Média: Patrística, Mosteiros, Inquisição e cruzadas. Articulados entre si, esses pilares alicerçam a missionariedade daquilo que também se chamou de cristandade.

1.3 A SEMÂNTICA MISSIONÁRIA MODERNA

1.3.1 Alguns aspectos da Modernidade

A grande revolução que originou o paradigma moderno foi o surgimento da ciência, que é fruto do racionalismo. No início da ciência moderna temos Nicolau Copérnico (1473 -1543), que se opôs à concepção geocêntrica, de um mundo que se espelhava na concepção medieval da Bíblia, quando era entendida como um livro de natureza científica:

há quase cinco séculos, *Nicolau Copérnico*, ressuscitou uma hipótese que o antigo astrônomo grego *Aristarco* tinha sugerido em primeiro lugar. Longe de ocupar o centro do cosmos, disse Copérnico, a Terra pertence à família de planetas que orbitam o Sol (TYSON, 2015, p. 215).

Mais tarde, com Galilei Galileu (1564 - 1642) e Isaque Newton (1643 - 1727), a ciência tomou corpo, assumindo seu apogeu com as leis da Física. Na Filosofia toma corpo o método analítico de René Descartes (1596 -1650). É o modo racionalista de entender o mundo. Daí o racionalismo se torna “pai” da ciência moderna e do paradigma moderno, o que terá implicações na missiologia.

O Racionalismo é uma corrente filosófica que afirma que a verdade é aquilo que passa pelo crivo da razão, isto é, aquilo que pode ser apreendido pelo conhecimento humano, pela inteligência. Verdade, para o racionalismo, é aquilo que pode ser qualificado, quantificado, medido, comprovado pelo método cartesiano na

teoria do conhecimento. A verdade, na modernidade, então, tornou-se científica, positiva, comprovada.

René Descartes está no “marco zero” da filosofia que deu o rumo da modernidade. Ele rejeitou todo o conhecimento que não podia ser comprovado racionalmente e propôs como verdade aquilo que passa pelo seu método analítico. O Racionalismo consagrou o método indutivo, a análise empírica, o particular, o fenomenológico, como ponto de partida. Conhecer é entender o fenômeno. O método analítico de Descartes consiste em decompor o todo em partes e estudá-las separadamente para depois melhor entender o todo. A figura simbólica, que representa a natureza, é a máquina, ou um relógio, que deverá ser entendido a partir das partes que o compõem:

a fabricação de relógios, em especial, atingira um alto grau de perfeição na época de Descartes; o relógio era, pois, um modelo privilegiado para outras máquinas automáticas. Descartes comparou o corpo dos animais a um ‘relógio’ composto de rodas e molas e estendeu esta comparação ao corpo humano (CAPRA, 1982, p. 57).

A ciência moderna se fundamentou neste referencial. Descartes (na filosofia) e Francis Bacon (na ciência empírica) representam os pilares da modernidade, assim como Sócrates representou um marco divisor para a filosofia antiga.

A observação de fenômenos que se repetem, induz o cientista a formular leis que dão origem às teorias. Um conjunto de leis pode dar origem a uma teoria sobre uma realidade qualquer: realidade social, antropológica, química, física, biológica. Ora, uma ciência é composta de teorias e é a soma de algumas teorias sobre a física, por exemplo, que dá origem, então, a uma ciência chamada Física, e isto vale para a Matemática, a Biologia e outras ciências. No princípio, estão sempre os fenômenos a serem observados. Da observação surgem hipóteses, e estas, deverão ser comprovadas pelo método experimental.

Os cientistas tornaram-se filósofos. Diz Edgar Morin:

a ciência contemporânea desemboca em problemas filosóficos fundamentais e propõe novos conceitos filosóficos. Do mesmo modo, não acredito em nenhuma filosofia fechada que ignore a prodigiosa aventura do conhecimento que é a aventura científica (GUITA, 1993, p. 86).

Antes da filosofia clássica que tem início a partir de Sócrates, a explicação do mundo era mitológica. Na filosofia clássica, a racionalidade migrou do mito para a busca da essência que constitui as coisas. É a racionalidade da metafísica, principalmente a metafísica platônica, que é essencialista. Para explicar a essência,

os filósofos antigos criaram categorias metafísicas que chamaram de: *logos* (Heráclito), ser (Parmênides) ideias eternas (Platão), forma (Aristóteles), alma, espírito, verbo (Cristianismo). O racionalismo moderno perguntou depois o que era aquilo concretamente. Chegar à essência das coisas, ao *logos* gerador do universo, explicar o *logos* enquanto princípio de verdade, coube ao pensamento metafísico dar conta.

O pensamento metafísico diz respeito, então, a uma ordem de conhecimentos variados, que estão além das coisas sensíveis. Metafísica é aquilo que está além do mundo físico, além da aparência, além da natureza dos seres assim como eles se constituem e são percebidos. Uma reflexão metafísica transcende o real enquanto perceptível aos sentidos. Pensar metafisicamente é pensar a realidade enquanto princípio universal, e isto vai além dos fenômenos.

Mas é o racionalismo que se constrói com o Movimento Renascentista (séculos XV e XVI) e atinge seu ponto alto no Iluminismo (século XVIII). A reflexão filosófica na modernidade se desloca para esta racionalidade, o que contribui para o declínio do pensamento metafísico tradicional, especialmente o religioso, que na Idade Média, fundiu-se com a Metafísica do ponto de vista filosófico:

na nova concepção de mundo que veio substituir a concepção medieval, o homem, no seu sentido mais genérico, era a preocupação central. As relações Deus-homem que eram enfatizadas pelo teocentrismo medieval foram substituídas pelas relações homem-natureza (ANDERY, 1988, p. 170).

Este racionalismo de origem cartesiana é depois seguido por *Spinoza*, por *Leibniz*, por *Wolff* e outros. Deus passou a ser uma espécie de garantia para a verdade, mas a verdade mesmo começou a brotar da comprovação científica.

Chega-se a *Emanuel Kant* (1724 - 1804) que reflete em sua filosofia o que havia de mais forte no pensamento moderno em sua época: o indivíduo, a liberdade, o homem. São valores da burguesia alemã, somados com o Racionalismo que depois da Revolução Industrial na Inglaterra tomou espaço também na França e na Alemanha. Um humanismo sem Deus.

Para *Kant*, o conhecimento não pode ser produzido sem que haja o objeto para desencadear a ação do pensamento. É necessário, portanto, o objeto empírico e o sujeito pensante para que o conhecimento seja produzido, e todo o conhecimento começa com a experiência de algo que possa ser captado pelos sentidos. O conhecimento racional provém das sensações. É a partir de *Kant* que se

aprofundou a Teoria do Conhecimento calcada na relação entre o sujeito e o objeto. É desta relação entre quem conhece, e o objeto a ser conhecido que nasce a verdade na modernidade. Deus não pode ser conhecido.

Mas este racionalismo moderno dá sinais de fragilidade, já há algumas décadas. É atual a palavra: restauração. Parece até que cria corpo, cada vez mais, um saudosismo do passado. Parece também, que a ciência que temos, não dá mais tanta segurança.

O fato é que as narrativas míticas, as doutrinas religiosas, a metafísica, refletiam em sua racionalidade, uma totalidade que a ciência moderna perdeu quando se afogou na especialização, na fragmentação e no objeto.

Um pensador pós-kantiano, que ainda ousou retomar o discurso do Ser, a Ontologia na perspectiva existencialista, fazendo um contraponto com o discurso cientificista do Positivismo, foi *Martin Heidegger* (1889-1976). Ele escreveu sua principal obra, *O Ser e o Tempo*, em 1929, na qual explora a condição humana de ser-no-mundo e ser-com-os-outros, falando do problema da morte, da linguagem da poesia como linguagem do ser e da angústia humana.

Heidegger propõe, em seu pensamento, a ideia de que ser humano é ser projeto, transcendência. O sentido da existência está em transcender-se e as coisas existem para este fim. Se a ciência e a tecnologia não estiverem a serviço do sentido do homem no mundo, da transcendência, elas não cumprem a função de serem instrumentos a fim de algo maior. Assim expõem *Reale e Antisieri*:

a técnica não é um instrumento neutro na mão do homem. Ela é o resultado natural daquele desenvolvimento pelo qual, esquecendo o Ser, o homem se deixou arrastar pelas coisas, tornando a realidade puro objeto a dominar e explorar (1991, p. 591).

Porém, a *Heidegger* seguem-se os existencialistas, cujo discurso deixa de lado a controvérsia na relação entre ciência e teologia e temos então, por um lado, as ciências com suas próprias epistemologias, e por outro uma filosofia e uma teologia que se transformaram em disciplinas a mais, no grosso cabedal das disciplinas que compõe os currículos de cada curso em particular.

Mas há sinais de desencanto com a modernidade. Numa conferência proferida em junho de 1990, o filósofo alemão *Jürgen Habermas* começa dizendo:

os mestres-pensadores caíram em descrédito [...]. Até mesmo Kant vê-se colhido por essa fatalidade, isto é, como um mago de um paradigma falso, de cujo domínio intelectual precisamos nos desvencilhar (1990, p. 17).

Em seu discurso sobre ação comunicativa *Habermas* sustenta que a verdade é um empreendimento coletivo. Todo o homem reflexivo poderá ser filósofo e contribuir na construção da verdade dentro da racionalidade comunicativa.

Na modernidade o valor ontológico do ser humano ficou diminuído e fragmentado. No palco do mundo moderno brilhou a ciência, que gerou a tecnologia, e ambas foram usadas pelos meios de produção, com tamanha força, que ofuscou a imagem do homem. O ser humano foi instrumentalizado, deixando de ser um fim e tornando-se um meio para finalidades produtivas.

As perguntas existenciais sobre o sentido, a identidade do homem, a felicidade, continuam sendo feitas, mas lamentavelmente as respostas estão sendo buscadas nos fetiches oferecidos, respostas passageiras que atrapalham e por vezes anulam uma opção segura por uma transcendência que caracteriza a plenitude do ser humano, enquanto ser aberto ao mistério.

Esses interesses particulares atingem a esfera antropológica confirmando uma tese tradicional do pensamento filosófico: “O homem é o lobo do homem”. A afirmação é do pensador italiano *Tito Marcio Plauto* (205 a 184 a.C) popularizada, na modernidade, pelo filósofo *Thomas Hobbes* em sua obra: *Leviatã*. Assim é na política; que deixou de ser a arte da convivência e passou a existir para os mercados e blocos econômicos; nas Igrejas cristãs, que por carência de um autêntico ecumenismo disputaram e disputam territórios; na educação, com universidades departamentalizadas ignorando a noção de “totalidade”. A propósito do ensino superior diz *Choudhuri* criticamente:

a época moderna nos ensinou a aceitar a fragmentação como um método analítico e nos sugeriu a existência de fronteiras entre as ciências em nome do progresso e do desenvolvimento [...]. Primeiro a aceitar as divisões e depois construir pontes (1994, p. 22-23).

O demasiado apego aos interesses pessoais levou ao fracasso das utopias de modo geral. As grandes utopias que tentavam construir um mundo melhor para todos, contemplando especialmente a numerosa população marginalizada com os benefícios do progresso da sociedade, chegaram ao fim do século passado, sem terem realizado seus sonhos. Os países do Leste Europeu, a China, Cuba e outros países, apostaram numa sociedade igualitária, em que todos poderiam viver com

dignidade, após uma luta política e ideológica para eliminar as diferenças sociais e econômicas. Porém, a derrocada dos países socialistas e as dificuldades em que muitos entraram, causou uma decepção em todos os povos que alimentavam o sonho de uma igualdade social e econômica apregoada por *Karl Marx* e seus seguidores.

Mas não foi somente o fim da utopia socialista que deixou povos sem rumo. Também o liberalismo e a economia de mercado deixam povos inteiros na insegurança do futuro. O modelo produziu um grande número de marginalizados. As esperanças foram acabando e o “nada” (*niilismo*) aparece no horizonte como ameaça para aqueles que já perderam quase tudo. Diante da miséria crescente, os cidadãos se tornam reféns em sua própria casa, protegendo-se daqueles que a sociedade tornou violentos em busca de alimento ou de dinheiro. Nesta luta individualista pela sobrevivência, só existem perdedores e a vida humana se tornou mercadoria, um meio de produção.

O progresso da ciência e da tecnologia não foi sinônimo de maior felicidade e bem-estar. Afirma Buarque:

ao contrário a humanidade em muitos aspectos regrediu do ponto de vista de sua marcha para a utopia. Diferentemente do que se imaginava, as técnicas não eliminaram a fome, a violência e a ignorância e ainda serviram para aumentar a desigualdade entre os homens (1994, p. 14-15).

Até o fluir do pensamento moderno, o mundo ocidental se habituou a uma filosofia e uma teologia que davam unidade a todo o pensamento. As grandes questões do homem e do universo eram entendidas a partir de um pensamento filosófico, somando-se a isto o fato de que a civilização ocidental foi marcada pela teologia cristã que impregnou a vida e a cultura dos povos. A fragmentação no campo da ciência, da religião e da filosofia, transformou as grandes questões do ser humano em compartimentos diversos, com consequências para a família, educação, estado, política, mundo do trabalho. O subjetivismo tomou conta do pensamento, dando lugar para um crescente relativismo, atingindo também a ética. É verdade que a teologia precisa dialogar com o mundo e com a história, mas a história tornou-se uma variante de possibilidades. Diz Lopes:

ou a teologia dialoga com a história ou torna-se irrelevante para o ser humano moderno [...] isso criou um problema: a história, no século XX, do ponto de vista econômico, político, social e cultural é marcadamente plural [...] surge neste contexto a questão do pluralismo teológico (2005, p. 13).

É neste cenário que o filósofo alemão *Jürgen Habermas* propõe um novo conceito de verdade: o consenso. Para ele, a verdade não está mais nos grandes relatos, nas grandes cosmovisões. Está com todos os que procuram se aproximar dela, e discutir a partir de seus próprios referenciais.

Um encontro de *Habermas* com o cardeal *Joseph Ratzinger*, depois Papa Bento XVI, ocorreu na Academia Católica da Baviera, em Munique, no qual discutiram "as bases pré-políticas e morais do Estado democrático" (SCHÜLLER, 2007, p. 103). O Cardeal *Ratzinger* se mostrou contrário à posição de *Habermas* que defendeu o relativismo. Mais tarde o próprio *Ratzinger*, na missa *Pro elegendo Romano Pontífice* afirma: "Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades"². A controvérsia não está esgotada. Até porque ao contrário de "relativismo" é o "absolutismo", uma postura política pré-moderna.

A crise da semântica moderna está posta e se manifesta em todos os campos. Para ilustrar isto um único dado é impressionante: Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 1998), organismo da Organização das Nações Unidas (ONU), em cinquenta anos, o consumo aumentou seis vezes, principalmente o de produtos poluidores (com exceção da África onde o consumo está diminuindo um por cento ao ano), com o devido custo da degradação ambiental: consumo, lixo, extinção de espécies, aquecimento global, desmatamento. Isso tudo provocou um impacto enorme no meio ambiente.

Fritjof Capra denuncia que:

a partir de Francis Bacon, o objetivo da ciência passou a ser aquele conhecimento que pode ser usado para dominar e controlar a natureza e, hoje, ciência e tecnologia buscam sobretudo fins profundamente antiecológicos (1992, p. 51).

Esse pensamento é sustentado também por José Roque Junges quando diz que é comum se afirmar que "a tecnologia teve um crescente desenvolvimento,

² Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger, decano do Colégio Cardinalício em 18 de abril de 2005.

motivado pela ideologia do progresso, sem atender as suas repercussões sobre o ambiente” (JUNGES, 2010, p. 71). Preocupações como: empobrecimento do solo, superpopulação, desmatamento desordenado, poluição da água potável, resíduos nucleares, superconcentração de pessoas no mesmo espaço e ao mesmo tempo.

1.3.2 A Igreja na modernidade

Na alta Idade Média, uma reforma naquele modelo de Cristianismo era algo precisamente necessário e inevitável. O que talvez não fosse necessário era um cisma ou a formação de novas Igrejas separadas daquele cristianismo histórico com suas luzes e suas sombras. No entanto, as divisões aconteceram e é um fato. No início, mais por influências políticas dos Estados do que por vontade de Martinho Lutero que foi o grande precursor da reforma protestante.

É preciso entender também que Lutero, o personagem central da reforma protestante, não foi alguém isolado, pois havia muitos focos de desentendimento naquela fase do cristianismo. O movimento protestante foi muito mais do que o luteranismo. Antes de Lutero já havia iniciativas semelhantes, muitas delas abafadas pela cúria romana. Em toda a Europa, pairava um clima de descontentamento com os rumos do cristianismo, principalmente com as altas taxas de impostos que os Estados nacionais emergentes (principalmente Alemanha, Inglaterra e França), tinham que pagar para a Igreja de Roma. Por isso, certa privatização da Igreja nos Estados distantes do Vaticano era bem-vinda para esses. De maneira que, se cada Estado tivesse sua própria Igreja, os bens do Vaticano poderiam ser confiscados pelos Estados e os impostos deixariam de ser pagos. Foi exatamente o que aconteceu mais tarde. Do ponto de vista político, o protestantismo foi um bom negócio para os Estados nacionais e só não aconteceu antes por falta de consistência filosófica ou teológica. Nesse sentido, Martinho Lutero foi usado, e aconteceu aquilo que possivelmente não estava em seus próprios planos.

Lutero era um estudioso monge da ordem dos agostinianos. Conhecia as línguas bíblicas (hebraico, aramaico e grego) e era um profundo conhecedor das Sagradas Escrituras. Ele nasceu em *Eisleben*, na Alemanha em 1483. Descontente com os rumos da missão da igreja na Idade Média, Lutero bradou seu grito de reforma escrevendo algumas teses que em sua percepção deveriam ser levadas em consideração na missão da Igreja. Foram noventa e cinco teses, as quais foram

fixadas na porta das igrejas de seu país e é objeto de controvérsias ainda hoje, como: A salvação é fruto da fé e da graça de Deus e não depende das obras ou a observância das leis; a salvação não depende das mediações hierárquicas; a Bíblia é um livro do povo e deverá ser traduzida para a língua do povo; a existência de somente dois sacramentos, o Batismo e a Eucaristia, e centralização do culto na palavra (Bíblia). Temos aqui, portanto, um novo referencial semântico: a teologia protestante.

Para fazer frente aos apelos protestantes a igreja romana promoveu o Concílio de Trento que aconteceu em Trento, na Itália, entre os anos 1545 a 1563, convocado no pontificado do papa Paulo III. Foi esse Concílio que provocou na Igreja um novo modelo que é chamado de contrarreforma, ou seja, uma espécie de defesa católica em função da reforma protestante proposta por Martinho Lutero.

O Concílio de Trento foi radicalmente fechado às proposições semânticas de Lutero, principalmente com respeito à Bíblia. A Igreja Católica afirmou em Trento que a os fundamentos da autoridade da doutrina cristã não são somente as Sagradas Escrituras como dizia Lutero, mas também a tradição da Igreja. Entenda-se por tradição, a doutrina dos santos padres da patrística, a autoridade do papa e dos bispos e os costumes herdados e instituídos na história da Igreja.

Enquanto os protestantes afirmavam: somente a Bíblia e somente a Fé, os católicos diziam: a Bíblia e a Fé sim, mas também as obras, os sacramentos, os santos e a tradição do magistério da Igreja. Quando os protestantes simplificaram a doutrina e a pastoral, o modelo de Trento complexificou, mantendo os sete sacramentos, a liturgia centrada em ritos, uma forte veneração pelos santos e pela Virgem Maria e uma hierarquia com plenos poderes. A Igreja católica, em Trento, também afirmou a crença na transubstanciação, isto é, a presença de Cristo vivo na Eucaristia.

É a partir do Concílio de Trento que começam surgir grandes seminários para a formação de clérigos e religiosos missionários. As campanhas vocacionais eram intensas, os seminários acolhiam centenas de candidatos à vida sacerdotal e religiosa, e a Igreja rezava obrigatoriamente pelas vocações. Criou-se uma cultura em que toda a família católica deveria ser abençoada e santificada com uma vocação sacerdotal. Os candidatos novatos eram admitidos nos seminários ainda no Ensino Fundamental, cursando depois o Ensino Médio, a Filosofia e a Teologia, distantes da vida das comunidades de base e das famílias (distantes dos

protestantes). Lá aprendiam, além das disciplinas específicas de cada área, o latim e noções de grego para entenderem melhor as sagradas escrituras e assim se equipararem aos protestantes que consideravam a Bíblia o fundamento da Teologia além de tê-la na língua falada pelo povo.

Isso tudo aconteceu numa época em que se deram as grandes “descobertas” e conquistas marítimas: América, Brasil e a colonização de países africanos. As novas colônias emergentes sempre se afinavam religiosamente com o cristianismo levado pelo país colonizador. Assim, o Brasil, colonizado por Portugal, nação que se manteve fiel ao Vaticano, tornou-se um país predominantemente católico e isso vale para os países latino-americanos colonizados pela Espanha. Diferente disso, alguns países da África e também os Estados Unidos da América, que foram colonizadas pela Inglaterra, tornaram-se predominantemente protestantes.

Na perspectiva missionária, a Igreja católica, orientada pelas decisões do Concílio de Trento, se tornou uma Igreja fechada para as novidades da história. Uma igreja legalista (mandamentos da Igreja), católica, romana e sacramental, no sentido de que os sacramentos eram instrumentos de salvação (mediação). Nesses moldes a semântica missionária tomava corpo nas novas terras descobertas:

o Papa Gregório XVI nomeou vigários (bispos) apostólicos para as terras missionadas. Nomeou assim 195 missionários [...] Concorreram as missões católicas com as protestantes: as primeiras querendo obstaculizar ao máximo as segundas, estas pagam-lhe na mesma moeda. A evangelização, em qualquer dos campos confessionais é sempre acompanhada de um esforço humanitário e civilizador. E os missionários são muitas vezes: médicos, professores, assistentes sociais (VERDETE, 2013, p. 168-169).

As igrejas (templos) eram construídas com arquitetura romana, com altares distantes da assembleia, altos e isolados, e púlpitos para a pregação, principalmente pregações contra heresias e proselitismo contra os protestantes. As missas continuaram ser rezadas em latim, logicamente sem a participação do povo, de onde vem a expressão “assistir a missa” ou “ouvir a missa inteira”.

Trento também deu forma única para a Igreja, isto é, em todos os espaços católicos, as práticas eram idênticas, com os mesmos ritos, cânticos, liturgia, modelos de templos e os mesmos horários. Os discursos e conceitos teológicos eram produzidos e estudados nos seminários onde os padres eram formados (forma). Foi assim que a Igreja se fortaleceu, tendo o papa como pastor universal, representante de Cristo na terra. Foi uma igreja autorreferencial. Se na semântica da

Idade Média a Igreja se fundiu com o Estado, na Modernidade a Igreja se fortaleceu si mesma.

A missão era de anúncio, não tanto do mistério pascal, mas da prática eclesial e sacramental. A moral cristã (moralismo) tornou-se explícita e normativa e os pecados foram vistos mais na perspectiva da moral do que na perspectiva social. Entretanto havia também sinais e reações que mais tarde culminaram no Concílio Vaticano II:

o racionalismo seco do iluminismo começa a provocar reações: no campo da piedade movimentos de renovação, fundação de novas congregações. No campo da teologia: retorno à mística e ao sentimento, à bíblia, à história e a fé revelada. Mais decisivo é o interesse do magistério pelas questões sociais que manifestam responsabilidade nova na Igreja (FRÖHLICH, 1987, p. 151).

1.4 A SEMÂNTICA MISSIONÁRIA CONTEMPORÂNEA

A Igreja Católica viveu um momento de grande mudança em 1965, com o Concílio Vaticano II. Esse veio com sua força, no rumo da retomada do projeto de Jesus Cristo para o mundo atual, o que usualmente se chama *aggiornamento*. Nesse Concílio, a Igreja se assume como Povo de Deus, para sepultar definitivamente uma semântica de Cristandade, romano, fechado para o mundo, e inaugura um novo modelo mais evangelizador e de maior diálogo com o mundo. As implicações e efeitos do Concílio são de grande impacto.

É importante considerar que na perspectiva fenomenológica, a cultura cristã que moldou o ocidente deixou marcas no mundo inteiro. A vida e a mensagem de Jesus tornaram-se um patrimônio da humanidade. Por causa da predominância cristã, no mundo contemporâneo, Jesus Cristo foi estudado e pesquisado por todas as ideologias e todos os movimentos. Jesus ficou profundamente conhecido. Seu aspecto humano estudado no seu contexto histórico tornou a pessoa de Jesus mais compreensível. Diz Pagola, um dos pesquisadores mais recentes:

Estou convencido que Jesus é o melhor que temos na Igreja e o melhor que podemos oferecer hoje para a sociedade moderna. E mais. Creio, com muitos outros pensadores, que Jesus é o melhor que a humanidade produziu [...] o horizonte da história se empobreceria se Jesus caísse no esquecimento (2012, p. 11).

No estudo da fenomenologia religiosa e na teologia, foi aprofundada a cultura judaica e cristã no ocidente, pois o Evangelho e a expansão do cristianismo

passaram por uma forte ocidentalização e a visão de cristianismo que o mundo tem, é ocidental. Até Concílio, um passo problemático necessário para o cristianismo que não tinha sido dado totalmente, era a universalização do Evangelho nas diversas e distintas culturas. A saída para a evangelização das culturas não ocidentais, é algo que merece muitos debates e diálogo no universo das ciências humanas.

No entanto, se o aspecto humano de Jesus foi amplamente compreendido, a transcendência, no universo cristão, se dilui em opções pessoais e subjetivas que dão margem à fundamentalismos. Jesus Cristo, que teria sido sempre a referência definitiva na vida de todo o ocidente, tornou-se agora uma opção a mais, no cabedal de opções místicas da pós-modernidade. Além do que, para o homem atual, Jesus Cristo é apresentado de diversas formas. As opiniões variam entre um Deus que se fez homem, até um mito útil para pessoas de senso comum ou mesmo uma ilusão.

A fé específica em Jesus Cristo se relativizou. O sentido da vida, num mundo que agora se diz pós-moderno, deixou de ser buscado nas aspirações profundas do ser humano, na transcendência cristã, em favor de satisfações momentâneas, colocando a fé em Jesus Cristo sob suspeita. A vida tornou-se uma soma de fragmentos desconexos e a fé cristã se ressentiu profundamente desta situação.

No período renascentista, de fato, as verdades teológicas cristãs, a metafísica, foram ignoradas, deixadas de lado. Para a filosofia moderna, a partir de *Descartes*, é a experiência, o fenômeno, a realidade empírica que ocupa os espaços, em detrimento à metafísica, ao transcendente. Porém surge daí, um novo problema que também é posto na Carta Encíclica *Lumen fidei* (LF) de 2013, que diz:

na Idade Moderna, procurou-se construir a igualdade universal entre os mens baseando-se na sua igualdade; mas, pouco a pouco, fomos compreendendo que esta fraternidade, privada do referimento a um Pai comum como seu fundamento último não consegue subsistir. Por isso é necessário voltar à verdadeira luz da fraternidade (LF 54).

Num ambiente que se diz pós-moderno, os valores da modernidade estão gradativamente ruindo. O ser humano descobre que, se o desafio é a felicidade, esta tem a ver com sentido último da existência. Para além do ter e do fazer no cotidiano da vida, a resposta mais segura nos remete novamente à transcendência:

neste final de milênio e no limiar do próximo, há um grande surto de religiosidade. As várias manifestações no campo religioso, muitas vezes, se apresentam como uma inundação que, após anos de represamento, acaba rompendo as barreiras e se lança, com ímpeto incontável, nas sociedades contemporâneas. Que fazer? Fugir é impossível. Deixar-se

afogar, tampouco é uma solução desejável. Talvez seja melhor procurar um barco e navegar até encontrar um ancoradouro seguro, onde não apenas se possa escapar da catástrofe, como também busque-se entender o porquê daquilo que acontecera, procurando ânimo para construir um novo lugar onde se possa ser feliz. É preciso buscar sentido para a vida, caso se pretenda ser feliz (BETIATO; SANCHES, 1997, p. 40).

Os historiadores também concordam que:

a maneira de proceder da modernidade criou um espantoso vazio espiritual. O homem acreditou erroneamente que poderia preencher este vazio com o progresso e o bem estar material. Mas o progresso não tornou o homem melhor. Sua alma ficou ainda mais vazia e sua vida sem graça [...]. Pôr todas as suas esperanças na ciência, na tecnologia e no progresso econômico foi uma ilusão porque deixou no esquecimento que o verdadeiro progresso consiste na soma dos progressos espirituais dos indivíduos e da coletividade (ZAGHENI, 2014, p. 384).

As insuficiências desse modelo de cristianismo fizeram com que a Igreja na América Latina procurasse uma vivência e uma opção ética em vista de um homem novo, reconciliado entre si, com a natureza e com seu criador. Vivemos num continente de “injustiças institucionalizadas” (DM 5) e se a semântica missionária cristã não souber dar respostas na teologia e na pastoral, nessa conjuntura, ele perde o sentido. Surge, por isso, na América Latina, um novo rosto missionário: Uma igreja cristocêntrica, que se qualifica como povo de Deus, nos rumos do Concílio Vaticano II, com declarada opção preferencial pelos pobres, ecumênica, de discípulos e missionários. Por último é necessário salientar que os aspectos negativos da modernidade não negam as grandes conquistas feitas pela humanidade: a valorização da pessoa, através da qual o homem e a mulher afirmam sua identidade, dignidade e subjetividade, a democracia, o avanço tecnológico principalmente na área da saúde, na comunicação, na informática, na pesquisa científica.

No universo da missão, a Igreja Católica avançou de maneira muito robusta em três significativos eventos: A Conferência de Aparecida, a eleição do Papa Francisco e a publicação da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*. Esses eventos dão um novo horizonte eclesial para a missionariedade no contexto histórico. O reconhecimento destes aspectos positivos é que irão criar os alicerces da semântica missionária atual.

2. DE BERGOGLIO A FRANCISCO: TRAJETÓRIA DE UM RELIGIOSO

2.1 PRÓDROMOS DA VIDA VOCACIONAL DE JORGE MARIO BERGOGLIO

Bergoglio nasceu em Buenos Aires capital da Argentina no dia 17 de dezembro de 1936. É o primeiro filho de cinco irmãos. Seu pai, ferroviário, Mario Bergoglio, e a mãe, Regina Maria Sivori, junto com seus avós, Giovanni Ângelo Bergoglio e Rosa Margherita Vassallo migraram da Itália para a Argentina no início do século XX, mais precisamente em 1929. Jorge Mario Bergoglio estudou em escola pública e, quando adolescente, gostava de esportes, bailes e dança, especialmente o tango e a milonga. Na infância e adolescência se mostra alguém alegre, que se diverte e que pratica esporte. Diz *Himitian* (2013, p. 17) num dos capítulos de seu livro *Francesco Il Papa della Gente*: “Um papa não nasce papa”, e conta Quevedo que:

[...] nas recordações do tempo de criança figuram jogos de cartas com seu pai, às tardes de sábado ouvindo rádio com sua mãe. Aos domingos toda a família ia ao estádio de futebol torcer pelo San Lorenzo, um time de bairro fundado por um padre salesiano (2013, p. 37).

Jorge Mario Bergoglio trabalhou desde os treze anos, tanto em tempos de férias, quanto alternando com seus estudos, e sempre relacionou o trabalho com a dignidade da pessoa. Como era filho de imigrantes italianos, diz: “os imigrantes não toleravam o filho ou o neto desocupado: faziam-no trabalhar” (AMBROGUETTI, 2013, p. 35). Percebe-se então, sua dedicação ao trabalho. Um menino alegre e trabalhador.

Diz Fernando Altemeyer:

o atual papa nasceu na longa e dura estrada dos imigrantes italianos e se fez argentino, vivendo a presença do Deus libertador. Pois o Deus de Israel realiza sinais e, com sua mão forte, sempre protege o fraco e indefeso. O papa se fez caminheiro com os caminhantes (apud PASSOS; SOARES, 2013, p. 109).

Antes do despertar de sua vocação religiosa, estudou Farmácia em Buenos Aires. Narra a jornalista *Elizabetta Piqué*, da Academia Nacional de Jornalismo na Argentina, amiga pessoal do agora Papa Francisco, com larga pesquisa sobre a biografia de Jorge Mario Bergoglio:

Jorge Mario Bergoglio é um garoto de bairro, educado, inteligente, com muito senso de humor e adorava jogar bola com os amigos. Bom primogênito era muito responsável e estudava bastante além de ser um grande amante da leitura (2014, p. 43).

Sua primeira experiência de espiritualidade é atribuída à orientação de sua avó italiana Rosa Margherita Vassalo, pessoa de grande importância em sua caminhada religiosa. Casada com Giovani Bergoglio no ano de 1908 em Turim, migrou, depois, para a Argentina, para sair (fugir) das consequências da crise na Itália pela I Guerra Mundial. Sobre sua espiritualidade diz Jorge Mario Bergoglio:

quando eu era criança, a minha avó nos levava, na sexta-feira, à procissão de velas; no final dessa procissão, passava o Cristo morto e a avó fazia-nos – a nós crianças – ajoelhar e dizia-nos: ‘vejam, ele morreu, mas amanhã ressuscitará!’ e assim foi a primeira experiência de fé que tive (PIQUÉ, 2014, p. 43).

Foi um menino romântico. Aos doze anos, teve uma paixão de adolescente por uma menina chamada Amalia Dumonte, com a qual sonhou casar e formar família e para ela escreveu uma carta com o desenho de uma casa, dizendo: “esta é a casa que vou comprar quando casarmos e, se não me caso contigo me tornarei padre” (IMITIAN, 2013, p. 24).

Jorge Mario sentiu o chamado ao sacerdócio numa data precisa: 21 de setembro de 1953. Naquele dia, depois de uma confissão, Jorge Mario sentiu que algo havia mudado em sua vida. Foi uma saída para uma opção vocacional definitiva.

Aos 21 anos, uma pneumonia grave fez com que ele visse a morte de perto. Para evitá-la, os médicos tiveram que lhe tirar parte do pulmão direito. Desde aquele dia, Bergoglio convive com a deficiência pulmonar que não o condiciona gravemente, mas lhe impõe certo limite. Em entrevista publicada recentemente em *El jesuíta*, declarou que a morte é uma “companheira cotidiana que está todos os dias em meu pensamento” (AMBROGUETTI, 2013, p. 37).

Jorge Mario Bergoglio aprendeu também cozinhar:

em consequência de uma paralisia de sua mãe depois do quinto parto, seu pai preparava as refeições e os filhos aprendiam as receitas e, mais tarde, era ele quem cozinhou aos domingos para os estudantes, enquanto viveu no colégio Máximo de San Miguel (AMBROGUETTI, 2013, p. 24).

Bergoglio viveu uma vida semelhante à vida que viveram outros jovens do seu tempo, naquele país, naquela cultura. Nada de muito especial: família, alegrias, trabalho, espiritualidade, afetividade e sexualidade, esportes, doenças e muito esforço. Possivelmente esta experiência de vida foi a que o tornou depois um

homem incansável. Segundo depoimentos de quem com ele conviveu, Bergoglio não era um intelectual brilhante nem um místico.

2.2 A VOCAÇÃO RELIGIOSA

O chamado vocacional de Jorge Mario Bergoglio acontece aos 17 anos, no dia 21 de setembro de 1953, festa de São Mateus, por ocasião de uma confissão, quando experimentou a presença amorosa de Deus em sua vida: “nessa confissão me ocorreu algo raro. Não sei o que foi, mas mudou minha vida [...] foi a surpresa, o estupor de um encontro. Dei-me conta de que estavam me esperando. A experiência religiosa é isto” (AMBROGUETTI, 2013, p. 33). Depois disso imediatamente ingressou num seminário diocesano, dirigido pelos padres jesuítas.

No livro de *Evangelina Himítian: A vida de Francisco, o papa do povo*, Bergoglio fala um pouco da experiência que fez nascer sua vocação sacerdotal: “Deus me priorizou. Senti como se alguém me agarrasse por dentro e me levasse ao confessionário” (2012, p. 45-46). É nesse episódio que Jorge Mario Bergoglio se torna discípulo e é esse episódio que depois dá força para algumas de suas citações que sempre relacionam discípulo com misericórdia como: “a pessoa que dá o primeiro passo em direção a Jesus, percebe que Ele o espera de braços abertos. Deus nunca se cansa de perdoar. Somos nós que nos cansamos de pedir sua misericórdia” (EG 3).

Jorge Mario entrou na Companhia de Jesus em 11 de março de 1958, fazendo o noviciado e completando seus estudos de Filosofia e Teologia. Enquanto jesuíta, foi professor de Psicologia e Literatura no Instituto da Imaculada Conceição em Santa Fé e no Colégio de El Salvador em Buenos Aires. Foi ordenado sacerdote em 13 de dezembro de 1969, quando escreveu:

acredito na minha história que foi atravessada pelo amor de Deus. E espero a surpresa de cada dia em que se manifestarão o amor, a força, a traição e o pecado que me acompanharão até o encontro definitivo com este rosto maravilhoso que não sei como é, do qual fugi continuamente, mas que quero conhecer e amar (HIMITIAN, 2013, cap. III).

Sua formação foi jesuíta e sobre o carisma dos jesuítas contextualiza a teóloga brasileira Maria Clara Luchetti Bingemer:

a espiritualidade jesuíta é essencialmente criticêntrica e missionária... através dos exercícios espirituais o jesuíta se deixa impregnar

incessantemente pela contemplação de Jesus, nos mistérios de sua infância, na vida pública, na paixão, morte e ressurreição... a espiritualidade inaciana leva a pessoa a pensar grande, a sonhar grande, para a glória de Deus (2014).

Bergoglio foi formado segundo o esquema clássico dos jesuítas e na espiritualidade de Santo Inácio: Filosofia, Teologia, Humanidades e Espiritualidade Inaciana. O exercício das virtudes cristãs e jesuítas, foram comprovadas mais tarde quando foi diretor espiritual e confessor nas comunidades paroquiais.

Já sacerdote, em conversa com o padre *Pedro Arrupe*, então superior geral dos jesuítas, manifestou seu desejo de ir para o exterior anunciar o evangelho, como missionário cristão, ao que o padre *Arrupe* respondeu: “o senhor não é tão santo para se tornar missionário” (PIQUÉ, 2014). Padre *Pedro Arrupe*, que se tornou mais tarde seu amigo, seguia uma linha pastoral progressista, mais tarde afinada com a Teologia da Libertação, a partir da Encíclica *Populorum progressio* de Paulo VI (1967). *Arrupe*, jesuíta espanhol, ocupou o cargo de superior geral da Companhia de Jesus de 1965 até 1983.

O padre Jorge Mario Bergoglio SJ. segue então sua missão na Igreja e gradativamente se põe em saída ocupando os espaços que sua vocação lhe oferecia:

mestre de noviços, professor de Teologia e consultor da Província (1971-1973). Com apenas 36 anos, foi nomeado provincial da Província Argentina da Companhia de Jesus. Nesse cargo, Bergoglio viveu e sofreu a chamada ‘guerra suja’ da ditadura militar da Argentina (QUEVEDO, 2013, *online*).

Os jesuítas não são democráticos. O único cargo eletivo é o do superior geral. Os outros são nomeações. Diz Quevedo:

esse sistema de governo permite a tomada de decisões rápidas. Entretanto, para ser eficiente, exige que os superiores sejam homens despojados de ambições pessoais e que saibam controlar suas paixões. Homens de serviço (2013, *online*).

Bergoglio também sempre foi conhecido pelo estilo despojado e simples de viver. Durante seus anos à frente da Arquidiocese de Buenos Aires, vivia num pequeno quarto atrás da Catedral Metropolitana, cozinhava sua própria comida e usava transporte público.

Em entrevista dada à ao jesuíta *Antonio Spadaro*, Bergoglio afirma:

sou um pecador. Esta é a melhor definição. E não se trata de um gênero literário ou um modo de falar. Sou um pecador. [...] posso talvez dizer que sou um pouco astuto, sei mover-me, mas é verdade que sou também um

pouco ingênuo. Mas a melhor síntese, aquela que me vem de dentro e que sinto mais verdadeira é esta: sou um pecador (IHU, 2014, *online*).

Bergoglio foi: formador, professor e superior provincial da Companhia de Jesus na Argentina. Naquela época (1970 – 1980) a Igreja na América Latina vivia uma divisão entre os que preferiam manter afinidade com os governos das ditaduras e os que se afinavam com a corrente teológica da libertação, com a opção preferencial pelos pobres, na linha de evangelização da Conferência de Medellín em 1968. A América Latina vivia anos de turbulência política e ideológica e a Igreja mostrava cada vez mais seu rosto latino americano com mártires como *Oscar Romero* de El Salvador e grandes líderes como Helder Câmara no Brasil. Bergoglio não abraçou explicitamente a Teologia da Libertação, porém também não a combateu, e tinha muitos amigos ligados a essa corrente. Em depoimento ao vaticanista *John Allen*, o historiador argentino Roberto Basca afirma que “Bergoglio, na década de 70, se opunha ao movimento guerrilheiro e não à Teologia da Libertação em si, mas se mantinha fiel à opção preferencial pelos pobres” (ALLEN JR., 2013 *online*). Há que se dizer que alguns estudantes jesuítas, na época de Bergoglio, se envolveram na luta armada contra o governo militar da Argentina, algo que não faziam parte dos princípios de Bergoglio.

Uma imediata atitude do agora papa Francisco foi reabrir a causa da canonização de Oscar Romero de El Salvador, assassinado em 1980 pelo exército salvadorenho por defender a causa do povo. Romero sempre foi um personagem ícone da Teologia da Libertação. O processo permanecia bloqueado nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI.

Em lugar da Teologia da Libertação Bergoglio abraçou com maior intensidade aquilo que na Argentina se chamou de Teologia do Povo, ou Teologia da Cultura. Esta, valoriza a participação dos leigos na Igreja e que na opinião de alguns é mais uma teologia oral do que acadêmica. Sobre a Teologia do Povo argumenta o teólogo argentino *Galli*:

é um ramo da Teologia da Libertação, ou um prolongamento, cujo foco é a religiosidade ou piedade popular ou uma teologia inculturada, que valoriza o conhecimento sapiencial, ou a sabedoria popular. Enquanto a Teologia da Libertação tem o seu foco nas questões socioeconômicas e políticas (2014, *online*).

Segundo outro teólogo argentino *Scannone*,

a Teologia da Libertação é produzida a partir da opção preferencial pelos pobres e usa como mediação não somente a filosofia, mas todas as outras ciências humanas e sociais e algumas correntes usam a análise marxista ao passo que a Teologia do Povo usa como mediação a história e a cultura, por isso também é chamada de teologia da Cultura (2015, *online*).

Enquanto provincial Bergoglio dedicou grande parte do seu tempo à administração e à pastoral. Também transferiu a cúria dos jesuítas da província da Argentina para São Miguel e saldou as dívidas da universidade de El Salvador, confiando a administração da mesma para um grupo de leigos. Incentivou a animação vocacional e a religiosidade popular, principalmente nas regiões mais carentes da Argentina.

Sabemos que a Companhia de Jesus nasceu para a missão, isto é, para estar a serviço da ação missionária da Igreja e Jorge Mario Bergoglio carrega esta marca missionária que certamente irá influenciar as grandes opções do seu pontificado. Diz Miranda:

será uma eclesiologia missionária, voltada para a sociedade, a serviço da humanidade imbuída dos valores evangélicos de fraternidade, de justiça, de perdão [...] Uma Igreja cuja preocupação não se esgote na auto conservação, mas a serviço do Reino de Deus (PASSOS; SOARES, 2013, p. 136).

2.3 BISPO, ARCEBISPO E CARDEAL DE BUENOS AIRES

Em 1992, o cardeal *Antonio Quarracino*, arcebispo de Buenos Aires, indicou Bergoglio para ser seu bispo auxiliar, quando disse: “é um jesuíta sereno e preciso. Ele tem uma capacidade e uma velocidade mental fora do comum” (PALACIOS; GODOY, 2013, *online*).

Bergoglio foi ordenado bispo em 27 de junho de 1992, arcebispo coadjutor de Buenos Aires em 1997 e, em 28 de fevereiro de 1998, sucedeu o cardeal *Quarracino* como arcebispo de Buenos Aires.

Como bispo e arcebispo, Bergoglio incentivou os padres chamados *villeros*, os que trabalhavam nas favelas da Argentina. Ele não pedia somente que visitassem as favelas. Muito mais que isso, insistia que morassem nas vilas e compartilhassem suas vidas com as pessoas, aprendendo com os pobres o significado bíblico da palavra evangelização. Ele mesmo frequentava as favelas, fazia refeições com os pobres e tomava chimarrão em rodas, na mesma cuia dos viciados de quem era

amigo e conselheiro. Há muitos testemunhos de que Bergoglio lavou os pés das pessoas mais pobres e servos da Igreja.

Quando assume o arcebispado, Jorge Mario Bergoglio dispensa cerimônia de posse e abdica morar no palácio episcopal, a ter motorista particular e não vestia roupas luxuosas. Transformou o escritório oficial em depósito de alimentos. Usuário de transporte público, rejeitava guarda-costas, o que assim continuará fazendo quando eleito papa. “A palavra de ordem é bíblica e evangélica: os pastores precisam ter cheiro de ovelhas” (Jo 10; Ez 37), expressão usada em 18 de março de 2013 na celebração da bênção do óleo da crisma na basílica do Vaticano.

Ainda como arcebispo de Buenos Aires, Bergoglio fortaleceu um projeto missionário na linha da evangelização e comunhão, projeto afinado com a Teologia do Povo que, como já foi dito, nasceu na Argentina como um prolongamento da Teologia da Libertação.

Convoca seus padres e ele próprio vai ao encontro do povo nas periferias de Buenos Aires. Não celebra mais a tradicional cerimônia de lava-pés na catedral metropolitana, mas nos hospitais, prisões e maternidades, onde se aproxima dos doentes, beijando os pés de crianças e de portadores de AIDS.

Em sua história, o cardeal Bergoglio se mostra sempre aberto ao novo, tanto em atitudes quanto em proposições. No ano 2007, numa entrevista em Roma, o cardeal pronunciou algo que é parte integrante do seu modo de ser alguém sempre em saída:

se a pessoa permanece no Senhor, sai de si mesma. Paradoxalmente, pelo fato de permanecer, se a pessoa é fiel, ela muda. Não se permanece fiel à letra, como os tradicionalistas ou os fundamentalistas. A fidelidade é sempre uma mudança, um florescimento, um crescimento. O Senhor realiza uma mudança naquele que é fiel a Ele. É a doutrina católica (2007, n.11).

O cardeal Bergoglio protagonizava com discursos e atitudes, aquilo que hoje dá força para alguns de seus apelos. Em recente entrevista ao jornal italiano *La Stampa*, Bergoglio afirma que a atenção pelos pobres é evangelho, não comunismo:

‘a atenção pelos pobres está no Evangelho e na tradição da Igreja, não é uma invenção do comunismo e não devemos fazer dela uma ideologia’, assim explica o Papa Francisco a continuidade, na tradição da Igreja, da ‘opção preferencial pelos pobres’. ‘Uma atenção que tem a sua origem no Evangelho - reitera – documentada já nos primeiros séculos do cristianismo’ [...] As suas homilias não podem ser consideradas ‘marxistas’, explica o Papa Francisco, porque quando ‘a Igreja convida a vencer a ‘globalização da indiferença’ está longe de qualquer interesse político e de qualquer ideologia’. Ela é ‘movida apenas pelas palavras de Jesus’ e ‘quer dar o seu

contributo na construção de um mundo onde se protege e se cuida uns aos outros' (RADIO VATICANO, 2015, *online*).

Bergoglio foi um bispo, um arcebispo e um cardeal simples e profundo em suas convicções, seus propósitos e na espiritualidade. Talvez, uma das suas lições seja esta: para ser profundo não é precisamente necessário ser complexo. Aquilo que é complexo poderá ser vulnerável, e o que realmente é profundo, poderá estar na simplicidade o que pastoralmente, se encontra nas favelas, onde, segundo Bergoglio, humanamente, está o maior tesouro que a Igreja possui: A profundidade da fé, a religiosidade popular, a solidariedade e a vida que brota dos ambientes onde os sinais de morte parecem tomar vulto.

Num dos seus sermões, na pregação contra a exploração sexual e o tráfico de pessoas em Buenos Aires, Bergoglio é enfático:

no colégio nos ensinaram que a escravidão estava abolida, porém, em Buenos Aires não está. Nesta cidade, trabalhadores são explorados em confecções têxteis clandestinas e se são imigrantes têm privada a possibilidade de sair; nesta cidade há crianças na rua há anos [...]. Nesta cidade mulheres e moças são sequestradas para serem submetidas ao uso e abuso dos seus corpos, são destruídas na sua dignidade. Nesta cidade há homens que lucram e engordam com a carne do irmão, a carne de todos esses escravos e escravas, a carne que Jesus assumiu e pela qual morreu. Um cachorro é mais bem tratado do que esses escravos nossos, que são chutados, estraçalhados (apud PIQUÉ, 2014, p. 144).

O cardeal Bergoglio também protagonizou um trabalho pastoral com população em situação de rua:

[...] mediante a Caritas diocesana iniciou um projeto de refeições populares e centro de acolhida aos sem-teto, distribuindo todas as ajudas que podia e indo pessoalmente em todos os lugares para levar conforto e a proximidade da Igreja (apud PIQUÉ, 2014, p. 31).

Sua vocação missionária o leva a publicar um livro para educadores cristãos: "Educar, exigência e paixão" (BERGOGLIO, 2001), no qual faz críticas a uma educação demasiadamente tecnicista e *niilista* e propõe humanismo e enculturação. Tanto neste livro como em seus discursos, Bergoglio, com suas ideias claras e proféticas, faz alguns inimigos na esfera da política, na vida social e também na Cúria Romana. Diz o cardeal:

na nossa região eclesiástica, há presbíteros que não batizam as crianças das mães solteiras porque não foram concebidas na santidade do matrimônio. Estes são os hipócritas de hoje. Os que clericalizam a Igreja. Os que afastam o povo de Deus da salvação. E essa pobre mãe que poderia ter abortado esta criança mas que teve a valentia de dar a luz, vai peregrinando de paróquia em paróquia para que a batizem (PIQUÉ, 2014, p. 120).

O lema episcopal do bispo Jorge Mario é “*miserando atque eligendo*” (com misericórdia o elegeu), diga-se em língua portuguesa e pastoral: “pela misericórdia Deus escolheu um marginalizado”. Uma possível leitura teológica e pastoral do seu lema episcopal poderia migrar de uma concepção pessoal para uma concepção mais coletiva, isto é, sobre quem Deus elege para ser luz para todas as nações (*Lumen fidei*) e quem são os preferidos de Deus.

Sobre esta questão diz Paulo Suess:

eis a mensagem transversal da vida e dos escritos do Papa Francisco: Nós não podemos podar a misericórdia de Deus com tesoura do legalismo. Misericórdia, porém, não significa auto complacência com vícios internos da Igreja nem autorreferencialidade de certo narcisismo teológico e pastoral. A graça do chamado de Deus e sua misericórdia com a fragilidade daquele que foi chamado a conversão permanente do povo de Deus e a autocrítica de seus pastores, são o leitmotiv da exortação sobre a alegria do evangelho (2013, *online*).

2.4 A RELAÇÃO CONTURBADA COM O GOVERNO DA ARGENTINA

A ditadura militar na Argentina que vai de 1976-1983, foi uma das piores da América Latina. Possui uma longa história e muitas narrativas semânticas. Todas elas falam de uma época sangrenta e assustadora. Há quem contabilize trinta mil entre mortos e desaparecidos.

Alguns jornalistas insistem em acusar Bergoglio de cumplicidade com os militares nos anos daquela ditadura, principalmente no que se refere à prisão de dois padres jesuítas, *Orlando Yorio* e *Francisco Jalics*, que se aliaram aos esquerdistas e estavam envolvidos na luta armada. Segundo alguns jornalistas, naquele período, houve certo silêncio de Bergoglio. A controvérsia permanece.

No livro, “La lista de Bergoglio”, o autor sustenta:

existem ataques deferidos contra Bergoglio, com a óbvia intenção de desacreditá-lo, capturando-o na rede do passado. São muitos os que apontam o dedo para a palha no olho do outro sem ver a trave no próprio olho [...] ‘atacar o pontífice sem fundamento, pode dar visibilidade mas também pode se tornar um bumerangue’ (SCAVO, 2013, p. 35).

Sobre a mesma questão afirma Quevedo:

o provincial Bergoglio avisou ambos os padres dos riscos. O desejo do provincial era que saíssem do bairro, mas eles decidiram ficar ao lado dos pobres, e o temor de Bergoglio se confirmou. No dia 23 de maio de 1976, ambos foram levados para uma escola de mecânica das Forças Armadas e foram torturados. Lá ficaram durante cinco meses (2013, p. 44-45).

Bergoglio chegou a encontrar-se duas vezes com o general Jorge Rafael Videla³. Fontes seguras afirmam que Bergoglio fez tudo o que era possível para libertar os dois padres e chorou quando soube das prisões:

o empenho de Bergoglio para salvar vidas da ferrenha ditadura foi evidente. Muitos militantes, não se sabe quantos, fugiram da Argentina ajudados por Bergoglio, usando vestes sacerdotais e sua carteira de identidade, para não serem reconhecidos (BIANCO, 2013, p. 49).

É comprovado hoje pela Anistia Internacional que não aparece em relatórios nenhuma vez o nome de Bergoglio em nenhum processo de cumplicidade com relação à violação dos direitos humanos durante a ditadura militar na Argentina. Em depoimento, o argentino *Adolfo Pérez Esquivel*, Prêmio Nobel da Paz e ativista dos direitos humanos, sustenta que Bergoglio contribuiu em muito para ajudar não somente os dois padres jesuítas sequestrados, mas todos os perseguidos pelo regime militar:

[...] grande parte da hierarquia da Igreja Argentina foi cúmplice da ditadura, ou mesmo apenas por omissão, não esteve à altura das circunstâncias históricas [...] o então provincial da Companhia de Jesus, padre Jorge Mario Bergoglio, contribuiu para ajudar os perseguidos e se empenhou de todos os modos para que os sacerdotes da sua Ordem que haviam sido sequestrados fossem soltos (STRAZZARI, 2013, p. 53).

Dom *Miguel Hesayne*, um dos poucos bispos que enfrentou abertamente a ditadura na Argentina, sustenta que Bergoglio sempre foi “generoso e corajoso” e diz também que quando alguém informou Bergoglio do sequestro dos padres, o encontrou chorando: “sequestraram *Yorio e Jalics*, dizia” (REBOSSIO, 2013, *online*).

O episódio com os dois sacerdotes jesuítas é considerado hoje algo totalmente superado. O padre *Jalics*, desde 1978, vive num mosteiro no sul da Alemanha, celebrou missa com Bergoglio, abraçaram-se e consideraram o fato encerrado. *Yorio*, depois do episódio do sequestro, estudou Direito Canônico em Roma.

Em 2003, tomou posse na Argentina, como presidente da República, *Nestor Kirchner*. Sua maneira de governar foi entendida como progressista e dava a impressão que uma nova orientação para a Argentina estava para acontecer, mas Bergoglio logo o chamou de exibicionista, o que desagradou profundamente o presidente. Em seus sermões, o cardeal denunciava sem medo, os enganos e

³ Jorge Rafael Videla Redondo foi um general argentino que ocupou a presidência de seu país entre 1976 e 1981. Chegou ao poder em um golpe de estado que depôs a presidente María Estela Martínez de Perón.

equivocos da administração (LAPEGNA, 2015). Kirchner faleceu em 2010 deixando sua esposa Cristina como presidente.

É sabido que a relação de Bergoglio com o governo da Argentina foi tumultuada, principalmente com o já citado presidente Nestor Kirchner entre 2003 e 2007 e com sua esposa, Cristina, que lhe sucede. Nestor o qualifica como chefe da oposição política quando é atacado de exibicionista e protagonista de anúncios estridentes. Jorge Mario, em seus discursos, denuncia e combate a lei que autoriza o casamento do mesmo sexo aprovada na Argentina com a cumplicidade dos últimos presidentes, a exploração, os sequestros, o descaso com a população de rua, a prostituição infantil e o tráfico de pessoas:

nem Cristina nem Nestor entenderam que a bandeira de luta de Bergoglio era em favor do diálogo, contra a pobreza e sua batalha era contra a corrupção. Entenderam que ele era somente um opositor político. No dia da investidura de Francisco, Cristina Kirchner recebeu do papa uma cópia do documento de Aparecida (STRASSARI, 2014. p. 93).

2.5 O PAPA FRANCISCO

O religioso jesuíta cardeal Jorge Mario Bergoglio foi eleito papa no dia 13 de março de 2013. Homem devoto de Nossa Senhora de *Luján* (padroeira da Argentina), de São Francisco de Assis e de São José. São as imagens que estão em sua sala de entrevistas no Vaticano e que figuram também em seu brasão pontifício, junto com um crucifixo. São imagens que sugerem uma espiritualidade um tanto eclética, de uma pessoa que busca a inclusão e respeita a diversidade.

Sabemos que o cardeal Bergoglio, no conclave de 2005, quando foi eleito o papa Bento XVI, competia nas urnas com o cardeal *Joseph Ratzinger* e que, naquele conclave, na última votação, pediu aos cardeais votantes que transferissem seus votos para o candidato alemão, pois não se sentia preparado para governar a Igreja naquele momento histórico.

Neste último conclave, na lista dos papáveis segundo a opinião pública, não constava o nome do cardeal Bergoglio, possivelmente por causa da sua discrição e humildade. Nem mesmo os jornais de seu país, a Argentina, apontavam o cardeal Jorge Mario como candidato forte. No entanto, esta sua humildade e o conceito de uma Igreja que deve ser serviço ao mundo, entre outras coisas, poderá ter reforçado seu nome. Alguns dias antes do conclave, ao falar da misericórdia de Deus, o cardeal Bergoglio dizia: “[...] acabar com a mentalidade de uma carreira de promoções e cargos de poder” (ESCOBAR, 2013. p. 82).

Francisco: o próprio nome escolhido pode ser entendido como um programa de governo. Um novo capítulo na história do governo da Igreja. Sustenta Boff:

“Se um papa, vindo da periferia do mundo, fora da velha cristandade europeia, para surpresa de todos, escolhe o nome Francisco, quer dar um só recado: de agora em diante deve-se tentar um novo modo de exercer o papado, despojado de títulos e de símbolos de poder e procurar dar ênfase a uma Igreja inspirada na vida e no exemplo de são Francisco de Assis – na pobreza, simplicidade, humildade, confraternização entre todos, incluídos os seres da natureza e a própria ‘irmã e mãe terra’” (BOFF, 2015. P. 10).

Os nomes são sempre sinais e um jesuíta com o nome Francisco sinaliza o vigor da maior congregação religiosa masculina da Igreja, com uma história de cinco séculos, a Companhia de Jesus, com a ternura e a humildade franciscana. É o primeiro papa com o nome Francisco, o santo que dizia aos seus discípulos: anunciar o evangelho, servindo-se até das palavras. Indubitavelmente é isso “que evoca claramente o espírito evangélico de proximidade com os pobres, a identificação com o povo simples e o compromisso com a renovação da Igreja” (NICOLÁS, 2013). Já houve 23 papas com o nome de João, 16 Gregório, 16 Bento, 14 clemente, 13 Leão e Inocêncio, 12 Pio, oito Urbano e Alexandre e seis Adriano (VIDAL; BASTANTE, 2013, p. 20).

Francisco de Assis queria uma ordem mendicante, missionária e itinerante. Missionários em saída para encontrar, escutar, dialogar, ajudar, difundir a fé e o amor. Sobretudo o amor. E pleiteava uma Igreja pobre que assumisse o cuidado dos outros, recebesse ajuda material e a utilizasse para promover fraternidade, sem nenhuma preocupação consigo mesma. Passaram oitocentos anos desde então, e os tempos mudaram muito, mas o ideal de uma Igreja missionária e pobre permanece mais do que válido. Esta é a verdadeira face da Igreja alicerçada em Jesus e iniciada pelos seus discípulos.

Com a razão e com o amor gratuito, isto é, com a mistura de jesuíta e franciscano, o papa Francisco aponta para a necessidade de abraçar o projeto cristão por inteiro: o Jesus feito carne, com suas implicações na eclesiologia, na pastoral, no cotidiano da vida, e o ressuscitado, o Cristo da graça, da santidade e da humildade franciscana. A cruz, sabiamente, simboliza essas duas dimensões, com suas duas hastes: uma que aponta para cima (fé e graça) e outra que aponta para o horizonte (razão e vida). Se for assim a Igreja poderá se livrar dos reducionismos e dos fundamentalismos que sempre a ameaçaram. Não podemos reduzir o mistério de Jesus Cristo a uma só dimensão.

Em alguns círculos, o Papa Francisco é chamado de “o papa bom”, ou o novo João XXIII, quem despertou a primavera na Igreja convocando o Concílio Vaticano II quando tomou corpo uma nova semântica eclesial:

há cinquenta anos, João XXIII, ‘o papa bom’, convoca o Concílio Vaticano II. A primavera da Igreja havia sido substituída durante anos pelo inverno vocacional e de liberdade. Agora, muitos comparam Bergoglio a Roncalli (VIDAL; BASTANTE, 2013, p. 129).

Francisco é o primeiro papa das Américas, continente que concentra hoje o maior número de cristãos do planeta. Segundo o Instituto *Pew Center*, na América latina, vivem 432 milhões de católicos e em toda a América 586 milhões, isto significa praticamente metade dos católicos do mundo. Dos 115 votantes, somente 19 era latino americanos. Porém um dado preocupante se impõe: em 1910, os católicos na Europa eram 65% seguida pela América latina e o caribe com 24%. Um século depois, os católicos europeus são 24% e os latinos e caribenhos 39% (OLIVON, 2013, *online*).

2.6 ALGUNS DISCURSOS E ATITUDES NO INÍCIO DO MANDATO

Francisco mostra uma forte personalidade numa semântica profética e missionária. Uma surpresa em sua primeira aparição com as vestes pontificais foi seu anel de prata, sua cruz habitual e seus sapatos pretos, sinalizando desde os primeiros momentos que um missionário cristão não leva ouro nem se distingue pelas vestes e insígnias. Quando alguns cardeais (um do Vietnã e outro da China) tentaram beijar sua mão, Francisco os detém e foi Francisco quem beijou a mão deles sinalizando que sua missão deverá ser serviço em lugar do poder.

Isto pode nos fazer entender certas atitudes em tempos de turbulência política em seu país, quando Bergoglio ajudou muitos religiosos e leigos durante o período da ditadura na Argentina. E com a cumplicidade de *Pedro Arrupe*, o superior geral dos jesuítas. Esta reflexão é sustentada pelo jornalista *Pedro Miguel Lamet* numa conferência em que dizia que “muitas das atitudes do papa Francisco, estavam em germe na vida, governo e pensamento do padre *Pedro Arrupe*” (LAMET, [2014], 2016, *online*).

“*Buonaserà*” (boa tarde) foram as primeiras palavras pronunciadas em sua primeira aparição como pontífice, com “vestes brancas para pessoas de todas as

línguas, povos, nações e tribos” (Ap 7,9). Jorge Mario Bergoglio se apresenta como o novo papa que os cardeais foram buscar quase o fim do mundo.

Depois da liturgia regular, na ora da benção, o agora papa Francisco pede para que o povo o abençoe e reze por ele. Finalmente, “boa noite e bom descanso”, despede-se. E,

no dia seguinte à sua eleição, ao deslocar-se para a Basílica de Santa Maria Maior, dispensou a limusine exclusiva do pontífice e usou um carro comum. Passou pela casa do clero onde se hospedava em Roma e fez questão de pagar sua conta. Dispensou também o espaçoso apartamento pontifício no Palácio Apostólico que usará somente para audiências (QUEVEDO, 2013, p. 30).

Os gestos simbólicos do Papa Francisco, desde sua eleição, possuem conotação evangélica e são determinantes para o peso da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Gestos que apontam para uma nítida aproximação da Igreja com o mundo, algo que teoricamente aparece nos documentos do Concílio Vaticano II, mas com muito pouca correspondência na realidade eclesial, no histórico concreto. Os gestos apontam uma semântica, mais voltada para o mundo do que com a Igreja institucional.

Muitos, e em pouco tempo, foram os gestos de Francisco, que deram maior credibilidade aos discursos que a Igreja vem fazendo faz tempo, mas com pouco testemunho na prática: O nome Francisco, que por si só, é um gesto eloquente; sua primeira viagem fora de Roma para *Lampedusa* onde joga uma coroa de flores ao mar em memória dos imigrantes mortos; o gesto de abdicar em morar no Palácio Apostólico; viajar em carro simples; dialogar com jornalistas ateus e convidar rabinos argentinos para visita-lo; o envio de mensagem aos participantes do Encontro Intereclesial das CEBs no Brasil reunidos em Juazeiro do Norte; o desbloqueio do processo de beatificação de D. Oscar Romero e a autorização do processo de beatificação de D. Helder Câmara, foram todos gestos que além de dar transparência do agir de seu pontificado, abrem caminhos para um entendimento mais profundo da espiritualidade que depois vai emanar da EG. Gestos que protagonizam alguém com personalidade de diálogo, humildade e serviço, e que sinalizam certa ruptura com o que diz o Código de Direito Canônico:

O Bispo da Igreja de Roma, no qual perdura o múnus concedido pelo Senhor singularmente a Pedro, primeiro dos Apóstolos, para ser transmitido aos seus sucessores, é a cabeça do Colégio dos Bispos, Vigário de Cristo e aqui na terra Pastor da Igreja universal; ele, pois, em virtude de seu múnus, tem na Igreja o poder ordinário supremo, pleno, imediato e universal, que pode sempre exercer livremente (CAN. 331).

2.7 JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE NO BRASIL

Na Jornada Mundial da Juventude (JMJ), 22 de julho de 2013, antes de pronunciar discursos programáticos, Francisco visitou jovens no Hospital São Francisco de Assis na Providência de Deus, no Rio de Janeiro, que se dedica à recuperação de dependentes químicos e indigentes. Também se reuniu com a Comunidade da Varginha, que faz parte de uma grande favela, e se encontrou com jovens detentos. Dizia ele naquela ocasião: A "conversão pastoral" depende dessa voz da realidade que interfere sobre nossos discursos e textos:

quanto ao método, é decisivo lembrar que como uma herança sucede como na passagem do testemunho, do bastão, na corrida de estafeta [...]. Para transmitir a herança é preciso entregá-la pessoalmente, tocar a pessoa para quem você quer doar, transmitir essa herança (FRANCISCO, 2013a, *online*).

Francisco entende que a análise semântica da realidade acontece no encontro com ela, na dor, na fome, na prisão, nas múltiplas perdas que a vida impõe aos sobreviventes. É necessária proximidade e encontro pois sem mediações as utopias não acontecem. Como a Constituição Pastoral *Gaudium et spes* (GS) do Concílio Vaticano II, também o papa Francisco assume o discurso indutivo, partindo da vida concreta da humanidade, de suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias (GS 1).

Francisco procura olhar nos olhos do outro. Seu ponto de partida para a missão da Igreja é o sofrimento concreto das pessoas, a indignação com a fome e a ganância, com a solidão e o abandono, com a falta de solidariedade e com a negação de reconhecimento. A indignação nos torna vulneráveis e “a vulnerabilidade”, disse *Lévinas*, e poderia ser dito por Francisco, “é obsessão pelo outro ou proximidade do outro. [...] Sofrer pelo outro é ser responsável por ele, suportá-lo, estar em seu lugar, consumir-se por ele” (1993, p. 119).

Francisco insiste: “podemos fazer algo e devemos fazer mais!” (BERGOGLIO; SKORKA, 2013, p. 182), a conversão pastoral é concreta, comunitária, revolucionária. Novamente, “tenham a coragem de ir contra a corrente”, pediu Francisco ao despedir-se dos voluntários da JMJ: “sejam revolucionários!” (BERGOGLIO; SKORKA, 2013, p. 182). Ir ao encontro significa se colocar na estrada da contra corrente, da contramão cultural da nossa época.

“Proximidade” e “encontro” não são chaves mágicas para harmonizar todos os conflitos na e com a Igreja. Levam-nos de volta a Jerusalém e ao abandono. Francisco nos consola lembrando o mandamento maior: “Nada é mais alto do que o abaixamento da Cruz, porque lá se atinge verdadeiramente a altura do amor! Nada é mais forte que a força escondida na fragilidade do amor” (BERGOGLIO; SKORKA, 2013, p. 66).

Há um insistente apelo e incentivo às rupturas com o conservadorismo e com as arcaicas estruturas eclesiais. Isso aparece claro em seus discursos no Rio de Janeiro para os Bispos do CELAM:

após reconhecer o papel do CELAM ‘colaborando solidária e subsidiariamente para promover, incentivar e dinamizar a colegialidade episcopal e a comunhão entre as Igrejas da Região e seus Pastores’, Francisco evoca seis vezes as ‘estruturas eclesiais’, vinculando-as à ‘renovação das Igrejas particulares’ e, de modo geral, à ‘renovação interna da Igreja’ (CADERNO CIÊNCIA E FÉ, 2014, p. 28).

Neste mesmo encontro com os bispos do CELAM o Papa Francisco conclama os bispos a voltar a se converter com mais ardor na opção pelos pobres.

Durante o voo de retorno da JMJ no Brasil, em entrevista coletiva, ao falar sobre o papel da mulher na Igreja o para Francisco diz que “Nossa Senhora, Maria, é mais importante que os apóstolos. A mulher, na Igreja, é mais importante que os bispos e os padres” (FRANCISCO, 2013 b).

2.8 ENTREVISTA AO JORNAL *LA REPPUBLICA*

O jornal argentino *La Reppublica*, em outubro de 2013, publica a entrevista que o papa Francisco concedeu ao jornalista *Eugenio Scalfari*⁴. O referido jornalista antes da entrevista escreveu duas cartas a Bergoglio, que as respondeu imediatamente. Na entrevista alguns pronunciamentos apontam para o rumo do seu pontificado no sentido de ter como base documentos do Magistério Episcopal Latino-americano, principalmente Puebla e Aparecida:

o mais grave dos males que afligem o mundo nestes anos é o desemprego dos jovens e a solidão em que são deixados os idosos. Os idosos necessitam de cuidado e de companhia. Os jovens precisam de trabalho e de esperança, mas não têm nenhum dos dois. Diga-me: pode-se viver jogado fora do

⁴ Jornalista, escritor e político italiano, 88 anos, ateu, fundador do Jornal *La Reppublica*.

presente? Sem memória do passado e sem desejo de projetar-se no futuro construindo um projeto, um futuro, uma família? É possível continuar assim? Isto, segundo me parece, é o problema mais urgente que a Igreja tem pela frente (SCALFARI, 2013, *online*).

Nesta mesma entrevista, ao falar da Cúria Romana, Francisco, de maneira prudente e sensata, põe em questão algo sobre o qual pouco se fala e quando se disse algo, como por exemplo, no livro *Igreja Carisma e Poder* de Leonardo Boff, a censura da própria cúria falou mais alto:

na Cúria Romana, há, às vezes, cortesãos. Mas a Cúria na sua complexidade é outra coisa. É o que nos exércitos se chama de intendência, gere os serviços que servem a Santa Sé. Mas tem um defeito: é Vaticano-cêntrica. Vê e cuida dos interesses do Vaticano, que são ainda, em grande parte, interesses temporais. Esta visão Vaticano-cêntrica descuida do mundo que nos circunda. Não compartilho com esta visão e farei tudo para mudá-la. A Igreja é e deve voltar a ser uma comunidade do povo de Deus, e os presbíteros, os párcos, os bispos estão a serviço do povo de Deus. A Igreja é isto, numa palavra, não por acaso, diferente da Santa Sé, que tem uma função importante, mas está a serviço da Igreja. Eu não teria a fé plena em Deus e no seu Filho se não fosse formado na Igreja e tive a sorte de me encontrar, na Argentina, numa comunidade sem a qual não teria consciência de mim e da minha fé (SCALFARI, 2013).

Em seguida ele também criticou o clericalismo:

quando encontro um clerical, me torno imediatamente anticlerical. O clericalismo não deveria ter nada a ver com o cristianismo. São Paulo, que foi o primeiro a falar aos Gentios, aos pagãos, aos crentes em outras religiões, foi o primeiro a nos ensinar isto (SCALFARI, 2013, *online*).

As falar de Francisco de Assis, comenta o papa:

Francisco é grandíssimo porque é tudo. Homem que quer fazer, quer construir, funda uma ordem e as suas regras, é itinerante e missionário, é poeta e profeta, é místico. Constatou nele mesmo o mal e o superou. Ama a natureza, os animais, a erva do campo e os pássaros que voam no céu, mas sobretudo ama as pessoas, as crianças, os velhos, as mulheres. É o exemplo mais luminoso do ágape (SCALFARI, 2013, *online*).

Numa das suas intervenções durante o pré-conclave Bergoglio chama atenção dos cardeais sobre uma Igreja que ele chama “autorreferencial” dizendo que isso a faz doente. A autorreferencialidade, diz ele, é uma espécie de “narcisismo teológico”. Quando a Igreja tem como referência a si mesma, imagina que possui luz própria e deixa de ser instrumento que irradia a luz do Cristo ressuscitado. Esse discurso de Bergoglio possui como título uma frase da Encíclica *Evangelli nuntiandi*: “A suave e confortadora alegria de evangelizar” (EN 80).

A expressão “autorreferencialidade” como crítica à Igreja institucional parece ser insistente em seus discursos e documentos. Na carta circular aos consagrados e consagradas em fevereiro de 2014, o Papa Francisco retoma o tema nos seguintes termos:

o encontro com o Senhor nos coloca em movimento, nos impele a sair da autorreferencialidade. A relação com o Senhor não é estática, nem intimista. Quem coloca Cristo no centro da sua vida descentraliza-se. Quanto mais te unes a Jesus e ele se torna o centro da tua vida, tanto mais ele te faz sair de ti mesmo, te descentraliza e abre aos outros (p. 22).

Em outra entrevista ao jornal *La Stampa* Bergoglio põe novamente o tema da autorreferencialidade quanto fala da missão da Igreja:

toda a atividade da Igreja está concentrada em vista da missão. Isto implica uma tensão muito forte entre centro e periferia, entre paróquia e o bairro. Deve-se evitar a doença espiritual de uma Igreja autorreferencial. Quando a Igreja se torna isto, ela adoece (GAETA, 2014, p. 33).

Mais tarde a EG dá continuidade e aprofunda os conceitos de missão do Documento de Aparecida e aponta para uma semântica de uma Igreja em saída missionária e feliz. As reflexões do Papa Francisco mostram uma teologia consistente e pastoral. Como veremos, já na introdução do documento, Francisco “convida a todos para uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria que indica caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG 1).

3 DOCUMENTO DE APARECIDA: UMA IGREJA MISSIONÁRIA

3.1 MISSÃO E MISSIONARIEDADE DA IGREJA

Missão significa “envio” ou mandato. No cristianismo não é algo opcional. Missão é algo imperativo. É o empreendimento coletivo de todos os cristãos na construção e reconstrução do Projeto de Deus e do destino do mundo em Cristo.

Uma reflexão semântica sobre missão poderá ser produzida com a seguinte expressão: “o mar se abriu” (Ex 14,21-18). A semântica da “abertura do mar” significa caminho livre para sair do velho para o novo, da opressão para a liberdade, da morte para a vida, das trevas da escravidão para a luz da liberdade. Missão cristã é o mar aberto convidando para a travessia, para a libertação. Tanto o “mar” (mar vermelho) quanto o “túmulo” (ressurreição de Cristo) estão abertos e esta abertura é um convite e um sacramento de Deus que se torna tarefa de toda a Igreja.

No Antigo Testamento, a palavra principal é “convite”. Deus (Javé) convida um povo (o povo de Israel), para ser mensageiro de seu projeto, vontade, e plano de reconciliação universal. Os fundamentos bíblicos, entre tantos, poderão ser: o chamado de Abraão, de Moisés, o envio de Isaias, de Jeremias, de Ezequiel, de Gedeão (Gn 12,1-2; Ex 3,16-17; Is 6,8-9; Jr 1, 7-8; Ez 2,3; Jz 6,14). Todos esses personagens são convidados e enviados ao povo de Israel.

No Novo Testamento a “pedagogia divina” missionária, avança para “águas mais profundas” (Lc 5,4). Não é somente o convite a um povo (o povo de Israel), mas a todos os povos. Também aqui é abundante a fundamentação bíblica: Ide para todas as nações, batizai e ensinai; Pregar em outras cidades, em outros lugares; Até os confins do mundo; Fazei discípulos em todas as nações; Para que todo o joelho se dobre (Mt 28,19-20; Lc 4, 43-44; At 1,8; Mt 28 19; Fl 2,10-11).

Entre o Antigo e o Novo Testamento há uma semântica na reflexão missionária que se pode chamar de ruptura e continuidade: “podemos falar de uma continuidade e ao mesmo tempo ruptura entre os dois Testamentos. Simplificando um pouco, poderíamos caracterizar as diferenças entre ambos com as palavras ‘convite’ e ‘envio’” (SUESS, 2007, p. 21).

Deus vem ao encontro da humanidade por Jesus Cristo que salva, e deixa o Espírito Santo (pentecostes) que através da Igreja continua atualizando seu projeto

de salvação e de reconciliação universal. É “O paraíso terrestre”, “A nova Jerusalém”, “O jardim do Éden” que deverá ser construído e reconstruído na vida pessoal, na comunidade, na sociedade, no mundo e em todas as instâncias possíveis. O Pai envia Filho que cumpre sua missão e deixa o Espírito Santo que impulsiona a Igreja na missão que é única e santificadora (Jo 20, 21-22).

Ruptura e continuidade assumem na Igreja pós-conciliar a metodologia *ad intra* e *ad gentes*. As comunidades eclesiais *ad intra*, devem dar de sua pobreza (II cor. 8,9) para a evangelização *ad gentes*, além das suas fronteiras. Uma Igreja local não pode esperar atingir a plena maturidade eclesial e, só então, começar a preocupar-se com a Missão para além de seu território. A maturidade eclesial é consequência da abertura para a Igreja universal. Uma Igreja madura é uma Igreja que caminha na direção dos outros. Uma igreja católica.

Na história, a semântica da missionariedade da Igreja caminhou com o tempo, sempre. Todas as religiões e igrejas são um componente da história da humanidade, que segue seu curso no tempo cronológico. Assim, não podemos criticar a missão cristã sem referência à história, e nem explicar a história ocidental sem o componente religioso cristão que se institucionalizou através de igrejas particulares, e essas, atuam hoje, em lugares diferentes, e de maneiras diferentes, mantendo a comunhão eclesial através do magistério. Assim, o catolicismo da Europa, é diferente do catolicismo presente na África, que por sua vez segue rumos diferentes na América Latina e em outros continentes com culturas diversas e história própria. Em todos os lugares e em todas as culturas, o catolicismo exhibe interpretações distintas e complementares.

Já se refletiu também o quanto, o início deste século é marcado por grandes mudanças em todos os setores e aspectos da sociedade. Estudos publicados por muitos autores mostram que nas últimas décadas, aparecem os mais variados âmbitos em que o mundo mostra claramente uma intensa transformação. A sociedade humana, no ambiente que agora se diz pós-moderno, se entende e se aceita como sociedade heterogênea e pluralista, com formação cultural diversificada. Este impacto é percebido de maneiras diferentes, por públicos diferentes. Algumas constatações são bem aceitas, outras causam perplexidade, outras ainda, dão ocasião para reflexões muito profundas.

Durante séculos foi sendo gerada certa fragmentação: na ciência, no pensamento filosófico e teológico, na compreensão do sentido da vida e,

consequentemente, o homem sentiu-se diante de um mundo diferente, sempre desafiador.

Foi posto no primeiro capítulo, que a Igreja já viveu vários referenciais semânticos missionários, desde a Igreja Nascente até as propostas missionárias do Concílio Vaticano II que para os católicos se traduzem no DA, que brotou das entranhas da América Latina no ano 2007, e recentemente na EG do Papa Francisco em 2013 com abrangência universal. É assim porque a história é dinâmica e a Igreja é um componente da história e por isso ela também ressuscita, faz páscoa, em lugares diversos, em tempos diversos.

Repensar a semântica missionária é repensar toda a teologia e a *práxis* decorrente dela. Todas as mudanças na dinamicidade da Igreja tiveram como base a mudança do conceito de missão. O decreto AG, do Concílio Vaticano II diz que a “atividade missionária é o maior e o mais santo dever da Igreja” (AG 864).

E continua dizendo no mesmo decreto, que a missão é um princípio teológico fundamental porque:

ENVIADA POR DEUS ÀS NAÇÕES, para ser ‘o sacramento universal da salvação’, esforça-se a Igreja por anunciar o evangelho a todos os homens. Fã-lo a partir das exigências íntimas da própria catolicidade e em obediência à ordem de seu salvador a todos os homens (AG 862).

Para dar conta da sua missionariedade, a Igreja publicou muitos documentos, na modernidade. A primeira encíclica missionária foi a do papa Bento XV (1919): *Maximun illud* (Sublime Missão); Em 1926 o papa Pio XI escreve a encíclica *Rerum ecclesiae* e junto com ela nomeou e consagrou os primeiros bispos nativos bem como criou o dia mundial das missões (1929). Essa Encíclica deu origem à teologia da missão enquanto disciplina. Mais adiante veio a Encíclica *Evanagelii praecones* de Pio XII em 1951, que incentiva a missão pós-guerra e resume os 25 anos da Encíclica anterior, falando sobre o martírio e os mártires. Em 1957 Pio XII escreve *Fidei donum* sobre a África enquanto território de missão. Em 1959 João XXIII publica *Principes pastorun* incentivando a Ação Católica enquanto organismo missionário. Em todas as Encíclicas pré-conciliares aparece a preocupação com a enculturação da fé e a conseqüente adaptação da evangelização aos novos tempos.

Na seqüência, surge o Concílio Vaticano II, com forte acento na dimensão missionária no decreto AG e a partir disso, as sucessivas conferências episcopais nos diversos continentes assumem a temática da missão.

Do ponto de vista do caminhar da Igreja latino-americana, é necessário aprofundar alguns conceitos e respostas no DA, cuja coordenação da redação final foi do então cardeal Jorge Mario Bergoglio.

3.2 AS RESPOSTAS DO DOCUMENTO DE APARECIDA PARA A CRISE DA MODERNIDADE

O Documento de Aparecida, a mais recente “carta de navegação” da Igreja Latino-americana e do Caribe, foi finalizado em 2007 na Basílica de Aparecida com a presença do então papa Bento XVI, e leva o título de “Discípulos missionários”. O referido texto carrega um projeto de uma Igreja em “estado permanente de missão” (DA 551) e propõe um retorno à sua vocação original de ser sempre uma Igreja missionária assim como Jesus ordenou:

a Igreja é chamada a repensar profundamente e a realçar com profundidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias Latino-americanas e mundiais. Ela não pode fechar-se frente àqueles que só veem confusão, perigos e ameaças (DA 11).

Qualquer projeto missionário atual deverá necessariamente considerar que o elemento “crise” e as causas profundas postas anteriormente, são indubitavelmente paradigmáticos. A palavra “crise” é a que mais se evidenciou no vocabulário da última década e, possivelmente, assim será nas próximas décadas. Aparecida sustenta que a crise maior é a crise de sentido: “Essa é a razão pela qual muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente uma crise do sentido” (DA 37).

Aparecida faz uma crítica ao exacerbado poder que a ciência e a tecnologia exercem sobre todos. Reduzir a verdade ao nível científico é reducionismo. A verdade sobre o mundo, sobre a existência, está um pouco em cada instância de conhecimento e ao mesmo tempo não se deixa aprisionar por nenhuma instância. O Documento diz que “necessitamos que o zelo missionário nos leve ao sentido unitário da vida, aonde nem a ciência, nem a economia nem a política, nem os meios de comunicação chegam” (DA 41).

O conhecimento científico se produz com pesquisa e se aprende principalmente na universidade, instituição que nasceu para produzir e transmitir o conhecimento acumulado pela humanidade. Entretanto, a produção científica, hoje,

está para além da universidade. Ela acontece em laboratórios particulares e daí, quando privatizado, ele se torna perigoso porque escapa ao controle público. Diz Aparecida: “Sem uma clara percepção do mistério de Deus, torna-se opaco também o desígnio amoroso e paternal de uma vida digna para todos” (DA 35). É necessária então, outra abertura. Um encantamento para além da ciência exata. A Igreja também, para sua missão e em sua complexidade doutrinal, deverá sair um pouco da esfera dos conceitos e do racionalismo teológico, para a esfera do sagrado:

quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito de realidade e conseqüentemente só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas. A verdade desta afirmação parece evidente diante do fracasso de todos os sistemas que colocaram Deus entre parênteses (DA 205).

O paradigma moderno cientificista é considerado insuficiente pelo Documento de Aparecida:

no entanto, a ciência e a tecnologia não têm as respostas às grandes interrogações da vida humana. A resposta última às questões fundamentais do homem só pode vir de uma razão e ética integrais, iluminadas pela revelação de Deus. Quando a verdade, o bem e a beleza se separam; quando a pessoa humana e suas exigências fundamentais não constituem o critério ético, a ciência e a tecnologia voltam se contra o homem que as criou (DA 123).

As conferências latino-americanas anteriores já sinalizaram para caminhos que culminam para uma necessária missionariedade em moldes diferentes. O Documento de Medellín (DM) disse em 1968: "houve-se um clamor surdo, de milhares de cristãos que esperam de seus pastores, uma libertação que tarda a chegar" (DM 2). O Documento de Puebla (DP), dez anos mais tarde, afirma: "o clamor já não é mais surdo. É claro, impetuoso e em alguns casos, até, ameaçador" (DP 87-89).

Em Aparecida a missão evangelizadora da Igreja deve zelar para que o discurso se atualize a atinja também as concepções de economia que são causadoras de tamanhas ameaças:

o objeto da economia é a formação da riqueza e seu incremento progressivo, em termos não só quantitativos, mas qualitativos: tudo é moralmente correto se está orientado para o desenvolvimento global e solidário do homem e da sociedade na qual vive e trabalha. O desenvolvimento, na verdade, não se pode reduzir a mero processo de acumulação de bens e serviços (DA 69).

Ou,

Aplicar políticas públicas nos campos da saúde, educação, seguridade alimentar, previdência social, acesso à terra e à moradia, promoção eficaz da

economia para a criação de empregos e leis que favorecem as organizações solidárias (DA 76).

Na perspectiva crítica da Modernidade o Documento de Aparecida também se pronuncia sobre o individualismo que se tornou uma cultura:

o individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação [...] Diante do individualismo hedonista Jesus propõe entregar sua vida para ganhá-la, porque quem aprecia sua vida terrena a perderá (Jo 12,25). Diante do individualismo Jesus convoca a viver e caminhar juntos. A vida cristã só se aprofunda e desenvolve na comunhão fraterna (DA 44 e 110).

Aparecida sustenta que a experiência cristã é fundamentalmente comunitária, de fé e de *práxis*:

a santidade não é fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual (DA 148).

O demasiado apego aos fetiches é o principal sintoma de uma doença que assola a humanidade:

a cultura atual tende a propor estilos de ser e viver contrários à natureza do ser humano. O impacto dominante dos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero, se transformaram, acima do valor da pessoa, em norma máxima de funcionamento e em critério decisivo da organização social” (DA 44; 387).

Além disso, Aparecida continua dizendo que na Modernidade a compreensão de ser humano ficou ferida. “Muitos católicos encontram-se desorientados frente a essa mudança cultural. Compete à Igreja denunciar claramente esses modelos antropológicos incompatíveis com a natureza e dignidade do homem” (DA 480).

A chamada cultura midiática ocupou o espaço da família e os espaços comunitários. O diálogo familiar enquanto método de transmissão de valores deixou de existir, isto é, foi calado pelos meios de comunicação de massa, *internet*, comunicação virtual. E isto de forma muito rápida e maciça, onde os meios de comunicação sugerem novas ideologias como: opção sexual, ideologia de gênero, espiritualidade sem Deus, banalização e vulgarização da sexualidade e outros:

vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus [...] e surge com grande força uma supervalorização da subjetividade individual (DA 44).

O DA oferece mais reflexões diante da complexidade desta temática da cultura. As pastorais ainda não assimilaram a necessidade do enfrentamento dessa nova realidade e temos então uma apologética pouco inteligente sobre estas temáticas que tingem principalmente o campo da moral.

muitos católicos se encontram desorientados frente à mudança cultural. Compete à Igreja denunciar claramente esses modelos antropológicos incompatíveis com a natureza e a dignidade do homem (DA 480).

No mundo da economia, as relações políticas e econômicas tornaram-se demasiadamente complexas. Os cidadãos comuns não conseguem acompanhar todos os trâmites da política e da economia por falta de informações e de formação. Tornam-se, então alheios, indiferentes e enquanto isso uma minoria protagoniza a história. Esta alienação dá origem a um sectarismo social e político:

a realidade social parece muito grande para uma consciência que por falta de informação e de saber, facilmente se crê insignificante, sem ingerência alguma nos acontecimentos, mesmo quando soma sua voz a outras vezes que procuram ajudar-se reciprocamente (DA 36).

Tais são as grandes questões que envolvem a modernidade com as quais a Teologia e a Missão da Igreja precisam dialogar:

a ciência e a tecnologia não tem as respostas para as grandes interrogações da vida humana. A resposta última às questões fundamentais do homem, só podem vir de uma razão e ética integrais, iluminadas pela revelação de Deus. Quando a verdade, o bem e a beleza se separam; quando a pessoa humana e suas exigências fundamentais não constituem o critério ético, a ciência e a tecnologia se voltam contra o homem que as criou (DA 123).

Outra crise que se evidencia e desafia a missão é a paz social que segundo o pensamento cristão é fruto da justiça e da convivência fraterna. É assim que afirma o documento:

a paz não se reduz à ausência de guerras, nem à exclusão de armas nucleares, mas devemos promover uma cultura da paz que seja fruto de um desenvolvimento sustentável, equitativo e respeitoso da criação [...] que esta paz nos ajude a enfrentar conjuntamente os ataques do narcotráfico e do consumo de drogas, do terrorismo e de muitas formas de violência que hoje imperam em nossa sociedade (DA 542).

3.3 DISCÍPULO, DISCIPULADO E MISSÃO NO DOCUMENTO DE APARECIDA

O conceito “discipulado” é bastante presente no documento. Demonstra a atitude pascal do discípulo que sai de si mesmo, como opção fundamental, para ir até o outro como sacramento (sinal) de Cristo, e como compromisso eclesial.

Fundamentalmente, entende-se que discipulado é o relacionamento pessoal com o mestre, transformado em missão; intimidade que é fonte de engajamento; experiência de vida e comprometimento com a causa de alguém que é mestre. No universo cristão é a cumplicidade com o mestre Jesus Cristo e com o seu projeto. Discipulado é o ato de abraçar a pedagogia do Jesus. Já o discípulo é o aprendiz, o seguidor que caminha junto, nos passos do mestre. O discípulo imita, acompanha, possui sentimento de pertença e de fidelidade. Daí se pode afirmar que discipulado é um conceito coletivo. É a atitude de transformar a intimidade em processos de continuidade. Discipulado é uma postura eclesiológica e discípulo é de opção pessoal.

No universo da evangelização, portanto, discipulado está relacionado com o compromisso na missão da Igreja. Isso vai além de um simples encontro pessoal e individual com Jesus Cristo. A missão é coletiva, institucional “não há discipulado sem comunhão” (DA 156). O discipulado acontece concretamente em comunidade, na paróquia, e na eclesialidade do agir evangelizador do discípulo cristão, e tem reflexos no “compromisso do discípulo com a sociedade” (DA 249).

Discípulo é anterior ao discipulado. Ambos os conceitos são distintos e complementares. Enquanto o discípulo é pessoal, o discipulado requer processos de pastoral, que poderá gerar outros discípulos. Discipulado, portanto, é o ambiente que “permite que os discípulos missionários possam perseverar na vida cristã e na missão, em meio ao mundo que os desafia” (DA 278). Decorre desse conceito que “a missão é inseparável do discipulado” (DA 278), e o principal desafio da catequese é transformar discípulos em discipulado ou, conversão em missão. “A iniciação cristã, que inclui o kerigma, é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado” (DA 288). Isso é como dizer: a semântica da conversão deverá produzir agentes de evangelização e a Igreja deverá transformar tudo em processos de pastoral. “Discipulado e missão, portanto, são como os dois lados de uma mesma moeda” (DA 146), sendo que ser discípulo é uma etapa anterior ao discipulado.

A paróquia é “fonte dinâmica do discipulado missionário” (DA 172). É na paróquia que se encontram as famílias, células menores no processo de evangelização e “quando essa experiência de discipulado missionário é autêntica, uma família se faz evangelizadora de muitas outras famílias e do ambiente em que ela vive” (DA 204).

Na Conferência de Aparecida, em 16 de maio de 2007, quando Bergoglio presidiu a Celebração Eucarística e sua homilia, ele desenvolveu uma temática eclesiológica:

exortou para que se evitasse uma Igreja autossuficiente e autorreferencial e se pronunciou por uma Igreja capaz de atingir todas as periferias humanas. Este tema apareceu bem tratado no Documento de Aparecida, do qual emerge com clareza um pedido para uma nova e feliz etapa missionária (LAPEGNA, 2015, 96).

Aparecida sugere as categorias pastorais, “proximidade e encontro”. É o Deus *Emanuel* que vem na pessoa de Jesus e que sai ao encontro dos pobres e excluídos. O cristão enquanto discípulo deverá então, primeiro se aproximar de Cristo e depois sair ao encontro do outro. Este é o referencial semântico que deverá atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. Durante a Jornada Mundial da Juventude, numa reunião com a comissão de coordenação do CELAM, o papa Francisco também resumiu, a partir de Aparecida, o discipulado missionário com as palavras: “proximidade” e “encontro” (CNBB, 2013, p. 95), isto é, encontro comunitário com Jesus Cristo, o mestre, e proximidade com o irmão de fé na comunidade eclesial.

Diz Aparecida: “Queremos expressar a alegria de sermos discípulos do Senhor e de termos sido enviados com o tesouro do evangelho. Ser cristão não é uma carga mas um dom” (DA 28). O grande tom do Documento é a importância de fazer a experiência de Jesus e tornar-se discípulo missionário.

O Documento sugere uma Igreja “decididamente missionária” em tudo o que lhe diz respeito:

a missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade atinge todas as dimensões da existência. Todos as pessoas, todos os ambientes de convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranha (DA 380).

Em sua redação final, Aparecida retoma o que já havia sido dito no documento de Puebla sobre “as feições do povo latino-americano: crianças golpeadas, jovens desorientados, indígenas e afro-americanos segregados, camponeses sem terra, operários mal remunerados, desempregados, marginalizados, anciões desamparados” (DA 32 - 38).

O discipulado na comunidade eclesial vai além do mundo da família e da paróquia. Aparecida fala também no ecumenismo enquanto missão. Diz o documento: “nesta nova etapa evangelizadora, queremos que o diálogo e a

cooperação ecumênica se encaminhem para despertar novas formas de discipulado e missão em comunhão” (DA 233).

Missão se faz com alegria e encantamento. Diz Aparecida: “queremos expressar a alegria de sermos discípulos do Senhor e de termos sido enviados com o tesouro do evangelho. Ser cristão não é uma carga mas um dom” (DA 28). Mas muito além de análises sociológicas e explicativas, as orientações de Aparecida são de caráter missionário e pragmático:

e necessitamos, ao mesmo tempo, que o zelo missionário nos consuma para levar ao coração da cultura de nosso tempo aquele sentido unitário e completo da vida humana que nem a ciência, nem a política, nem a economia nem os meios de comunicação poderão proporcionar-lhe (DA 41).

Aparecida é um marco referencial na caminhada da Igreja latino-americana e caribenha e possivelmente o será também para a Igreja no mundo todo. É uma nova plataforma, uma agenda que propõe a migração de uma pastoral orgânica e burocrática, para uma pastoral que tenha como fundamento a teologia da missão. O próprio nome da conferência do CELAM sustenta esta tese: Discípulos Missionários.

É uma questão de método. Diz o Documento de Aparecida:

- em nossa Igreja temos que reforçar quatro eixos:
- a. A experiência religiosa: que é o encontro pessoal com Jesus Cristo;
 - b. A vivência comunitária: que as pessoas sejam visíveis e eclesialmente incluídas;
 - c. A formação bíblico doutrinal: que é a única maneira de amadurecer a experiência religiosa;
 - d. O compromisso comunitário de toda a comunidade, que é a busca dos afastados a fim de encantá-los com a Igreja (DA 226).

É o encontro com Cristo o ponto de partida. Este nos faz discípulos, gera a “conversão, a comunhão, o discipulado e a missão” (DA 178). O fundamento, portanto é kerigmático. Em outras palavras, Aparecida sustenta que antes de tudo, Jesus Cristo, não é uma doutrina, nem um conceito. Cristo também não é uma ideia. É uma pessoa. Tudo, na missão da Igreja é decorrente da experiência com a pessoa de Jesus Cristo. As comunidades, a teologia, o compromisso social, isso tudo vem a posteriori. Primeiramente, a Igreja precisa oferecer, com alegria, o evangelho da água viva.

Para tanto, será necessário alcançar o cerne do desafio: formar discípulos missionários. Primeiro discípulos, depois discípulos missionários comprometidos:

os melhores esforços das paróquias neste início de terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de leigos missionários. Só através da multiplicação deles poderemos chegar a responder às exigências missionárias do momento atual (DA 174).

A formação que o documento se refere possui uma pedagogia a que Aparecida chama de formação integral: Isso implica em:

- a. Dimensão Humana e comunitária: que é assumir a história e o protagonismo da história;
- b. Dimensão Espiritual: que é a dimensão formativa que funda o ser cristão na experiência de Deus e que o conduz pelo Espírito;
- c. Dimensão Intelectual: que é o dinamismo da razão que procura dar o significado da realidade no mistério;
- d. Dimensão Pastoral e Missionária: que é o anúncio do evangelho com pedagogia (DA 280).

Para Aparecida, a missionariedade da Igreja é algo inegociável. É uma urgência e uma obrigação, pois:

ao chamar os discípulos, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o evangelho do reino a todas as nações. Por isso, todo o discípulo é missionário, pois Jesus o fez partícipe da sua missão [...]. Cumprir esta missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã. (DA 144).

Mais:

a diocese, presidida pelo bispo, é o primeiro espaço da comunhão e da missão. O bispo deve estimular e conduzir uma ação pastoral orgânica e vigorosa, de maneira que, a variedade de carismas, ministérios, serviços, organizações, se orientem no mesmo projeto missionário para comunicar vida ao próprio território (DA 169).

As respostas de Aparecida ao fenômeno da pobreza são enfáticas. A temática da pobreza e do compromisso social dos cristãos, e as concepções que emanam deste tema, que para a Igreja na América Latina é algo já conhecido e trilhado desde a conferência de Medellín em 1968, toma corpo de maneira enfática em Aparecida com a expressão pobreza geográfica e pobreza existencial:

cada paróquia deve chegar a concretizar em sinais solidários do seu compromisso social nos diversos meios em que se move. Não pode ser alheia aos grandes sofrimentos que a maioria da nossa gente vive e que com muita frequência são pobreza escondidas (DA 176).

Para garantir o teor da opção preferencial pelos pobres, Aparecida recorre a um fundamento:

a opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja [...] está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós para nos enriquecer com sua pobreza (DA 391-392).

A pobreza à qual o documento fala, não é somente a pobreza econômica. É uma pobreza humanística, pois ela se estende inclusive à pobreza de conhecimento. É sabido que quem domina a realidade é quem domina o saber. Saber é poder. Isso passa pelos sistemas educacionais, quer nas redes públicas, quer nas redes

particulares, incluindo a educação católica que, apesar da qualidade que lhe é peculiar, muitas vezes não responde eficazmente aos desafios sociais:

o que existe hoje é a pobreza de conhecimento e do uso e acesso a eles. Por isso é necessário que os empresários assumam a responsabilidade de criar mais fontes de trabalho e investir na superação desta nova pobreza (DA 62).

Porém há algo mais. Aparecida nos dá uma nova lista, dos novos rostos dos pobres nos quais devemos conhecer o rosto de Cristo: “migrantes, vítimas de HIV/AIDS, prostituição infantil, analfabetismo tecnológico, drogados, presidiários” (DA 65, 402, 407, 430).

Algo também elementar é a preocupação e a relação entre pobreza e meio ambiente. Diz Aparecida:

a melhor forma de respeitar a natureza é promover uma ecologia humana aberta à transcendência que, respeitando a pessoa e a família, os ambientes e as cidades, segue a indicação paulina de recapitular as coisas em Cristo e de louvar com ele ao Pai (DA 126).

Aparecida propõe alguns cuidados missionários muito pragmáticos no que diz respeito ao meio ambiente:

- Aprofundar a presença pastoral nas populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório;
- Procurar um modo de desenvolvimento alternativo, integral e solidário baseado numa ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana que se fundamente no evangelho e na justiça;
- Empenhar esforços na implantação de políticas públicas e participações cidadãs que garantam proteção e restauração da natureza (DA 474).

Ser discípulo missionário não significa fugir do mundo e apegar-se ao exotérico em preocupações voltadas somente para os interesses pessoais:

viver a santidade na missão, conduz a pessoa a atingir ao coração do mundo. Por isso, a santidade, não é fuga para o intimismo ou o individualismo religioso, nem o abandono das realidades urgentes dos grandes problemas econômicos sociais e políticos e muito menos fuga da realidade para um mundo estritamente espiritual (DA 148).

O referencial semântico que a Igreja trilhou na missão, na concepção missionária anterior ao de Aparecida, foi o de agir pastoralmente através de organismos missionários como: Pontifícias Obras Missionárias (POM), Infância Missionária (IAM), Dia Mundial das Missões (20/10), Conselho Missionário Nacional – no Brasil ligado à CNBB (COMINA), Conselho Missionário Regional (COMIRE), Conselho Missionário Diocesano (COMIDI), Conselho Missionário Paroquial

(COMIPA), Conselho de Animação Missionária (CAM), Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Foi um modelo institucional e burocrático que cumpriu sua função no processo. Mas Aparecida diz: “uma paróquia, comunidade de discípulos missionários, requer organismos que superem qualquer tipo de burocracia” (DA 548).

A partir de Aparecida outra semântica na atividade missionária aparece no horizonte. A missionariedade da Igreja, agora, se torna algo transversal, isto é, passa por todas as pastorais desde a catequese. Tudo é missão. A razão é que quando criamos organismos específicos, a missão fica terceirizada, vertical, reducionista.

Isso tudo lembra a Conferência de Medellín que já assumira, em 1968, a revisão de “uma pastoral de conservação baseada na sacramentalização com pouca ênfase na prévia evangelização” (DM 6,1). Medellín sonhou com uma Igreja missionária e pascal. Aparecida repete tudo isso e propõe uma paróquia “casa dos pobres, desburocratizada e profética, com estruturas novas de participação, missionária e pascal” (DA 8,176,215,220,342,306,267).

Missão não é somente um projeto a mais numa comunidade paroquial, ou eventos missionários no mês de outubro com cronologia nos calendários, mas é um princípio fundamental que todos os batizados deverão assumir na vida inteira e em todas as atividades que a Igreja propõe. É tarefa de todos. As pastorais específicas enquanto ação organizada virão num segundo momento, porque são metodológicas e assumem formas diversas no tempo e nos espaços geográfico e cultural. Já a missão não é método. Ela é essência, conteúdo *sine qua non*. Missão não é uma pastoral a mais no conjunto de pastorais. Assim, podemos dizer que todas as instâncias da Igreja deverão se render a esse único princípio.

O Documento insiste no universo da paróquia:

uma paróquia, comunidade de discípulos missionários, requer organismos que superem qualquer tipo de burocracia [...] todos os organismos precisam estar animados por uma espiritualidade de comunhão missionária (DA 203).

Ainda:

a conversão pastoral de nossas comunidades exige que se passe de uma pastoral de mera conservação a uma pastoral decididamente missionária... A mudança deve afetar todas as instituições da Igreja. Começa com a reforma da paróquia (DA 370).

Pode-se entender como resumo de Aparecida, algumas certezas. Segundo Mikuszka, são seis as certezas que podem ser ditas assim:

1. Igreja e missão se requerem mutuamente;
2. Missão não acontece sem Igreja e Igreja não acontece sem missão [...];
3. Missão não é somente um serviço que a Igreja presta ao mundo, mas faz parte do seu ser [...];
4. A preocupação, a atualização e a revitalização da ação missionária ajudam explorar novos campos [...];
5. A ação missionária não pode ser colocada na periferia das atividades da Igreja, mas parte prioritária da sua existência [...];
6. A missão não é somente para alguns membros da Igreja mas é uma tarefa de todos [...] (2012, p. 159).

Ao se referir aos pobres e marginalizados, na EG, o Papa Francisco cita o discurso de Bento XVI na abertura da Conferência de Aparecida que diz: “os pobres são um precioso tesouro da Igreja Católica e que nela aparece a alma dos povos latino-americanos” (DA 7).

4 EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*: A SEMÂNTICA MISSIONÁRIA DE UMA IGREJA EM SAÍDA

4.1 MISSÃO E MISSIONARIEDADE NA *EVANGELII GAUDIUM*

A dimensão missionária da Igreja é o eixo da EG, o que sintoniza com o Documento de Aparecida, desde o título do documento, perpassando todo o texto. Certamente o Documento de Aparecida é algo que o Papa Francisco carrega em sua memória e em sua espiritualidade. São muitas as “saídas” missionárias que desafiam a agir da Igreja.

Missão na EG é fundamentalmente: êxodo, páscoa, ressurreição, movimento, deixar o conforto dos templos. Uma Igreja missionária é “uma Igreja em saída”, inclusiva:

fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evento a todos, em todos os lugares e, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria é para todo povo. Ninguém pode ficar excluído (EG 23).

Uma das citações do DA que aparece a EG traz que “não devemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos tempos. Devemos passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (EG 15).

“A missão exige uma entrega generosa e não heroica” (EG). Para o Papa Francisco, viver as bem-aventuranças no cotidiano pessoal não é heroísmo. Ser discípulo é transformar as bem-aventuranças numa experiência comunitária o que significa discipulado ou missão, “por isso mesmo, também o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência” (EG 179).

A missão é o agir evangelizador da Igreja no mundo, assim, “a vocação e a missão próprias dos fiéis leigos é a transformação das diversas realidades terrenas para que toda a atividade humana seja transformada pelo Evangelho” (EG 201). Decorre então que o discípulo deverá ter Jesus no coração e o coração no mundo dos homens, pois “a missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo” (EG 268):

a proclamação do evangelho está relacionada àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre o recusaram. Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto [...]. Os cristãos tem o dever de anunciar sem excluir ninguém. A Igreja cresce por atração e não cresce por proselitismo (EG 14).

Uma paróquia missionária, segundo o papa Francisco, é um espaço aberto e não burocrático. Sobre isso, um parágrafo que faz grande provocação, na EG, é aquele em que o Papa Francisco diz:

a missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Nisto uma pessoa se revela enfermeira no espírito, professor no espírito, político no espírito..., ou seja, pessoas que decidiram, no mais íntimo de si mesmas, estar com os outros e ser para os outros. Mas, se uma pessoa coloca a tarefa dum lado e a vida privada do outro, tudo se torna cinzento e viverá continuamente à procura de reconhecimentos ou defendendo as suas próprias exigências. Deixará de ser povo (EG 273).

Para o Papa Francisco, discipulado ou missão é um permanente modo de ser e agir do discípulo. Não é uma empreitada pontual ou uma tarefa com prazo determinado para acabar:

a missão não é um negócio nem um projeto empresarial, nem mesmo uma organização humanitária, não é um espetáculo para que se possam contar quantas pessoas assistiram devido à nossa propaganda. É algo de muito mais profundo, que escapa a toda e qualquer medida (EG 279).

O olhar do discípulo não é isento de ideologias e de alienações. Então talvez seja também necessário rever o processo de formação teológica, principalmente nos institutos de teologia, o que poderá pedir “saída” de uma teologia de caráter dogmático e demasiadamente conceitual, para uma teologia com vertente missionária e pastoral e isso demandará a revisão dos currículos acadêmicos. Soma-se a isto o Direito Canônico que conforme interpretação que se der, poderá ser “freio” ou “acelerador” para os programas do Papa Francisco. Essa “saída” demanda, portanto, muitas implicações.

Em suas atitudes, o papa Francisco tem dado testemunho de saída ao encontro com prisioneiros, enfermos e refugiados. O sair-de-si tem um rumo certo: as periferias, “não apenas as periferias geográficas, mas também as periferias existenciais: as do mistério do pecado, da dor, das injustiças, da ignorância, da recusa religiosa, do pensamento e de toda a miséria” (pré-conclave 2013). Fazer-se presente nessas periferias significa seguir o Jesus encarnado, “O Deus feito homem que se fez nosso irmão” (pré-conclave 2013). O Verbo se fez carne e, no dizer do papa Francisco, “na América Latina temos carne aos montes. O que acontece com os pobres, as dores. Esta é a nossa carne” (pré-conclave 2013)

4.2 AS RESPOSTAS DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM* PARA A CRISE DA MODERNIDADE

Na igreja católica, o racionalismo moderno também ocupou espaço e fez com que o cristianismo se tornasse uma religião demasiadamente doutrinária, centrada em conceitos e dualista. Percebe-se a separação entre fé e vida. Esta dicotomia, na compreensão da fé, fez dela um produto de consumo pessoal. Mas a experiência cristã, na realidade, não é uma doutrina, mas a pessoa de Jesus Cristo. Diante disso é necessário também sair de uma teologia demasiadamente racionalista, alicerçada na filosofia, para uma teologia que contemple o mistério. A verdade filosófica tem como ponto de partida a razão, enquanto que a verdade teológica cristã parte do mistério de Jesus. Essas duas realidades não são sinônimos. O centro da fé cristã não é uma doutrina, mas o encontro com Alguém. Uma verdade teológica é uma questão de vida e de práxis e não somente uma elaboração conceitual. Conhecer, em primeiro lugar, não é saber, mas amar e seguir, em outras palavras, discipulado e missão. Entretanto, o que a teologia anunciou na modernidade foi fundamentalmente conceitos doutrinários.

O que a EG propõe é aproximação metodológica mística a Jesus Cristo. Isto não significa abandonar a racionalidade da fé, mas implica em renunciar a pretensão de reduzir a fé a um sistema de verdades. O Papa Francisco sustenta que “a realidade é mais importante que a ideia” (EG 231). Cristianismo é uma experiência do ressuscitado. É abrir-se ao mistério de Jesus Cristo e anunciar o Evangelho aos que estão abertos a ele. Num sistema marcado pela economia de mercado, pelo utilitarismo, cuja lógica é a valorização do lucro e a conseqüente marginalização de inúmeras pessoas e grupos, o anúncio do mistério cristão e das exigências que provém dele possuem muitas implicações.

No atual estágio da modernidade em crise, o ser humano, afogado nas efemeridades que não levam a nenhum fim definitivo, carente de transcendência e de infinito, voltou-se para si próprio ignorando a dimensão relacional humana. As relações entre sujeitos enfraqueceram e as relações entre sujeito e objeto se fortaleceram. A máquina substituiu o próximo semelhante, haja vista, o espaço ocupado pelos telefones celulares, carros, pelas paixões desproporcionais com animais de estimação, e tantas outras opções de menor grandeza. Diz a EG:

o grande risco do mundo atual com sua avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota de um coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada.

Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor (EG 2).

Na modernidade, o sentido último da existência foi substituído pelo encanto da tecnocracia, do consumismo, e das idolatrias. Isso não criou felicidade nem bem-estar. Diz a EG:

o medo e o desespero apoderam-se dos corações de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência. A desigualdade social torna-se cada vez mais patente (EG 52).

E mais,

a sociedade técnica teve a oportunidade de multiplicar as ocasiões de prazer. No entanto ela encontra dificuldade grande em engendrar alegria [...] recorro a alegria genuína daqueles que mesmo no meio de grandes compromissos profissionais souberam conservar um coração crente, generoso e simples (EG 7).

A respeito da pobreza humanística:

a crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer de que na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação do ser humano [...] não fazer os pobres participar dos seus próprios bens é roubá-los e tirá-lhes a vida. Não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos (EG 55).

Porém isso todo não constitui novidade. Em seu livro *Pedagogia do Oprimido* o pedagogo Paulo Freire, cita São Gregório de Nissa no ano 330 d C., em seu sermão contra os usurários:

talvez dêsmolas, mas de onde as tiras senão das tuas rapinas cruéis, dos sofrimentos, das lágrimas, dos suspiros? Se o pobre soubesse de onde vem teu óbolo ele o recusaria porque teria a impressão de morder a carne de seus irmãos e de sugar o sangue do seu próximo. Ele te diria estas palavras corajosas: não sacieis a minha cede com as lágrimas dos meus irmãos [...] de que vale consolar um pobre se tu fazes outros cem? (1980, p. 31).

O ser humano deixou de ser “a medida de todas as coisas”, como afirmava Protágoras (480 - 410 a C.). Uma frase do DA citada pelo papa Francisco na EG diz que “nada daquilo que é humano pode parecer estranho a Jesus Cristo e a sua Igreja” (EG 181). Sem cair no antropocentrismo, o papa Francisco assinala que a sociedade moderna subtraiu do ser humano um valor ontológico que lhe é próprio:

o ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do descartável, que aliás chega a ser promovida [...] os excluídos não são ‘explorados’, mas resíduos, ‘sobras’ (EG 53).

No mundo moderno, a fé, a contemplação, não foi mais considerada via satisfatória para se chegar à verdade. Um novo caminho, um novo método era

necessário, para superar algumas incertezas. Deus deixou de intervir no universo do discurso científico e nesta retirada de Deus, desapareceu também o papel primordial da teologia que era a instância que garantia a unidade do saber tradicional o qual se alinhava aos desígnios da criação.

O papa Francisco escreve:

esta mudança de época foi causada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas inovações tecnológicas e nas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida. Estamos na era do conhecimento e da inovação, fontes de novas formas de um poder muitas vezes anônimo (EG 70).

Esta reflexão atinge também a missão da Igreja:

assim se gera a maior ameaça, que é o pragmatismo cinzento da vida cotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai se deteriorando e degenerando na mesquinhez [...] desenvolve-se a psicologia do túmulo que pouco a pouco transforma os cristãos e múmias de museu. Desiludidos com a realidade, com a Igreja ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como o mais precioso elixir do demônio (EG 83).

Quanto à pobreza ela torna-se um processo. Ninguém nasce com a vocação para a miséria ou para a falta de dignidade humana. É o sistema que empobrece as pessoas e produz bolsões geográficos e existenciais, e isso pode ter cura. Diz a EG:

precisamos dizer não a uma política de exclusão e de desigualdade social. Esta economia mata [...]. Não se pode mais tolerar o fato de jogar comida no lixo quando há pessoas que passam fome. Isso é desigualdade social. Hoje tudo entra na lei da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco (EG 53).

Muitos daqueles que são “dominados”, em busca de sobrevivência, são forçados a trilhar caminhos não éticos. Chegam a patamares elevados de degradação humana, na maioria das vezes de maneira involuntária, porque a sociedade como um todo, lhes roubou oportunidades e o que é pior, a dignidade. Principalmente de mulheres, que afetadas por esta condição social tornam-se cada vez mais vítimas do sistema:

todavia não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos (EG 52).

Paralelo a isso, o papa Francisco também se pronuncia sobre a influência externa, dado a globalização, na cultura de populações, destruindo as raízes de uma ética com fundamentos históricos e antropológicos:

em muitos países a globalização comportou uma acelerada exteriorização das raízes culturais com a invasão de tendências pertencentes a outras culturas, economicamente desenvolvidas, mas eticamente debilitadas (EG 82).

É necessário, portanto, dialogar com as culturas diversas. E dialogar sem proselitismo. “A Igreja cresce por atração e não por proselitismo” (FRANCISCO, 2014) disse o Papa Francisco na missa em ação de graças pela canonização de São José de Anchieta. O maior capítulo da EG é dedicado ao tema da enculturação:

tudo tem a ver com um coração cheio de ardor e com a sensibilidade com que se expõe a mensagem do evangelho e não com o proselitismo. As palavras, os gestos que fazemos, precisam ser atraentes para os destinatários. Por exemplo, para os indianos, a mensagem precisa ser rica em simbolismos; para os jovens, símbolos que revelam a beleza do evangelho. Somente deste modo podemos sentir o evangelho se revigorar e libertar (FERNÁNDEZ, 2014, p. 63).

É longa a reflexão do papa Francisco na EG sobre ecologia humana desde o número 202 até 246 onde ele acentua a distribuição de renda, o cuidado com a fragilidade e o bem comum.

Recomenda a ONU na famosa Carta da Terra: “a escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da terra e uns dos outros, ou arriscar nossa destruição e a da diversidade da vida” (2000). Provavelmente o ser humano levou muito ao pé da letra a tradução latina da narrativa do livro do gênesis: “dominai” (Gn 1,28). Dominamos tanto que estamos destruindo o meio ambiente e em decorrência, o planeta.

Do ponto de vista da ética filosófica, é urgente pensar que as pessoas são pilotos temporários de uma nave espacial chamada Planeta Terra e com o poder de decisão sobre eles mesmos. No livro “Por uma Moral Planetária” (LACROIX, 1994), o autor sustenta que quinze milhões de anos depois da morte dos dinossauros, os homens estão sendo condenados por cometerem a mesma falha: destruir a casa, crescer demais, aumentar demais. É preciso então parar de crescer em todos os níveis, pois a terra, casa de todos, é limitada e finita e pela lógica, o crescimento ilimitado não cabe num mundo limitado. Em outras palavras, viver nos próximos trinta anos, como se viveu nos últimos trinta anos, será assassinato das gerações

futuras. É preciso garantir a vida. Que o ser humano, no mínimo, viva. Viver bem é uma questão que, infelizmente, virá depois.

Bingemer sustenta que:

a Igreja tem sido omissa neste particular do universo feminino. A sua omissão tem sido precisamente por ter feito pouco para acompanhar as mulheres que estão em situações muito duras, nas quais o aborto lhes parece como uma solução rápida para suas profundas angústias, particularmente quando a vida que cresce nelas, surgiu como resultado de uma violência ou de um contexto de extrema pobreza (2014, p. 242).

Esse sectarismo é de uma minoria que domina e comanda o processo neoliberal, que invade de maneira ímpia todas as nações e há, então, os excluídos por não terem acesso informativo desta cultura perversa. Diz o documento da CNBB:

cultura de massa especializou-se em oferecer produtos cuja marca principal é a superficialidade, juntamente com certa vulgaridade. Os meios de comunicação de massa, apesar de prestarem grande serviço à comunidade internacional, através de muitas das suas atividades, têm participação crescente neste processo (2005, n. 80, p. 454).

No enfrentamento disto novas vertentes teológicas tomam vulto na América Latina, dentre elas a Teologia da Cultura ou Teologia do Povo, na Argentina, que para alguns possui características semelhantes as da Teologia da Libertação, mas sobre isso há controvérsias. Diz Alex Villas Boas comentando *Lucio Gera* (1924-2012), um dos principais formuladores desta corrente teológica:

a Teologia do Povo não buscava a transformação das estruturas sociais e políticas por si mesmo, mas o 'discernimento da missão' e a 'identidade da instituição eclesial a partir de uma opção pelo povo pobre'. Tal opção conduziria a uma *práxis pastoral* orientada pela *justiça social* como *valor* do povo fiel a Jesus (2016b, p. 776).

Na contemporaneidade, a vida humana, diante das filosofias e teologias diversificadas, mudou profundamente seu significado. Os valores presentes nos relacionamentos, que tornavam a vivência da fraternidade e a justiça, uma decorrência natural da atitude perante a vida, perderam seu sentido. O homem sentiu-se livre dos imperialismos epistemológicos, quer da filosofia, quer da teologia quer da ciência. Após a última guerra, a grande conquista interior que o homem conseguiu foi a da liberdade. Mas uma liberdade limitada, sem um ponto de referência que dê uma direção, e este relativismo tornou o homem infeliz. A emancipação da tutela da teologia colocou em dúvida a própria transcendência, e a ausência de um sentido último para a vida tornou o próprio homem vítima de si mesmo. Quando não existe uma direção, qualquer caminho é possível, pois apenas

são vistas as partes. Nesta formulação cabe a expressão de Joseph Ratzinger “ditadura do relativismo”:

a cultura moderna se caracteriza pela centralidade do homem; os valores da personificação, da dimensão social e da convivência; a absolutização da razão, cujas conquistas científicas e tecnológicas e informáticas têm satisfeito muito as necessidades do homem, ao mesmo tempo em que têm buscado autonomia em relação à natureza, a qual domina; em relação à história, cuja construção ele assume; e inclusive em relação a Deus, do qual se desinteressa ou relega à consciência pessoal, privilegiando exclusivamente a ordem temporal (SD 252).

Nos rumos de Aparecida diz o papa Francisco na EG:

[...] as guerras acontecem no bairro, no local de trabalho, com invejas, ciúmes, ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança e desejo de impor suas próprias ideias a todo o custo. Quem queremos evangelizar com esses comportamentos? (EG 98-100).

Assim, aparece na EG, algo novo na semântica missionária atual: uma Igreja em saída. Esta proposição tem implicações na Teologia que abrange fundamentalmente a Cristologia, na missão e na pastoral. Cada uma dessas instâncias é um elemento de um todo que se torna iferente porque possui algo que substitui a práxis anterior, principalmente no que se refere ao método.

4.3 UMA IGREJA EM SAÍDA MISSIONÁRIA

No pontificado do papa Francisco, a semântica missionária de uma Igreja em saída se solidifica, pois a Igreja toda, nos trilhos da EG, está sendo orientada a seguir fazendo sua história missionária na essência e na forma, porém dentro de um novo referencial semântico: sair da autorreferencialidade e fazer caminho no rumo das periferias. Diz Francisco:

naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do evangelho (EG 20).

“Uma Igreja em saída”, Silva e Brighenti, destacam:

a ‘Igreja em saída’ tão frisada na *Evangelii gaudium* remete a duas atitudes necessárias para a Nova Evangelização, que é compreensão de que a mesma missão que Jesus realizou em sua vida terrena é a nossa, pois, a partir de seu mandato missionário somos agora nós os anunciadores da Boa Notícia de seu Reino. A outra atitude que se espera da Igreja é a saída de si mesma, ou seja, o ‘primeirar’, tomar a iniciativa, como nos recorda o Papa Francisco (2015, p. 7).

A saída da qual se refere a EG é portanto muito mais do que o simples sair dos templos e das cúrias. Deverá ser uma saída do individualismo e do racionalismo da modernidade. O documento denuncia “o vazio de um individualismo reinante deixado pelo racionalismo secularista” (EG 63) afirmando também que os “racionalismos são míopes” (EG 256) e critica a “desertificação espiritual” (EG 86). Com respeito às ideologias, diz Francisco: “essas defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Tornam o mercado divinizado e absoluto” (EG 56) e falsificam os evangelhos.

Na EG Francisco diz que: “O grande risco do mundo atual, com sua avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho” (EG 2). A exortação apostólica aponta então para a necessidade dos cristãos fazerem uma autêntica experiência pessoal de Jesus Cristo e com isso preencher certos vazios até então ocupados por outros interesses efêmeros e fetiches. Preencher o vazio com aquilo que a espiritualidade chama de graça santificante. Feito isto, a Igreja também poderá deixar de ser conformada com “o mundo individualista, triste e mesquinho, que busca desordenados prazeres superficiais” (EG 2). Será como a saída do povo de Israel do Egito, que não foi somente uma migração geográfica, mas uma mudança de atitude, de práxis, pois era necessário louvar a Deus, longe da velha “casa do faraó” com suas idolatrias.

O papa Francisco começa citando indiretamente Aparecida com as palavras “proximidade e encontro”. Isto é o mesmo que dizer Discípulo Missionário. Devemos nos aproximar do mestre para sair e encontrar o outro. Encontrar o pobre. Migrar das concepções missionárias para a efetivação de uma prática pastoral missionária. Uma Igreja que sai da supervalorização da doutrina que engessa a criatividade e a invenção do novo, que o mundo pós-moderno exige.

A expressão “mundanismo espiritual” é muito frequente na EG. Na maioria das vezes é sinônimo de idolatria daquilo que não é sagrado, de encantamentos efêmeros que atingem a própria liturgia e a espiritualidade. “Desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu... que cuidam mais da aparência e do exibicionismo litúrgico... com uma autocontemplanção egocêntrica” (EG 95). Isso atinge também os seminários de formação sacerdotal onde candidatos buscam formas de poder, glória humana,

segurança afetiva e bem-estar econômico, sem fervor nem paixão em levar o Cristo aos outros (EG 107).

A descoberta da dimensão sagrada da existência é capaz de tornar relativas as vicissitudes da vida. Jesus Cristo torna-se então alternativa para as crises existências tão frequentes na modernidade. Mas será preciso anúncio e com a segurança de quem fez a experiência da graça que emana da ressurreição. Quando colocamos particularidades acima daquilo que é absoluto estamos mascarando o absoluto que é o princípio vital de toda a existência.

Quanto à opção pelos pobres, o Papa Francisco argumenta que cada batizado, e a Igreja enquanto instituição é convidada para estar a serviço da libertação e promoção dos pobres no sentido da inclusão deles na sociedade:

a reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (EG 27).

Em vista disso o Papa usa com frequência a palavra solidariedade. Uma solidariedade que humaniza. O texto é ainda mais incisivo:

a palavra solidariedade embora um pouco desgastada e, às vezes, até mal interpretada, significa muito mais do que alguns gestos de generosidade; supõe a criação de uma nova mentalidade, que pense em termos de comunidade, de prioridade de vida de todos sobre a apropriação de bens por parte de alguns (EG 188).

Ainda:

o dinheiro deve servir, mas não governar [...] daí, os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los, promove-los. Exorto-vos a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças, a uma ética propícia ao ser humano (EG 69).

Entretanto, se pode observar a força da palavra “pobre” e a força da palavra “pobreza”, em ambos os documentos: DA e EG. O “pobre” é entendido como indivíduo, pessoa. Pobre na América Latina é aquele cidadão concreto que foi empobrecido pela dinâmica perversa do sistema posto. Entende-se “pobreza”, como categoria social. Os bolsões de pobreza. A classe dos empobrecidos: trabalhadores (as), sem-terra, pessoas em situação de rua, refugiados, nativos, analfabetos, dependentes químicos, doentes. E, naturalmente, as pobreza existenciais: idosos, deficientes (os que não são eficientes), pessoas excluídas do mercado de trabalho e outros.

A palavra “pobreza” aparece com menos frequência na EG quando comparada ao Documento de Aparecida. Talvez essas desproporções mereçam um estudo sobre óticas diferentes de percepção do fenômeno e também suas causas específicas: as da América Latina e as da Igreja no mundo inteiro. Qual é a aplicabilidade pastoral de um conceito latino-americano, para a Igreja toda? Surge então uma questão metodológica, isto é, o conteúdo poderá ser o mesmo, mas o caminho missionário poderá ser diverso, dependendo de cada cultura ou de cada contexto, mas principalmente da Teologia.

Na reflexão sobre os caminhos da Igreja feita no primeiro capítulo, concluiu-se que houve várias semânticas de missão na história da Igreja. Assim, na Igreja Nascente, a essência foi o kerigma e a forma foi o testemunho; na Idade Média a essência da missão passou a ser a cristandade, com base no Concílio de Nicéia e a forma foi o expansionismo através das cruzadas; na modernidade, a partir do Concílio de Trento a essência da missão da Igreja foi o fortalecimento de si mesma enquanto instituição e a forma foi o combate ao protestantismo reformista; hoje, essência da missão não consiste mais em expandir o sistema cristão nem combater heresias teológicas. A semântica missionária é uma Igreja em saída na construção do Reino de Deus através do discípulo e discipulado e a forma é pastoral. A expressão “Reino de Deus” toma um novo sentido na EG.

A opção evangélica latino-americana pela nova identidade missionária da Igreja e pelos pobres, em Aparecida, tomou um espaço maior na cátedra de Pedro através da EG, dos discursos e das atitudes do Papa Francisco. A soma disto é um apelo eclesiológico para que os cristãos se livrem dos fardos desnecessários que impedem a Igreja de sair de seu comodismo e ir ao encontro dos mais necessitados. De sair de si mesma e de incentivar os pobres a fazer da Igreja sua casa espiritualmente e geograficamente:

é a Igreja encarnada num espaço concreto, dotada de todos os meios de salvação dados por Cristo, mas com um rosto local. A sua alegria de comunicar Jesus Cristo exprime-se tanto na sua preocupação por anunciá-lo noutros lugares mais necessitados, como numa constante saída para as periferias do seu território ou para os novos âmbitos socioculturais (EG 30).

4.4 UMA IGREJA TEOLOGICAMENTE DE JESUS CRISTO

Na modernidade, o ocidente viveu uma antítese de um paradigma teocêntrico medieval e a pós-modernidade vive agora uma antítese de um paradigma

racionalista e cientificista moderno que teve a pretensão de engessar toda a verdade dentro de seus fundamentos. A Teologia precisa dialogar com a dinamicidade da história e sempre, “perscrutar os sinais dos tempos”, propondo caminhos autênticos e seguros, com metodologias precisas que apresentem adequadamente “um Jesus Cristo que liberte, cure, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária” (DA 89).

O Jesus Cristo ressuscitado, vivo e com carne, na concepção do Papa Francisco, é teologicamente a base para todo o agir eclesial na atual concepção de missão. Francisco denuncia que a pessoa de Jesus Cristo vivo, na fé cristã, por vezes, ficou ofuscada em função de ideologias e espiritualidades desencarnadas, quando deveria com sua força, ser o centro da evangelização, da missão e da teologia. Não são as ideologias que produzem discípulos:

a espiritualidade missionária do seguimento de Jesus Cristo não se confunde com o fundamentalismo ou com uma espiritualidade individualista de certos movimentos religiosos. Precisamos estar atentos para não oferecer ‘mais uma forma de consumismo espiritual à medida do próprio individualismo doentio’ (RAMPSON, 2016, p. 44).

Dom Helder Câmara, num dos seus escritos ajuda a entender melhor o que Francisco quer dizer quando critica certa “espiritualidade individualista”:

o embevecimento de Deus é simplesmente fuga da realidade e falta de coragem de enfrenta-la, porque ela é complexa, rude e, não raro, suja... A ligação entre prece e engajamento, entre ação e reflexão, tem consequências fortíssimas. A reflexão ilumina e fortalece a ação. Por sua vez a ação ajuda a aprofundar a reflexão (CAMARA, 1976, p. 798).

Jesus foi pobre: “as raposas têm covas, as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58). Esta foi, literalmente, a realidade de Jesus: pobre. Existiam muitos ricos na sociedade da Palestina na época de Jesus, dentre eles, os romanos que lá estavam, a classe dos saduceus que eram proprietários de terras, os grandes publicanos que eram cobradores de imposto, os sacerdotes que cuidavam do templo, e outros. Mas Jesus nasceu numa família de migrantes, vindos do sul da Palestina em busca de terra para trabalhar, e como não a encontrou, José trabalhava em atividades alternativas.

Tanto José quanto a família de Maria, moravam em cavernas, ou grutas. É bom dizer que a Palestina é muito farta dessas cavernas por ser um país com muitas pedras. Jesus, de fato, nasceu numa dessas cavernas, vivia ensinando em cavernas (no Horto das Oliveiras existe uma delas, em Cafarnaum existem várias) e foi

sepultado numa caverna, pois o túmulo de José de Arimatéia era uma caverna preparada para depositar corpos de defuntos. O fato é que os pobres da época não tinham edificações construídas. Moravam, mesmo, nesses buracos ou grutas que os protegiam do frio, do sol e das chuvas.

Ainda hoje, quem faz peregrinações à Terra Santa, pode apreciar, na cidade de Nazaré, as cavernas onde viveram tanto José (é uma caverna grande onde também havia um depósito de grãos e sua carpintaria) e a caverna onde morava Maria, o lugar da anunciação, numa distância de aproximadamente cem metros da caverna de José.

Jesus, durante o período da sua pregação (curto tempo de três anos), vivia em permanente saída, peregrinando, principalmente nas beiras do Mar da Galileia, onde havia abundância de peixes (e ainda há). Era assistido, provavelmente pelos apóstolos e por mulheres piedosas que o ajudavam (Lc 8,1-3).

Muitas vezes, surgem controvérsias com respeito ao tema da pobreza de Jesus. Os materialmente ricos, por vezes, não gostam de saber que Deus escolheu a classe pobre para nela se fazer homem. Os ricos da época de Jesus também não gostavam disso. Mas esta foi a vontade do Deus dos cristãos. É bom que os cristãos aceitem e entendam isso, ou então, Jesus Cristo passa a ser um teatro a mais na vida dos batizados:

quando se lê o evangelho encontramos uma orientação muito clara: não tanto os amigos e vizinhos ricos, mas, sobretudo, aos pobres e aos doentes. Àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos. Àqueles que muitas vezes não têm com que te retribuir [...] os pobres são os destinatários privilegiados do evangelho [...] há um vínculo indissolúvel entre nossa fé e os pobres (EG 48).

As ideologias, tanto espirituais quanto políticas, falsificam os evangelhos. Quando entra a ideologia na inteligência do evangelho, não se entende nada. Toda a interpretação ideológica, de qualquer parte que vier, é uma falsificação e esses ideólogos – vimos isto nos outros momentos eclesiais - se tornam intelectuais sem serem discípulos.

Prestando atenção nisto, entende-se em parte, o certo silêncio de Jorge Mario Bergoglio no que diz respeito à Teologia da Libertação, não combatida por ele enquanto bispo e arcebispo, mas ao mesmo tempo sem fazer desta corrente teológica um pilar mestre do seu projeto de evangelização na Argentina.

Possivelmente, o silêncio de Bergoglio, não foi precisamente discordância da Teologia da Libertação, mas uma precaução sobre os usos ideológicos que poderão ser feitos desta corrente teológica, como já havia alertado o cardeal Joseph Ratzinger quando prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, no pontificado de São João Paulo II:

a presente Instrução quer chamar a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fiéis, para os desvios e perigos de desvio, prejudiciais à fé e à vida cristã, inerentes a certas formas da teologia da libertação que usam, de maneira insuficientemente crítica, conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista [...] Esta advertência não deve, de modo algum, ser interpretada como uma desaprovação de todos aqueles que querem responder generosamente e com autêntico espírito evangélico à 'opção preferencial pelos pobres' (1984).

Em defesa da Teologia da Libertação, o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, um dos fundadores desta corrente teológica, disse recentemente no I encontro Ibero-americano de Teologia:

a Teologia da Libertação é uma teologia profundamente espiritual. A espiritualidade é fundamental no processo teológico, porque é um estilo de vida e uma maneira de ser, explicou. Por isso, essa teologia latino-americana nunca vai morrer (GUTIÉRRES, 2017, *online*).

Segundo Manzatto,

Francisco conhece a Teologia da Libertação e a conhece a partir de dentro. Sabe de seus pressupostos, de seu desenvolvimento, de sua grandeza e de seus limites. Sendo teologia situada e contextualizada, é claro que ela comportará limites. Sua prática é a da preocupação com a realidade dos pobres e, por isso, quer uma Igreja toda comprometida nesta direção. A reflexão teológica sobre esta prática será feita depois, por aqueles que se dispuserem a este trabalho. A ele, em seu ministério, cabe melhor a ação de proteção dos pobres que a reflexão teológica sobre esta ação. Neste sentido, lembrava Gutierrez, a teologia é ato segundo (MANZATTO, 2015, p. 200).

O mistério de Jesus Cristo, antes de tudo, não é um problema para ser resolvido ideologicamente, mas é antes uma realidade para ser experienciada e vivida. Na concepção do Papa Francisco, este é o ponto de partida: A experiência. A teologia deverá, num segundo momento, pôr a necessária disciplina na vivência deste mistério inefável.

A crítica do Papa Francisco atinge também certa ética hipócrita. Francisco usa a expressão “eticistas sem bondade, sem beleza, porque dela não entendem nada” (MARCOLIVIO, 2013, *online*).

A ética é um ramo da filosofia que estuda o comportamento humano, no tempo e no espaço, naquilo que diz respeito ao bem e ao mal. Ética estuda os

costumes, que variam na história e nos lugares diversos. Já a teologia cristã é diferente da ética. Ela inclui beleza, bondade e graça, na opção fundamental em Cristo:

não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do evangelho: 'Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas um encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte, e, dessa forma, o rumo decisivo' (EG 7).

Sobre isso continua dizendo:

Jesus diz: 'vós não entrais e não deixais entrar os outros'. São os eticistas que não sabem o que é bondade, 'deve-se fazer isto, isto, isto [...]'. Enche-se de preceitos mas sem bondade. Vestem tanta roupa, para fazer um pouco de conta que são majestosos, perfeitos, mas não sabem o que é a beleza. Chegam apenas a uma beleza de museu. Intelectuais sem talento [...] esses são os hipócritas que Jesus censura tanto (FRANCISCO, 2013c, *online*).

Uma Igreja teologicamente de Jesus Cristo, para Francisco, não significa uma Igreja eficiente. Muito mais do que uma instituição eficiente, quer na política, na orientação econômica dos povos e nações, quer na ética, o cerne da evangelização deverá ser o anúncio e a experiência de Jesus Cristo e da esperança cristã. Este anúncio é absoluto e não caminha pelas trilhas da relatividade:

eu entendo que os discípulos queriam eficácia, queriam uma Igreja sem problemas e isso pode se tornar uma tentação para a Igreja: A Igreja do funcionalismo. A Igreja bem organizada. Tudo no lugar, mas sem memória e sem promessa. Esta Igreja assim não funcionará. Será a Igreja da luta pelo poder, do ciúme entre os batizados e tantas outras coisas (ZENIT, 2013, *online*).

Há uma denúncia que não é sutil nos discursos do papa Francisco:

e quando a Igreja quer se vangloriar da sua quantidade, cria organizações, escritórios e se torna um pouco burocrática, ela perde a sua principal substância e corre o perigo de se transformar em uma ONG (Organização Não Governamental) e a Igreja não é isso. É uma história de amor... Mas há os escritórios do IOR (Instituto para as Obras de Religião) [...] desculpai-me [...] tudo é necessário, os escritórios são necessários, mas até certo ponto [...] são como ajuda a essa história de amor. Mas quando a organização fica em primeiro lugar, o amor desaparece. Este não é o caminho (RADIO VATICANO, 2013, *online*).

Na teologia cristã há também um vínculo inegociável entre fé e os pobres. Diante de um sistema econômico que mata, é preciso levar sempre em consideração a Doutrina Social da Igreja que relativiza a propriedade privada, pois entende que quando a vida está ameaçada, as leis que criamos para organizar a

sociedade deverão ficar sempre em segundo plano, pois o valor da vida é maior que as leis:

se a Igreja inteira assume o dinamismo missionário há de chegar a todos, sem exceção. Mas a quem deveria privilegiar? Quando se lê o evangelho encontramos uma orientação muito clara: não tanto os amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, àqueles que não têm com que te retribuir (Lc 14,14). Há que se afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos (EG 48).

Os pobres, primeiramente, são os destinatários da missão, e uma Igreja missionária deverá ser protagonista e responsável pelo encontro e proximidade com os pobres. Antes de qualquer coisa, os pobres, precisam ser amados com o amor gratuito que nasce da graça.

Na concepção missionária do Papa Francisco não se pode anunciar Jesus aos pobres sem Igreja, dado que “o zelo missionário é um sinal claro da maturidade de uma comunidade eclesial” (FRANCISCO, 2013). Uma Igreja verdadeiramente missionária deverá caminhar nos rumos do Concílio Vaticano II que trilha os caminhos de uma instituição madura e afinada com sua natureza. Para a teologia cristã o significado maior do amor aos pobres, deste mistério cristão, é a redenção plena em Cristo. Redenção no sentido histórico e escatológico.

A contribuição do saber teológico é ajudar o ser humano a tornar-se plenamente humano com todas as implicações desta prerrogativa: biologicamente animal, humanamente animal pensante e espiritualmente animal pensante aberto ao transcendente e sedento de Deus que é Jesus Cristo. Sem reducionismos.

O ser humano jamais irá sossegar sem experienciar o mistério da existência. A modernidade racionalista e cientificista afogou o mistério da ressurreição e o resultado é o apego às idolatrias que aparentemente encantam os desencantos de uma vida sem graça, sem Deus. Substitutivos como: drogas, consumismo, sexismo, *shoppings centers*, fundamentalismos, idolatrias diversas semelhantes a um vendaval que invadiu a sociedade moderna fazendo vítimas.

O saber teológico, por sua vez, na busca de pôr ordem na vivência comunitária do mistério de Deus, corre o risco de aprisionar o mistério de Cristo em seus dogmas e doutrina, e todos sabemos que o sagrado não se rende às doutrinas sobre ele. No universo cristão, é a busca desta plenitude em Cristo que orienta a moral, a liturgia, a catequese, a relação com a natureza e a busca da verdade que é libertadora.

As obras, a caridade, a justiça, a construção do Reino de Deus, brotam da experiência da graça daqueles que se encontraram no mistério de Cristo:

O problema maior ocorre quando a mensagem que anunciamos parece então identificada com tais aspectos secundários, que, apesar de serem relevantes, por si sozinhos não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo (EG 35).

Ser cristão em plenitude é abraçar Jesus Cristo na sua plenitude: o Jesus dos evangelhos, do Reino de Deus, e Cristo pascal, ressuscitado. Mas o que frequentemente observamos é um reducionismo na vivência cristã, isto é, a redução de todo o mistério a uma só dimensão.

Algumas das pastorais organizadas na Igreja correm o risco de ver o mistério cristão por uma única janela, a janela da ação transformadora das estruturas sociais, no universo da política, dos movimentos populares, dos organismos intermediários, sejam eles sindicatos, agremiações ou associações. Isso tudo é profético e é cristão, pois a identidade de Jesus foi de um lutador, de um homem engajado e comprometido com o sofrimento do seu povo. Jesus tinha um rosto e uma proposta que levou até o final da sua vida chegando a morrer por ela. Entretanto, na história da humanidade, muitas outras pessoas fizeram algo semelhante, cristãos e não cristãos. Para citar apenas alguns mais recentes: na Índia, Tereza de Calcutá e Gandhi; Na América Latina, Oscar Romero e tantos outros mártires, homens e mulheres na luta pelo Reino. No entanto, nenhum desses mártires ressuscitou, nenhum deles é libertador no sentido teológico da expressão. Poderão, isto sim, ser modelos de libertação. Mas com Jesus é diferente. Ele é o Cristo libertador, o ressuscitado, o sentido último na vida dos que fazem a experiência do encontro com Ele e se tornam discípulos seguidores e conhecedores.

Outros grupos e movimentos também correm o risco de reduzir o mistério de Jesus Cristo apenas a uma experiência piedosa de fé e permanecer somente nisso. É o que chamamos de intimismo, ou seja, uma fé vertical, fixada na experiência da graça, mas descompromissada com a realidade, com o mundo, com o dia-a-dia da vida, com o Reino de Deus aqui e agora. Isso também é reducionismo, pois somente esta fé não basta. São Tiago, em sua carta (Tg 2,14-26), diz que o demônio também possui fé, ele acredita e teme a Deus, no entanto, nunca será salvo porque não segue e não pratica, não luta pela causa de Deus.

Um discípulo missionário deverá ter sempre a alegria e o prazer de estar próximo da vida dos irmãos na fé. Ele sabe que com Cristo tudo se torna diferente,

que o encantamento da vida comunitária é diferente, o zelo, o cuidado, a metodologia pastoral tem outro sabor. “A missão é uma paixão por Jesus e simultaneamente uma paixão pelo seu povo” (EG 268).

Não fugir do mundo. A espiritualidade missionária é mais profética e libertadora que individualista e intimista. Francisco não hesita em afirmar que “prefere uma Igreja enlameada e acidentada do que uma Igreja que se agarra em suas próprias seguranças” (EG 49).

Francisco também entende que:

não servem propostas místicas, desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem as ações sociais e pastorais, sem uma espiritualidade que transforme o coração. Essas propostas são parciais e desagregadoras e mutilam o evangelho (EG 262).

4.5 UMA IGREJA VERDADEIRAMENTE MISSIONÁRIA

O cardeal brasileiro Claudio Hummes, amigo pessoal do papa Francisco, sintetiza a urgência da missão dizendo:

crece hoje na Igreja a consciência missionária. Diante dos desafios da sociedade hodierna, relativista e secularista, causa de uma devastadora descristianização, sobretudo na Europa, os últimos papas proclamam a indiferente urgência da missão. Não somente em terras ainda não evangelizadas, mas também dentro dos próprios países de longa tradição cristã. Urge uma nova evangelização (HUMMES, 2015, p. 17).

Nova evangelização é “fazer nova todas as coisas” (Ap 21,5). A novidade é mudança paradigmática que atinge as instituições, as estruturas e as pessoas. Missão não pode ser uma ideia apenas ou um ente racional:

a reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de ‘saída’ e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (EG 27).

A expressão “agentes de pastoral em atitude de constante saída” pode significar muitas coisas, na teologia e na filosofia. Uma das saídas poderá ser a saída do antropocentrismo, concepção de mundo que é sustentada também pela bíblia e que se levada às últimas consequências, admite que o ser humano submetta o mundo ao ponto de fazer monstruosidades com animais e acabar com a vida vegetal, porque se convenceu de que somente ele, o ser humano, é portador de espírito e de sentimentos. Diz Harari:

o Homo Sapiens reescreveu as regras do jogo. Essa espécie singular de primata, conseguiu em setenta mil anos, mudar o ecossistema global de modo radical e sem precedente. O impacto que causamos já é comparável com a era do gelo ou os movimentos tectônicos. Em mais um século, o homem pode superar o impacto do asteroide que exterminou os dinossauros a 65 milhões de anos atrás (2016, p. 81).

Sair do antropocentrismo para o biocentrismo como sinaliza *Laudato si'*. O domínio voraz que hoje temos da natureza, sustentado por teorias modernas com o argumento que podemos extrair da terra tudo aquilo que nos torna mais confortáveis e poderosos, esse domínio muitas vezes assassino, poderá em breve nos matar, pois o nosso planeta precisa, agora, de cuidados, como recomenda a ONU: “A escolha é nossa: formar uma aliança global par cuidar da terra e uns dos outros, ou arriscar nossa destruição e a da diversidade da vida” (CARTA DA TERRA, 1992).

A missão da Igreja hoje é também o contraponto cristão ao fenômeno da globalização neoliberal que produz empobrecidos. Daí, a missão adquire caráter revolucionário, de movimento, de saída, de não conformidade com o mundo. “Sejam revolucionários, tenham a coragem de ir contra a corrente”, disse Francisco aos mais de três milhões de jovens por ocasião da JMJ no Brasil (2013).

Ser missionário é seguir as pegadas de Jesus Cristo missionário com todas as implicações decorrentes. Isto vai além do Documento de Aparecida que corajosamente enfrentou a questão básica, denunciando o caminho mundano, que tende a distorcer a identidade da Igreja. É urgente que o enfrentamento desta questão passe pelos institutos de formação teológica para atingir os principais agentes da evangelização, os clérigos.

Em seu discurso, por ocasião do Congresso Internacional promovido pela Congregação para o Clero, para 268 participantes, o Papa Francisco é simples e direto:

que tipo de padre quero ser? Um padre tranquilo e assegurado em suas comodidades ou um discípulo missionário, que trabalha pelo Mestre e pelo Povo de Deus? Um padre cômodo em seu bem estar ou um discípulo a caminho? (2017).

Nas missões *ad gentes*, uma Igreja verdadeiramente missionária, precisa ser sempre implantada, o que é diferente de transplantada. Implantar a Igreja significa romper com uma semântica eclesial que pode ter dado certo numa cultura, mas que não responde aos apelos de outra. Não basta falar outra língua, se falamos as

mesmas coisas em qualquer língua. É preciso então falar coisas diferentes e ouvir coisas diferentes porque existem mundos diferentes.

Sabemos que não é fácil despir-se de velhos modelos para que nasçam outros modelos. A sustentação bíblica desta afirmação é do profeta Jeremias no capítulo um, versículo dez: “para edificar, destruirás e plantarás” (Jer 1,10). Se não fizermos isto estaremos sendo desobedientes e traindo o cordeiro de Deus quando disse: “eu vim fazer novas todas as coisas” (Ap 21,3-5). Com respeito à missão *ad extra* isso não significa negar o que já foi feito numa outra realidade. Temos que considerar, que o solo é diferente, com seus relevos, clima e subsolo, e por isso as plantas velhas, já crescidas, que normalmente levamos, precisam ser queimadas. É preciso que nasçam outras árvores, de novas sementes, e então a vida poderá renascer adaptada ao solo, e o vinho terá outro sabor porque é outro chão, são outros ventos e vinho novo (Mt 9,16-17). Um missionário que transplanta uma árvore pronta é assassino da própria árvore.

Entender a cultura de um povo é algo determinante para a missão prosperar. Entender a concepção de morte, a moral, de relações de gênero, de hierarquia, felicidade e tantos outros elementos. Mais sagrado do que a missão, é a cultura. Até porque a cultura é sempre anterior à missão. Porém muitas vezes, nossa evangelização, engessada pelo direito canônico, se transforma numa cultura própria: europeia, branca e católica, com pretensão de universalizar valores, ritos e dogmas, transformando o palco da evangelização em algo que não é nem cristão e nem humano, porque não respeita a diversidade, sataniza tudo aquilo que é diferente, prejudicando a ambos: o cristianismo e a cultura.

4.6 UMA PASTORAL DECIDIDAMENTE MISSIONÁRIA

É dos conceitos que emergem as experiências ou é das experiências que brotam os conceitos? No entendimento do Papa Francisco é a experiência a fonte dos conceitos, em outras palavras, é a práxis que dá origem ao conhecimento elaborado: filosofia, ciências e também a teologia. Na expressão de Francisco: “a realidade é superior à ideia” (EG 231). Daí, o que deverá vir por primeiro será sempre a práxis. Há um provérbio popular no Brasil que diz: “é mais importante a prática do que a gramática [...]”, quer dizer, o “fazer” se sobrepõe a tudo, e tudo

começa com a experiência, da qual, depois, emergem os conceitos e esses, voltam a dialogar com a realidade.

Na teologia, a essência pertence à Teologia Fundamental que deverá estar sempre em diálogo com a missão. O “fazer” é missão de todos os discípulos missionários e a sistematização do “fazer” é tarefa da Teologia Pastoral. Logo, a Teologia Fundamental deverá estar sempre a serviço da práxis.

Tendo como base alguns teólogos aceitos por toda a Igreja, o conceito mais elementar de pastoral (aquele do qual não se pode fugir, sob pena de ferir a mais ortodoxa tradição) é: ação evangelizadora organizada da Igreja no mundo (LIBÂNIO, 1982). Este simples, profundo e rico conceito, engloba cinco categorias: a) ação, b) evangelização, c) organização, d) eclesialidade e) mundo.

Em primeiro lugar, pastoral é *práxis*. Não se faz pastoral dentro de gabinetes, templos ou organogramas didáticos e metodológicos sem prestar obediência (*ob audiere*: - prestar ouvidos - obedecer) à realidade. Pastoral é uma práxis cristã, para responder aos clamores do cotidiano da vida, das pessoas e dos contextos vitais da Igreja. Ela é a inter-relação do pastor com o rebanho, no espaço e no tempo. Para fazer pastoral é preciso ir ao campo e conforme nos orienta São João, “Chamar as ovelhas pelo nome, conduzir às pastagens, ir à frente das ovelhas [...]” (Jo 10). Naturalmente, em seu contexto, na narrativa de João, a parábola de Jesus se referia aos pastores que deixavam os currais para cuidar das ovelhas pelos campos onde havia pasto e também lobos. Hoje, os currais que aprisionam os pastores e o rebanho possuem outros nomes como: reducionismos ideológicos, ilhas isoladas que não dialogam com o todo, sectarismos até os institutos de teologia.

Pastoral é *práxis* evangelizadora. Por primeiro o anúncio do Cristo ressuscitado e junto com Ele seu projeto de salvação para o ser humano e para o mundo. Evangelizar é proclamar a “Boa-Nova” do Reino anunciado e vivido pelo Cristo libertador. O Deus dos cristãos não é uma filosofia, nem uma ciência. Ele é um Deus pessoal e o ponto de partida para tudo, no universo religioso cristão, é a experiência pessoal desse mistério que é Jesus Cristo. Tudo, portanto, deverá levar a Ele. Tudo, na missão da Igreja, é mediação para Cristo: sacramentos, liturgias, movimentos religiosos, pastorais diversas, congregações com carismas específicos, tudo é instâncias mediadora que deverá levar à centralidade do mistério cristão que é o Cristo ressuscitado e seu projeto do Reino de Deus.

Qualquer comunidade, qualquer pastoral, movimento ou grupo eclesial que pretende ser evangelizador precisa deixar-se evangelizar primeiro, pois ninguém pode oferecer aquilo que não possui. Numa outra palavra é conversão. É preciso ser discípulo do Cristo ressuscitado para ter capacidade de encantar o mundo com sua graça. Assim é que fizeram nossos santos e é assim que a Igreja nos orienta para que a nossa ação evangelizadora seja eficaz, insiste o Papa Francisco “espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão” (EG 25).

É o DA que fala por primeiro da conversão pastoral em nossas igrejas particulares saindo de “uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DA 370). Sem conversão pastoral não haverá missão porque não haverá discípulos e nem discipulado. Então, diz Francisco, as estruturas paroquiais e diocesanas tornam-se caducas, isto é, uma Igreja que gira em torno de si mesma, de seus templos e sacristias sem dialogar com o mundo:

‘somos muitas vezes controladores da fé, em vez de facilitadores’, disse o papa ao referir-se a normas que proibem batizar um filho de uma mãe solteira. ‘Jesus instituiu os sacramentos e, com esse tipo de atitude, estamos criando um oitavo, o sacramento da alfândega pastoral’ (TOKARNIA, 2013, *online*).

Pastoral é ação evangelizadora organizada. É um trabalho em conjunto, sistematizado, com planejamento, objetivos e metodologia. Toda a ação organizada pressupõe uma coordenação que se faz guiar por um plano orgânico, com estratégias definidas a priori, e um sistema de avaliação que permita um juízo de valor em vista de tomadas de decisões no processo.

A credibilidade de uma pastoral organizada (organizar + ação = organização) depende de fatores como: clareza de conceitos, planejamento participativo, capacidade de gerenciamento de conflitos, legitimidade e carisma da coordenação. Com respeito à clareza de conceitos, é fundamental que uma ação organizada tenha claro os rumos e o “porquê” do projeto. Quando os conceitos estão claros, definidos e aceitos por todos, as chances de acertos nos resultados são muito grandes. Pelo contrário, se os conceitos estão errados, fatalmente as ações resultarão em fracasso. Claro os conceitos, que é o mais fundamental, uma organização pastoral deverá envolver todos os agentes, ser democrática e transparente, fundamentalmente porque se trata de projetos de pastoral, algo que é parte

integrante da missão confiada à igreja. Daí deriva que toda a ação evangelizadora organizada precisa de vocacionados na liderança, principalmente no que se refere ao gerenciamento de conflitos, pois cada “discípulo” possui sua identidade, cada agente possui seu carisma próprio e seu jeito único de ser e agir. Para coordenar uma ação organizada não basta somente santidade, nem poder institucional ou preparo intelectual e técnico. É preciso carisma no sentido teológico do termo: dom e santidade. A coordenação de uma organização pastoral deverá se afinar com aquilo que a igreja espera dos seus pastores hierárquicos, os bispos aqueles que são capazes de ver o todo e ver longe. O coordenador deve saber o que quer e querer o que sabe. Ter encantamento pela causa e clareza de conceitos. “De modo especial, a guia dos Bispos, um discernimento pastoral sábio e realista” (EG 30).

Ação evangelizadora organizada da Igreja no mundo. Igreja é uma expressão um tanto genérica. Quando dizemos Igreja, estamos dizendo muito e algo indefinido ao mesmo tempo. O termo Igreja tornou-se um “ente racional” para além de algo sensível. É necessária por isso, uma definição mais específica porque a Igreja é algo dinâmico no tempo e nos lugares diversos. No tempo, existiram vários modelos de Igreja; nos lugares específicos a Igreja também é dinâmica, basta comparar a maneira específica de ser Igreja numa cultura africana, que é diferente da latino-americana, ou europeia, do Timor Leste e outras tantas culturas, contextos e situações particulares.

É muito importante estar atento àquilo que a Igreja diz dela mesma ou como ela se apresenta hoje enquanto organização ativa, para que todo este universo possa se orientar e se identificar,

A Igreja, hoje, se proclama “Povo de Deus” (LG 9), guiada e orientada por uma hierarquia de pastores e pelos seus documentos oficiais produzidos coletivamente pelo colegiado dos bispos. Teologicamente, várias outras interpretações poderão ser usadas como: o corpo místico Cristo, a esposa do cordeiro, o edifício ou templo, a família de Deus e outras. Entretanto, o que interessa aqui, é conceituar pastoralmente. A Igreja, que é o povo de Deus, enquanto instituição é um instrumento do Reino de Deus, ou uma ferramenta para a construção do Reino inaugurado por Cristo. Por isso é que ela muda seu modo de agir na história e nas culturas diversas, exatamente para responder aos apelos de Deus, em cada contexto e em cada época.

Se a Igreja é o Povo de Deus e instrumento do Reino de Deus, de maneira mais estrita, a comunidade dos batizados é protagonista e sujeito da Igreja e do Reino. Ser Igreja é então um empreendimento coletivo, e a fundamentação teológica para essa afirmação é abundante. Deste princípio decorre que o papel de um agente de pastoral, fundamentalmente, é ouvir e interpretar a voz da coletividade, da realidade, e ser fiel a ela. Um agente de pastoral não pode enquadrar a Igreja dentro do seu referencial ou concepção particular. Pelo contrário, o critério será sempre a realidade e o referencial teológico é Jesus Cristo com seu projeto que se concretiza gradativamente na história da Igreja orientada por seus pastores. Diferente disso é sectarismo.

Pastoral é ação evangelizadora organizada no mundo. O “mundo” é aquilo que se apresenta a nós, o fenomenológico, o mundo que nos rodeia. Uma pastoral decididamente missionária precisa dar respostas para perguntas reais, que são formuladas pelo mundo em curso. Do contrário, serão respostas obsoletas, ou serão respostas para outras realidades, além das fronteiras onde estamos. Por isso, o agente de pastoral e o planejamento pastoral, precisam entender os apelos da realidade da vida real que está onde estamos. É ali que tudo começa. Depois é que virão os dogmas e conceitos.

No DA, o mundo, numa esfera maior, é o mundo latino-americano que possui características muito próprias. O Documento de Puebla explicita muito bem aquilo o que nossos bispos chamaram de “feições do povo latino-americano”: Crianças golpeadas pela pobreza, jovens desorientados, indígenas e afro-americanos segregados, camponeses sem terra, operários mal remunerados, subempregados e desempregados, marginalizados, anciãos excluídos. Segundo o que nos pede a Igreja, em primeiro lugar, a exemplo de Jesus Cristo, os principais destinatários de qualquer projeto pastoral deverão ser esses.

Porém, esse povo latino americano citado pelo Documento de Aparecida, assume feições mais nítidas, quando os vemos ao nosso redor, em nossas comunidades, no ambiente onde agimos.

Responder aos apelos da Igreja dentro do nosso mundo particular significa necessariamente irmanar-se com o cabedal de excluídos citados nos documentos. O mundo da missão se trona então diversificado. Fazer pastoral enquanto missionário fiel ao apelo cristão será inclusive fazer uma pastoral de ideias, de protagonismo, de partilha do saber acumulado. A produção teológica deverá ser capaz de responder

os apelos da Igreja e formar multiplicadores construtores de uma nova realidade, mais parecida com o mundo que Jesus Chamou de Reino de Deus.

A semântica da atuação da missão é teológica, social e cultural. Muito mais importante que certos projetos e atividades de engajamento, é a concepção de mundo e de homem que deve existir nos discursos que emanam da nossa teologia. O específico de uma ação pastoral missionária é o diálogo conceitual permanente entre a fé e a cultura, a fé e a ciência, a utopia cristã e as mediações. Em outras palavras, a grande importância não é tanto o que o missionário faz, mas aquilo que ele pensa. A missiologia, enquanto disciplina teológica tem a incumbência de transformar a missão em processos permanentes de pastoral. A missão é formadora de opiniões, e não pode ser uma empreitada de tarefas, de projetos demasiadamente localizados e pontuais. Se assim for, poderemos nos tornar cúmplice de pequenos progressos dentro de grandes prisões, esquecendo-se que o maior de todos os problemas são os cadeados das prisões. É importante que a luz, ou o pano de fundo da reflexão missionária, seja a opção pela vida em sua totalidade, a opção preferencial da Igreja pelo homem (direitos humanos), pela justiça social e pelos pobres, pregada e vivida por Jesus e ensinada pelo magistério.

Nesta nova semântica, o anúncio do Cristo ressuscitado, depois de atingir o coração, deverá atingir as mentes. Os elementos essenciais da fé cristã, deverão se mesclar com concepções éticas e filosóficas que transcendam e se transformem em cultura sólida, elaborada e protagonista. Por isso, A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral.

O documento número 100 da CNBB é enfático no quesito conversão para a missão:

a conversão pastoral supõe passar de uma pastoral ocupada apenas com as atividades internas da Igreja, para uma pastoral que dialogue com o mundo. A paróquia missionária há de ocupar-se menos com detalhes secundários da vida paroquial e focar-se mais no que realmente propõe o Evangelho (CNBB, 2014, n.100).

O fenômeno da globalização, com todas as implicações decorrentes dele, é também um projeto de afirmação de alguns princípios universais que por vezes tendem a anular elementos específicos do particular. Em contrapartida a isto, se percebe em algumas instâncias, uma tendência de demasiada afirmação do particular em contraposição ao universal. Isto para preservar identidades específicas

e tradições. Julgamos ser um movimento dialético que é legítimo, desde que não seja extremista. Qual dos dois deverá prevalecer: o universal ou o particular? Ambos são importantes nas devidas proporções. Um exacerbado fortalecimento do universal implica na anulação daquilo que é próprio de cada comunidade, carisma, de cada cultura ou contexto vital. Entretanto, quando supervalorizamos o particular, sem dar ao universal a prioridade e os elementos dele, tendemos a ser cismáticos e até fundamentalistas. Na pastoral, por vezes, esta velada relação não é refletida, ou por carência de conceitos, ou por ativismo, amadorismo, e talvez, até intencionalmente.

O universal, na pastoral, como já afirmamos, é o mistério cristão e a comunhão com a Igreja que se deixa conduzir por seus pastores legítimos, seus documentos e planos de pastoral. O particular são as instituições diversas, cada uma com seu carisma, sua história e tradição, são as comunidades diversificadas dentro do pluralismo cultural que é o mundo. Nada é contraditório, um não deverá anular o outro.

Teologicamente esta salutar controvérsia aparece muitas vezes na Bíblia. A mais evidente é na primeira epístola aos coríntios, quando Paulo encontra a comunidade dividida em particularidades (I cor. 1) e então ele afirma o universal que deverá prevalecer sempre, até para evitar sectarismos. O grande projeto, na pastoral, será sempre o universal, aquele que é de Cristo e da Igreja, e os projetos particulares, afinados com o universal deverão estar harmonicamente sincronizados.

Não é exagerado dizer que alguns movimentos da Igreja estão demasiadamente voltados para si próprios e pouco para Jesus Cristo e seu projeto. Esse reducionismo poderá chegar a ponto de ferir o próprio cristianismo, quando uma missão ou movimento religioso tende a se fundamentar mais em si do que naquilo que realmente é o essencial. É aquilo que o Papa Francisco chama de autorreferencialidade. Tudo deverá ser mediação, meio, instrumento para o mistério maior que é o projeto cristão e isso, por vezes, é difícil de resolver quando tendemos a supervalorizar os instrumentos e esquecermos que eles estão a serviço de uma obra maior.

Não podemos converter em fim aquilo que deverá ser meio. Alguns cristãos correm este risco com respeito ao universal e o particular. Nenhuma pastoral, movimento religioso ou instituição cristã existe somente para se fortalecer a si própria, nem mesmo a Igreja como um todo deve ser autorreferencial. Uma

organização pastoral é um instrumento para ajudar homens e mulheres, movidos pela graça, na construção do grande projeto de Cristo, o Reino de Deus. É preciso usar os instrumentos todos, com um olho nos instrumentos e outro olho no projeto missionário.

Um planejamento orgânico geral, não pode aprisionar uma realidade particular, pelo contrário, ele deve estar a serviço das realidades diversas. Ao mesmo tempo, um plano de ação particular, precisa, em suas linhas gerais, ser obediente ao universal, em seus objetivos maiores e em suas linhas de ação, repetimos, sempre afinado e em comunhão com a Igreja de Cristo. Então fará sentido o conselho de Santo Agostino: unidade na essência, liberdade no específico e amor em tudo.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa mostrou algumas certezas. A primeira delas é que está em curso uma nova semântica missionária eclesial, dado que há algo de verdadeiramente novo no agir da Igreja neste novo milênio.

Em Aparecida os bispos explicitaram isto quando disseram: “A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (DA 11). E o texto continua dando uma visão do mundo latino-americano essencialmente pragmático, real, engajado e envolvido com a vida dos nossos povos. “A missão primária da Igreja é anunciar o Evangelho de maneira tal que garanta a relação entre a fé e a vida, tanto na pessoa individual como no contexto sociocultural em que as pessoas vivem, atuam e se relacionam entre si” (DA 331).

Assim também o faz a EG: propostas positivas, visão de protagonismo, de inconformismo e alegre pro-atividade na dimensão missionária da Igreja no mundo todo.

“A missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho” (EG 181).

A pesquisa mostra que nos dois milênios de cristianismo, o conceito de missão foi dinâmico e percorreu quatro importantes referências semânticas na história da Igreja, que podem ser resumidos em quatro expressões: anúncio kerigmático na Igreja Nascente, Individualização da Missão na Idade Média, Eclesialização da Missão na Modernidade e Universalização da Missão na Igreja Contemporânea (ANEXO B p. 126).

As palavras e expressões dos dois documentos analisados, a exortação *Evangelii gaudium* e a Conferência de Aparecida, exprimem a essência de uma nova semântica em curso. Observa-se em ambos os documentos, a novidade em questão, pela frequência com que palavras basilares se repetem.

A expressão “Reino de Deus” aparece vinte e três vezes no documento EG e sessenta e quatro vezes em DA; A palavra “discípulo” aparece 262 vezes em Aparecida e 34 vezes na EG. A palavra “discipulado” aparece 16 vezes em Aparecida. As palavras que mais aparecem no Documento de Aparecida são as palavras “comunidade” (222 vezes), “comunhão” (146 vezes), “Igreja” (498 vezes),

Jesus Cristo (162 vezes), “Missão” (142 vezes), “pobres” (98 vezes), “serviço” (124 vezes), “vida” (600 vezes) e “povo” (232 vezes). A palavra “mundanismo” aparece 11 vezes na EG e a palavra “pobre” aparece 83 vezes e 146 vezes em Aparecida.

Considerando as expressões e os elementos e conceitos formulados, entendemos que há uma sinergia afinada entre os dois documentos, com respeito a uma nova semântica de missão.

A segunda certeza é que esta nova semântica eclesial, indubitavelmente, tem a missionariedade como eixo. O DA, com a forte influência do cardeal Jorge Mario Bergoglio, dentro de um referencial latino-americano que se implanta de maneira processual e contínua, e a EG, do agora papa Francisco, com seus apelos e suas respostas para uma Igreja em saída missionária no mundo todo, saindo definitivamente a autorreferencialidade.

Outra certeza é que método desta missionariedade está posto com maior intensidade nas mediações e menos nas utopias e elaborações conceituais. Sabemos que em todos os processos históricos, os horizontes são importantes, porém quando eles são muito largos, distantes, podem se tornar apenas entes de razão e ofuscar a vida concreta, onde, por vezes, as pessoas continuam como que “afogadas” na realidade. Daí, a necessidade de conjugar os ideais com a vida real. Na Igreja, o racionalismo, a dogmática, os conceitos, dão lugar agora para a *práxis*, para a Teologia Pastoral, que deverá dialogar com: cultura, economia, política, ciência e outras interfaces.

Aparecida aponta para que o olhar da Igreja deva ser um olhar de discipulado. Daí a proposta mediadora: discípulos missionários e uma “experiência religiosa fundamentada em Jesus Cristo, vivência comunitária, formação, compromisso eclesial, missão” (DA 226). O Papa Francisco em discurso aos bispos do CELAM, disse que Aparecida não termina no documento, mas se prolonga na missão continental que tem duas dimensões: programática e paradigmática. A primeira tem a ver com a índole missionária e a segunda em colocar o ardor missionário em todas as atividades pastorais das Igrejas particulares. A EG propõe como mediação: movimento, páscoa, saída de si e saída do conformismo com o mundo.

Os dois documentos apontam para uma Igreja ministerial, comunidades de comunidades, verdadeiramente missionária. Uma Igreja desinstalada e inconformada, e na expressão do Papa Francisco, “com cheiro de ovelhas”.

Uma dificuldade é indubitavelmente o tamanho da instituição. A Igreja católica soma, aproximadamente um bilhão e trezentos milhões de batizados em todos os países com culturas diversas: história, línguas, geografia, filosofias. Qualquer mudança paradigmática requer tempo e processos de implantação.

Outro agravante que dificulta o protagonismo missionário é o Direito Canônico que dá suporte a uma Igreja demasiadamente hierárquica e legalista. É o modelo de Igreja petrina se sobrepondo ao modelo paulino. O poder que sufoca o carisma. A Igreja herdada por Francisco é uma Igreja de doutrinas rígidas, formais. Uma Igreja dogmática, mais sacerdotal e menos profética, com pouco ímpeto transformador e muito assistencialismo. É uma Igreja silenciosa, de templos, com piedade espiritual dos pobres e da pobreza, mas com pouco protagonismo missionário. Neste novo alvorecer da Igreja, se torna urgente a retomada do fundamento primeiro: missão. Isto perpassa todas as instâncias, quer na teologia pastoral, quer na teologia sistemática e também nas instâncias canônicas.

Normalmente, a instituição não quer rupturas para não correr o risco de desintegração, mas a crise generalizada da modernidade reclama rompimento com referenciais que estão superados. Estes e outros elementos convivem num mesmo momento histórico e podem criar dificuldades para dimensão missionária da Igreja, no método que sugerem os documentos estudados.

Conclui-se que a nova semântica missionária passa fundamentalmente pelo Papa Francisco e para finalizar este trabalho, a referência que pode ser atribuída a ele poderá ser a que segue:

escolham para vocês bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e provados, porque eles também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres (SILVA; SILVA; POSSEBON, 2012, cap. XV).

O parágrafo citado acima, da *Didaqué*, o primeiro catecismo, texto produzido no final do século primeiro, possui grande sintonia com Jorge Mario Bergoglio, o agora Papa Francisco: digno, manso, desprendido, verdadeiro, profeta e mestre. Deste o primeiro século, a Igreja procura se deixar guiar por pessoas agraciadas com carisma desta natureza. No ano 2013, o conclave dos cardeais elegeu papa, o cardeal Bergoglio, para dar os rumos da caminhada da Igreja hoje.

Por diversas vezes, este trabalho usou a expressão “semântica”. Entende-se que no pontificado de Francisco, tudo fortalece uma nova semântica missionária

num novo modo de ser no *sitz in leben* (contexto vital) da Igreja neste momento histórico.

A dinamicidade da vida, do cosmos, das instituições, exigem acomodações constantes e saídas constantes. São as continuidades e rupturas, portanto, que balizam o caminhar da Igreja, e o governo do Papa Francisco, com sua comprovada mansidão, torna-se profético e propõe que a dimensão missionária tome vulto para garantir continuidade no que diz respeito à identidade eclesial, e rupturas com modelos metodológicos que não mais contribuem na construção e vivência do Reino de Deus.

“Perscrutar os sinais dos tempos”, esta expressão, da GS, do Concílio Vaticano II, vem conceitualmente corroborar a necessidade constante que a Igreja tem de “conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças e suas aspirações, sua índole frequentemente dramática”(GS 4). Tal é o apelo que na orientação do Papa Francisco deve atingir a Eclesiologia, a Missão e a Pastoral: dialogar com a história, com a vida, com os novos tempos.

Na introdução do Documento de Aparecida dizem os bispos latino-americanos:

A Igreja dá continuidade e ao mesmo tempo, recapitula o caminho da fidelidade, renovação e evangelização da América Latina, a serviço dos seus povos, que se expressou oportunamente nas conferências gerais anteriores do episcopado (DA 9).

Na EG, o Papa Francisco diz:

Jesus Cristo, pode sempre renovar a nossa vida e nossa comunidade e a proposta cristã, ainda que atravesse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo também pode romper os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo e surpreende-nos com sua constante criatividade divina (EG 11).

Renovar, continuar, romper, dialogar, buscar a verdade que vai se solidificando de maneira processual no tempo. Baseada no DA e da EG a Igreja se põe uma nova semântica, num movimento pascal cujo pilar é a missão e cujo protagonista principal é alguém que “os bispos buscaram quase no fim do mundo”. Papa Francisco, homem que atende o primeiro apelo histórico da Igreja na *Didaqué*: digno, manso, desprendido, verdadeiro, profeta e mestre. O resumo desta conclusão, portanto, é:

- O conceito de missão é dinâmico no tempo;
- Há uma nova semântica eclesial em curso;
- A nova semântica possui como eixo a missionariedade;
- O princípio metodológico é o da mediação e,
- O personagem central é o Papa Francisco.

A leitura direcionada ao tema da missão no Documento de Aparecida em paralelo com a EG é algo emblemático, marcante. A relação entre os dois textos, assim como o *magnificat* entoado por Maria, mostra o que há de imensamente, místico e profético no discurso teológico do século XXI. Ao final do Documento há uma espécie de espelhamento entre a semântica mariológica e a semântica missionária para compor uma nova consciência eclesiológica. O sentido da missão não dispensa o sentido mariológico da vida cristã. As reflexões mariológicas são abundantes em ambos os documentos. No DA Maria possui destaque como missionária, peregrina e solidária, quer com referência a piedade popular, quer nas fundamentações bíblicas, em praticamente toda a extensão do texto e na EG onde Maria é citada 26 vezes e as referências apontam para a missão (EG 284), dimensão social da Igreja (EG 286), evangelização e renovação (EG 288).

As contribuições da Mariologia para a missionariedade, brotam especificamente do *magnificat* (Lc 1,46-55). É um texto que continua a provocar os cristãos a perseguir a grande utopia cristã intensamente sonhada e vivida por Maria, mãe de Jesus. Uma utopia de reconciliação universal, de justiça e igualdade, que contempla a possibilidade de um mundo fraterno onde "o lobo e o cordeiro poderão pastar na mesma relva" (Is 11,1-9).

Numa leitura missionária, para além de uma mulher venerada, Maria de Nazaré é a ressurreição misteriosa e contínua da Igreja e de todas as mulheres oprimidas na história da humanidade. Ela é a ressurreição de todas as santas mulheres que, com seus filhos no ventre e no colo fazem a história e a diferença; que acumulam força, graça, raça, gana, sempre. Aquelas mulheres que possuem "a estranha mania de ter fé na vida". Como diz a canção Maria Maria, que conseguem "rir (*Gaudium*,) quando deveriam chorar (*Clamoris*)" (NASCIMENTO; BRANT, 1978, l. 4, f. 2), "nesses vales de lágrimas", que a Igreja herdou da modernidade em crise, como reza a oração popular "Salve Rainha".

Maria está e estará sempre presente na história da Igreja. Ela ajuda a Igreja a mudar de semântica, sempre que necessário, para sobreviver em cada discípulo comprometido, que abraça, luta e sofre silenciosamente. Maria é esta mãe Igreja que, tantas vezes perseguida e sempre cheia de luz atravessa séculos e séculos, dando testemunho com sangue e lutando contra dragões, como diz o livro do Apocalipse, e com suas "duas asas" (Ap 12,1-17) porque o Reino de Deus anunciado por seu filho Jesus é verdadeiro e eterno.

Na EG, o Papa Francisco chama Maria de “mãe da Igreja evangelizadora e sem ela não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização” (EG 284).

Maria é um ícone que desafia a sociedade masculinizada sempre presente na história da religião cristã, tanto no mundo católico quanto no protestantismo histórico e também no Islamismo. Maria possui muitos adjetivos que a podem qualificar, femininos e masculinos. Maria é a terra silenciosa e fecunda, a água que faz curvas para vencer montanhas, o vento, o sopro, o espírito que está para além de qualquer racionalidade científica. Maria é o mistério que encanta os desencantos modernos, a boa mãe (e pai) que ama de graça, por ser portadora da graça, sem esperar recompensa, sem fazer negócios ou barganhas e sem brincar de fazer promessas. Maria dispensa romarias. É mãe que sofre e crê. Que luta e se transcende e se transcende porque luta. Com Aparecida, Maria abre caminhos e com a EG, caminha com alegria e graça numa nova semântica missionária que está sendo construída.

Maria tem todos os nomes: Bom Parto, Caravaggio, Salete, Guadalupe, Fátima, Lurdes, Glória, das Dores... Maria da Penha... Maria de Nazaré... Aparecida. “Povo de Deus que se alegra: santos, profetas e missionários” (Ap 18-20).

que Nossa Senhora, Maria Aparecida, nos acompanhe nessa caminhada missionária *inter gentes*! Imaculada Conceição, não de berço esplêndido, Padroeira do Brasil! Ela não nega as origens humildes do seu nascimento e de sua imagem, que é de barro cozido e escurecido pela longa permanência nas águas do rio. Desde as profundezas das águas da nossa realidade e do nosso imaginário, onde convivem pobreza e realeza, nos convoca e envia – sempre a serviço do Reino! (SUESS, 2007, p. 12).

REFERÊNCIAS

- ANDERY, M. A. **Para compreender a ciência, uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1988.
- ALLEN JR, J. L. Perguntas difíceis sobre Francisco na Argentina e uma lição aprendida no Chile. National catholic repórter. 12 de abril de 2013. Tradução em **IHU online**, 15 de abril de 2013.
- AMBROGUETTI, S. R. F. **El jesuíta**. Livro eletrônico. Espanha: Editora Nova Fronteira, 2013.
- ARRUDA, J. J. de A.; PILETTI, N. **Toda a história**. São Paulo: Ática, 2001.
- BERGOGLIO, J. M. **Educar exigência e paixão**. Desafios para educadores cristãos. Curitiba: Revista Ave Maria 2001.
- BERGOGLIO, J. M. Sermão na praça Constitución, de Buenos Aires em setembro de 2011. In: PIQUÉ, E. **Papa Francisco: vida e revolução**. São Paulo: LeYa, 2014, p. 144.
- BERGOGLIO, J. M.; SKORKA, A. **Sobre o céu e a terra**. São Paulo: Paralela, 2013.
- BERNARD, J. **A inquisição: história de uma Instituição controvertida**. Petrópolis: Vozes, 1959. (Coleção Vozes em Defesa da Fé. Caderno 33).
- BETIATO, M. A.; SANCHES, M. A. **Navegando nos caminhos da fé**. Curitiba: M. Baretto, 1997.
- BETTO, F. **Militantes do reino**. São Paulo: Ática, 1989.
- BÍBLIA de Jerusalém. Edição Brasileira. São Paulo: Paulus 1981.
- BIANCO, E. **Papa Francisco, quel ragazzo d'oratorio diventato**. Torino: Elledici, 2013.
- BINGEMER, M. C. L. **Evangelii gaudium em questão**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- BOFF, L. **Francisco de Assis e Francisco de Roma**. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2015.
- BUARQUE, C. **A aventura da universidade**. São Paulo: Paz e Terra; UNESP, 1994
- CAMARA, H. **Pacto com Tomás Merton**. Sedoc 9. CNBB: Brasília.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARTA CIRCULAR aos consagrados e consagradas. **Do Magistério do papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2014.

CHOUDHURI, I. N. **Revista Tempo Brasileiro**, v. 20, n. 117, 1994.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO 1983. *Libreria Editrice Vaticana*.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. CNBB. **Papa Francisco: Mensagens e homilias – JMJ Rio 2013**. Brasília: CNBB, 2013.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. CNBB. **Evangelização e Missão profética da Igreja, novos desafios**. Documento 80. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. CNBB. **Comunidade de Comunidades**. Documento 100.

CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO- CELAM. II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Conclusões de Medellín. A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO- CELAM. III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Conclusões de Puebla à Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina. São Paulo: Loyola, 1979.

CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO. CELAM. Documento de Aparecida. Brasília: Edições CNBB, 2007.

COSTA, F. M. da. **O melhor do humor brasileiro: Antologia**. Companhia das Letras, 2016.

ESCOBAR, M. **Francisco, o papa da simplicidade**. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

FERNÁNDEZ, V. M. **Il projeto di Francesco**. Bologna: EMI, 2014.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Lumen fidei* do sumo pontífice Francisco**. Doc. 197. Aos presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos. São Paulo: Paulinas, 2013. 88p.

FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii gaudium***. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Visita apostólica do papa Francisco ao Brasil**. Por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. Encontro com o episcopado brasileiro. Discurso do santo padre. Arcebispo do Rio de Janeiro. Sábado, 27 de Julho de 2013. 2013a Disponível em: <
https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html>. Acesso em: dez. 2017.

FRANCISCO. **Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Loyola; Paulus, 2013b. 104p.

FRANCISCO. Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da domus sanctae marthae. Um coração em busca do tesouro verdadeiro. **L'Osservatore Romano**, ed. em português, n. 25 de 23 de Junho de 2013. 2013c. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20130623_meditazioni-12.html>. Acesso em: dez. 2017.

FRANCISCO. **Mensagem de sua santidade papa Francisco para o dia mundial das missões**. Vaticano, 19 de Maio - Solenidade de Pentecostes – de 2013. 2013d. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html>. Acesso em: dez. 2017.

FRANCISCO. Santa missa de ação de graças pela canonização de são José de Anchieta sacerdote professo da Companhia de Jesus. **Homilia do papa Francisco**. Igreja de Santo Inácio de Loyola – Roma. Quinta-feira, 24 de Abril de 2014. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140424_omelia-san-jose-de-anchieta.html>. Acesso em: dez. 2017.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Laudato si'***. Doc. 201. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015. 200p.

FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia***. Sobre o amor na família. Doc. 202. São Paulo: Paulinas, 2016. 280p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

FRÖHLICH, R. **Curso básico de história da igreja**. São Paulo: Paulus, 1987.

GAETA, S. **O Papa Francisco**. A vida e os desafios. São Paulo: Paulus, 2014.

GALLI, C. M. **La radici di papa Francisco**. Conferência sobre cinquenta anos do Concílio Vaticano II. <https://www.youtube.com/>, Ano. 2016.

GEFFRÉ, C. **Como fazer teologia hoje: hermenêutica Teológica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

GUIA, P. P. **Entrevista com Edgar Morin em: do caos à inteligência artificial**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUTIÉRRES, G. **I Encontro latino americano de Teologia**. Boston College. Disponível em: <<https://www.youtube.com/> 2017> Acesso em: mar. 2017.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HABERMAS, Jürgen. **O agir comunicativo**. Paideia: Ribeirão Preto, 1987.

HAMMAN, A. **Para ler os padres da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1995.

HARARI, Y. N. **Homo deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HIMITIAN, E. **A vida de Francisco**: o papa do povo. Trad. Maria Alzira Brum Lemos e Michel Teixeira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/351066318/Evangelina-Himitian-A-Vida-de-Francisco-O-Papa-Do>>. Acesso em: dez. 2016.

HIMITIAN, E. **Francesco il papa dela gente**. Milano: Studio Editoriale littera, 2013.

<https://pt.aleteia.org/2013/09/30/papa-francisco>

HUMMES, C. **Papa Francisco e o apóstolo Paulo, lâmpadas no caminho**. São Paulo: Paulus, 2015.

JUNGES, J. R. **(Bio)Ética ambiental**. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

KUHN, S. **Thomas**. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo: Perspectiva, 1994.

LACROIX, M. **Por uma Moral Planetária**: contra o homicídio. São Paulo: Paulinas, 1994.

LAMET, P. M. Padre Arrupe à luz do papa Francisco. [Religião Digital, 04/10/2014]. Trad. Cepat. Arrupe à luz do Papa Francisco. **Revista IHU online** 05/02/2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/551407-arrupe-a-luz-do-papa-francisco>>. Acesso em: dez. 2017.

LAPEGNA, V. E. **O papa Francisco**: nova e bendita surpresa de Deus. <https://www.google.com.br/>

LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**, Petrópolis, Vozes, 1993.

LIBÂNIO, J. B. **O que é pastoral**. Cidade: Brasiliense, 1982. Coleção Primeiros Passos.

LIBÂNIO, J. B. **Cenários da igreja**. São Paulo: Loyola, 2001.

LOPES, C. J. **Pluralismo teológico e cristologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

MANZATTO, A. O papa Francisco e a teologia da libertação. **Revista de Cultura Teológica**, a. XXIII, n. 86, jul./dez. 2015.

MARCOLIVIO, L. Toda ideologia é uma falsificação do Evangelho. Durante a missa em Santa Marta, papa Francisco reza por uma Igreja livre dos moralismos e pronta para acolher a Cristo com coração humilde. Tradução do Italiano por Thácio Siqueira. **ZENIT**, 19 abr. 2013. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/toda-ideologia-e-uma-falsificacao-do-evangelho/>>. Acesso em: dez. 2017.

MIKUSZKA, G. L. **Por uma paróquia missionária: à luz de Aparecida**. São Paulo, Paulus, 2012.

MINÚNCIO FÉLIX, Octavius, IX, 6, citado em Labriolle, La Réaction païenne, p. 91. In: COMBY, J. **Para ler a história da igreja**. Das origens ao século XV. São Paulo: Ed. Loyola, 1993, p. 34.

MOTA, M. B.; BRAIK, P. R. **História das cavernas ao terceiro milênio**. Curitiba: Moderna, 2002.

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. **Maria Maria**. Álbum Clube da Esquina 2. Lado 4. Faixa 2. EMI, 1978.

NICOLÁS, A. **Carta a toda a Companhia**, 14 de março de 2013. Disponível em: <<http://www.jesuitasbrasil.com/newporta>>. Acesso em: dez. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. PNUD. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-002/programa-das-na%C3%A7%C3%B5es-unidas-para-o-desenvolvimento-pnud/t-38527217>>. Acesso em: dez. 2017.

PAGOLA, J. A. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PALACIOS, A.; GODOY, M. O jesuíta leitor de Dostoiévski. **O Estado de São Paulo**, 14 de março de 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-jesuita-leitor-de-dostoiievski-imp-,1008373>>. Acesso em: dez. 2017.

PASSOS, J. D.; SOARES, A. M.L. **Francisco renasce a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PIERRARD, P. **História da igreja**. São Paulo: Paulus, 1982.

PIQUÉ, E. **Papa Francisco: vida e revolução**. São Paulo: LeYa, 2014.

QUEVEDO, L. G. **Papa Francisco o novo rosto da igreja**. São Paulo: Loyola, 2013.

QUEVEDO, L. G. **De Bergoglio a Francisco**. Disponível em: <https://www.google.com.br/>

RADIO VATICANO. Francisco: Igreja é uma história de amor, não uma Ong. **Noticiário da Rádio Vaticano Programa Brasileiro**, 24 abr. 2013. Disponível em: <http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2013_04_24.html>. Acesso em: dez. 2017.

RADIO VATICANO. A voz do Papa e da Igreja em diálogo com o mundo. **Radio Vaticano**. Vaticano/ Atividades. Papa: atenção pelos pobres é Evangelho, e não comunismo ou pauperismo. Entrevista a Andrea Torielli e Giacomo Galeazzi. La Stampa, 11/01/2015. Disponível em: <

http://pt.radiovaticana.va/news/2015/01/11/aten%C3%A7%C3%A3o_por_pobres_%C3%A9_evangelho,_n%C3%A3o_comunismo_ou_pauperismo/1117812>. Acesso em: dez. 2017.

RAMPSON, I. A. **Francisco e Helder, sintonia espiritual**. São Paulo: Paulinas, 2016.

RANK, M. **Os maiores generais da história**. Sobre Frederico II da Prússia (1712 – 1786). Trad. Pedro Reis. Babelcube Books, 2015.

RATZINGER, J. **Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação**. Santa Sé, 06 de agosto de 1984.

REALE, G.; ANTISIERI, D. **História da filosofia**. V. III. São Paulo: Paulinas, 1991.

OLIVON, B. Onde estão os católicos do mundo? Participação dos católicos no total da população foi mantida ao longo do último século enquanto distribuição geográfica mudou **Revista Exame**. Mundo, 22 jul. 2013. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/onde-estao-os-catolicos-do-mundo>>. Acesso em: dez. 2017.

SCALFARI, E. Entrevista. Jornal La Reppública, 01/10/2013. Trad. IHU on-line. A corte é a lepra do papado, afirma Francisco. **IHU online**, 01/10/13. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/?catid=0&id=524255>>. Acesso em: dez. 2017.

SCANNONE, J. C. Entrevista. **Religião digital**. Disponível em: <http://www.youtube.com/>

SCAVO, N. **La lista de Bergoglio**. Bologna: Editrice Missionaria Italiana, 2013.

SCHÜLLER, F. (Org.). **Dialética da secularização**: sobre razão e religião. São Paulo: Ideias & Letras, 2007. 103 p.

SILVA, M. R.; BRIGHENTI, A. Uma Igreja em Alegre saída missionária. **Caderno Teológico**, PUCPR, Curitiba, v.3, n.3, p. 5-22, 2015.

SILVA, S. C.; SILVA, S. P.; POSSEBON, F. (Orgs.) **Didaqué**. Ensino dos doze apóstolos. João Pessoa: Ideia, 2012. Cap. XV.

SPADARO, A. As raízes do Papa. Das origens de Bergoglio ao seu desafio: pôr em crise a crise do Ocidente. Original do Jornal Corriere della Sera, 23/11/2014. Trad. Benno Dischinger. **Revista IHU on-line**, 25 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/?catid=0&id=537797>>. Acesso em: dez. 2017.

STRASSARI, F. **Para conhecer o papa Francisco**. São Paulo: Paulinas 2014. p. 93.

SUESS, P. **Dicionário de Aparecida**: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007.

SUESS, P. Vinho e vinagre na alegria do evangelho. **Revista IHU on-line**. ed. 434, 09 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/>>. Acesso em: dez. 2017.

TOKARNIA, M. Em missa, papa Francisco defende batismo de filhos de mães solteiras. Ed. Talita Cavalcante. Informações da Rádio Vaticano e Agência Lusa **EBC**. Internacional. Agência Brasil. Missa na capela Santa Marta em 25 de maio de 2013. Disponível em: < <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/05/em-missa-papa-francisco-defende-batismo-de-filhos-de-maes-solteiras>>. Acesso em: dez. 2017. El jesuíta

TYSON, N. de G. **Origens**. Catorze bilhões de anos de evolução cósmica. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

VERDETE, C. **História da igreja católica**. São Paulo: Paulus, 2013.

VIDAL, J. M.; BASTANTE, J. **Francisco, o novo João XXIII**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

VILLAS BOAS, A. Teologia em diálogo com a Literatura: origem e tarefa poética da teologia. São Paulo: Editora Paulus, 2016a.

VILLAS BOAS, A. Francisco e a teologia da cultura. **Rev. Pistis & Práxis**, Teologia Pastoral, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 761-788, set./dez. 2016b.

VILLAS BOAS, A. **A dimensão social da evangelização na *Evangelii Gaudium* e o discernimento da caridade**. Revista de Cultura Teológica ABEC, n. 34 2014.

ZAGHENI, G. **A idade contemporânea**. São Paulo: Paulus, 2014.

ZENIT. O mundo visto de Roma. Paz e alegria são sinais da presença de Deus na Igreja. As palavras do Papa Francisco na homilia na Santa Marta. **Zenit**. Redação, 30 set. 2013. Disponível em: < <https://pt.zenit.org/articles/paz-e-alegria-sao-sinais-da-presenca-de-deus-na-igreja/>>. Acesso em> dez. 2017.

ANEXO A – QUADRO COMPARATIVO ENTRE O DOCUMENTO DE APARECIDA E A EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELLI GAUDIUM* (SINOPSE)

TEMA GERADOR	SEMÂNTICA DE APARECIDA	SEMÂNTICA DA <i>EVANGELLI GAUDIUM</i>
<p>Razão Ciência e fé</p>	<p>1 A missão precisa promover o diálogo entre ciência e fé. O encontro com Cristo potencializa o uso da razão. Convocamos nossas Universidades Católicas para que sejam cada vez mais lugar de produção e irradiação do diálogo entre fé e razão e do pensamento católico. (498).</p>	<p>1 Quando as categorias razão e ciência se unem, elas se tornam instrumentos de evangelização (132). Evangelização implica no diálogo, também com a ciência (133). Não impedir o diálogo autêntico, pacífico e frutuoso com as ciências; (243).</p>
	<p>2 A ciência e a tecnologia voltam-se contra o homem que as criou (124). A ciência não tem respostas para as grandes interrogações da vida humana (123).</p>	<p>-</p>
	<p>3 A ciência não nos dá um sentido unitário da existência (123).</p>	<p>-</p>
	<p>4 Ciência moderna está a serviço do mercado (45).</p>	<p>4 Mercados e especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade (202).</p>
	<p>5 A razão deve ser iluminada pela revelação de Deus (1213).</p>	<p>5 Ciências sociais ajudam na compressão do magistério (40).</p>

Humanismo	<p>1</p> <p>A cultura atual tende a propor estilos de ser e viver contrários à natureza do ser humano (315).</p>	<p>1</p> <p>Crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano (55).</p>
	<p>2</p> <p>O prazer, o poder e a riqueza produzem uma cultura contra o ser humano (5).</p>	<p>-</p>
	<p>3</p> <p>A cultura atual produz um estilo de vida contrário a natureza e a dignidade do ser humano (387).</p>	<p>-</p>
	<p>-</p>	<p>4</p> <p>Cada ser humano é objeto da ternura infinita do Senhor (274).</p>
	<p>5</p> <p>No novo contexto social, a realidade, para o ser humano, se tornou sem brilho e complexa;</p>	<p>5</p> <p>A tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano (182).</p> <p>Na realidade o ser humano renasceu muitas vezes de situações que pareciam irreversíveis.</p>
	<p>-</p>	<p>6</p> <p>Os mais necessitados, possuem uma reserva moral que guarda valores de autêntico humanismo cristão (68).</p> <p>Tristeza e vergonha pelos pecados de alguns membros da Igreja (76).</p>

<p>Humanismo</p>	<p>-</p> <p>8 O ser humano é sagrado desde sua concepção e em todos os momentos da sua existência (112).</p>	<p>7 Desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu (83). Tristeza infinita só se cura com um amor infinito (265).</p> <p>8 Independentemente da Aparência, cada um é imensamente sagrado (274).</p>
<p>Individualismo</p>	<p>1 O grande risco do mundo atual com sua avassaladora oferta de consumo é uma tristeza individualista que brota de um coração comodista e mesquinho.</p> <p>2 O individualismo enfraquece os vínculos comunitários(44).</p> <p>3 A cultura globalizada acaba por erigir o individualismo como característica dominante da atual sociedade, responsável pelo relativismo ético e pela crise da família(479).</p> <p>4 A cultura do consumo em suas aspirações</p>	<p>1 Isolamento exclui Deus. Individualismo doentio (89)</p> <p>2 O individualismo pós-moderno distorce os vínculos familiares (67).</p> <p>3 Vivem constantemente tentados a apegar-se ao isolamento (10).</p> <p>4 Uma tristeza melosa, sem</p>

	<p>personais profundas, cresce na lógica do individualismo pragmático e narcisista(51).</p>	<p>esperança, que se apodera do coração como o mais precioso elixir do demônio (83).</p>
<p>Cultura, Política Economia</p>	<p>1 Muitos católicos se encontram desorientados frente à mudança cultural. A cultura exalta o provisório e o descartável (321).</p> <p>2 O encontro da fé com as culturas as purifica (477).</p> <p>3 Desigualdades na esfera do trabalho, da política e da economia; exploração publicitária por parte de muitos meios de comunicação social tratam as pessoas como objeto de lucro (48).</p> <p>4 Mudanças importantes para a conquista de políticas públicas mais justas, que revertam sua situação de exclusão (75);</p> <p>5 É dever social do Estado, criar uma política inclusiva das pessoas da rua; É lamentável que em alguns países não haja políticas sociais que se ocupem suficientemente dos idosos já aposentados, pensionistas, enfermos ou abandonados. Portanto, exortamos a criação de políticas sociais justas e solidárias, que atendam a estas necessidades;</p> <p>6 Vivemos numa cultura marcada por forte relativismo e perda do sentido do pecado.</p>	<p>-</p> <p>2 A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. Ex. 32,1-35).</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>6 Encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do</p>

<p>Cultura, Política Economia</p>	<p>7 Os graves problemas de violência, pobreza e injustiça; a crescente cultura da morte que afeta a vida em todas as suas formas.</p> <p>8 Aplicar políticas públicas nos campos da saúde, educação, seguridade alimentar, previdência social, acesso à terra e à moradia, promoção eficaz da economia para a criação de empregos e leis que favorecem as organizações solidárias (76).</p> <p>9 É também alarmante o nível de corrupção nas economias, envolvendo tanto o setor público quanto o setor.</p> <p>10 A realidade atual exige de nós maior atenção aos projetos de formação dos Seminários, pois os jovens são vítimas da influência negativa da cultura pós-moderna (318).</p> <p>11 Por isso, é necessário trabalhar por uma cultura da responsabilidade em todo nível que envolva pessoas, empresas, governos</p>	<p>dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano.</p> <p>7 A economia não pode mais recorrer a remédios que são um novo veneno, como quando se pretende aumentar a rentabilidade reduzindo o mercado de trabalho e criando assim novos excluídos.</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>10 Desafio da formação dos leigos (102).</p> <p>11 Exorto-vos a uma solidariedade (58);</p>
--	---	---

<p>Cultura, Política Economia</p>	<p>e o próprio sistema internacional (406);</p> <p>12 Promover a cultura da vida, e trabalhar para que os direitos das famílias sejam reconhecidos e respeitados (435).</p> <p>13 E necessitamos, ao mesmo tempo, que o zelo missionário nos consuma para levar ao coração da cultura de nosso tempo aquele sentido unitário e completo da vida humana que nem a ciência, nem a política, nem a economia nem os meios de comunicação poderão proporcionar-lhe (41).</p> <p>14 As instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem ao ponto de subordinar as economias locais, sobretudo debilitando os Estados (66).</p> <p>15 Vê-se ausência de jovens na esfera política devido à desconfiança que geram as situações de corrupção, o desprestígio dos políticos e a procura de interesses pessoais frente ao bem comum (445).</p>	<p>Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica (198).</p> <p>-</p> <p>13 Desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano (58).</p> <p>14 Em muitos países a globalização comportou uma acelerada exteriorização das raízes culturais com a invasão de tendências pertencentes a outras culturas, economicamente desenvolvidas, mas eticamente debilitadas (62).</p> <p>-</p>
--	---	--

<p>Crise</p>	<p>1</p> <p>A paz não se reduz à ausência de guerras, nem à exclusão de armas nucleares, mas devemos promover uma cultura da paz que seja fruto de um desenvolvimento sustentável, equitativo e respeitoso da criação (542).</p> <p>2</p> <p>Muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente uma crise do sentido;</p> <p>Quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito de realidade e conseqüentemente só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas (3);</p>	<p>1</p> <p>As guerras acontecem no bairro, no local de trabalho, com invejas, ciúmes, ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança e desejo de impor suas próprias ideias a todo o custo (100).</p> <p>2</p> <p>A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo (55);</p>
---------------------	---	---

<p>Missão</p>	<p>1</p> <p>Os melhores esforços das paróquias neste início do terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de leigos missionários (174).</p> <p>2</p> <p>Uma paróquia, comunidade de discípulos missionários, requer organismos que superem qualquer tipo de burocracia (203).</p> <p>3</p> <p>A Diocese, presidida pelo Bispo, é o primeiro espaço da comunhão e da missão (169);</p> <p>A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (31).</p>	<p>1</p> <p>Constituamo-nos em “estado permanente de missão”, em todas as regiões da terra (25).</p> <p>2</p> <p>Hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária (20).</p> <p>3</p> <p>A Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres. Deus nos livre de uma Igreja mundana sob</p>
----------------------	---	---

<p>Missão</p>	<p>4</p> <p>As atividades fundamentais de uma universidade católica deverão vincular-se e harmonizar-se com a missão evangelizadora da Igreja (341).</p> <p>-</p> <p>6</p> <p>Discipulado e missão são como os dois lados de uma mesma moeda: quando o discípulo está enamorado de Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só ele nos salva (3).</p> <p>O discipulado e a missão sempre supõem a pertença a uma comunidade. Deus não quis salvar-nos isoladamente, mas formando um Povo (164).</p> <p>A missão é inseparável do discipulado (278).</p> <p>-</p>	<p>vestes espirituais ou pastorais (97).</p> <p>4</p> <p>Faço apelo aos teólogos para que cumpram este serviço como parte da missão salvífica da Igreja. Mas, para isso, é necessário que tenham a peito a finalidade evangelizadora da Igreja e da própria teologia, e não se contentem com uma teologia de gabinete (133).</p> <p>5</p> <p>Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se nalguma falsa espiritualidade (262).</p> <p>-</p> <p>7</p>
----------------------	--	---

Missão	-	<p>De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais (10);</p> <p>8</p> <p>Às vezes invade-nos a sensação de não termos obtido resultado algum com os nossos esforços, mas a missão não é um negócio nem um projeto empresarial, nem mesmo uma organização humanitária, não é um espetáculo (279).</p>
---------------	---	--

ANEXO B – SÍNTESE DAS DATAS IMPORTANTES DA BIOGRAFIA DO PAPA FRANCISCO (BIANCO, 2013, p. 81 - 84).

1929	A Família Bergoglio migra para a Argentina;
1936, 17 de dezembro	Nasce Mario Jorge Bergoglio em Buenos Aires
1945 - 1950	Frequenta a Escola elementar no Instituto Nossa Senhora da Misericórdia e o Colégio salesiano Wilfrid Barón e se diploma perito em química;
1957	É cometido de uma grave pneumonia que obriga subtrair parte do pulmão direito;
1958, 11 de março	Entra como noviço na Companhia de Jesus;
1963	Conquista o diploma de filosofia no Colégio Máximo de Buenos Aires;
1964 - 1965	Se torna professor de literatura e psicologia no colégio jesuíta de Santa Fé;
1966	Professor das mesmas matérias no colégio Máximo de Buenos Aires;
1967 - 1970	Em preparação ao sacerdócio obtém diploma de Teologia;
1969, 13 de dezembro	É ordenado sacerdote;
1973	Se torna mestre de noviços em Buenos Aires;
1973, 22 de abril	Profissão religiosa solene com os quatro votos;
1973, 31 de julho	É nomeado provincial dos jesuítas na argentina;
1976 - 1983	Sete anos de ditadura na Argentina com o general <i>Videla</i> e seus sucessores;
1979	Participa como relator na conferência de Puebla;
1979 - 1985	Pároco em Buenos Aires e decano da faculdade de Filosofia de Teologia;
1986	Vai para a Alemanha completar sua tese de doutorado;
1990 - 1992	Confessor e diretor espiritual numa paróquia de Córdoba na Argentina;
1992, 27 de junho	É sagrado bispo auxiliar do cardeal <i>Quarracino</i> Buenos Aires;
1993	Vigário geral da diocese de Buenos Aires;
1997, 03 de junho	É nomeado arcebispo coadjutor;

- 1988, 28 de fevereiro Torna-se Arcebispo de Buenos Aires dado a morte por infarto do cardeal Quarracino;
- 2001, 21 de fevereiro É eleito cardeal pelo papa João Paulo II;
- 2005 – 2011 Presidente da Conferência Episcopal da Argentina;
- 2013, 13 de março É eleito papa com o nome Francisco

ANEXO C– REFERENCIAIS MISSIONÁRIOS NA HISTÓRIA DA IGREJA

REFERENCIAIS	SEMÂNTICA DA NARRATIVA DE MISSÃO	CARACTERÍSTICAS DA IGREJA	CONCÍLIOS
Igreja Nascente	Anúncio kuerigmático Discipulado Testemunho	Pobre Excluída Perseguida Pequena Mal compreendida Apostólica	Jerusalém
Igreja na Idade Média	Cristandade Cesaropapismo	Oficial Institucional "Salva tua alma" Individualização da missão Teologia elaborada Doutrina	Nicéia
Igreja na Modernidade	Missão <i>ad gentes</i> Expansão do sistema cristão Eclesiocentrismo Sacramentalização	Contrarreforma "Extra ecclesiam nulla salus" Autorreferencialidade Dogmática Católica Apostólica Romana Eclesialização da Missão	Trento
Igreja Contemporânea	Experiência e edificação do Reino de Deus Discípulos e missionários "Em saída"	Povo de Deus Teologia da Libertação Opção pelos pobres Diálogo religioso e ecumenismo Conferências episcopais Universalização da Missão	Vaticano II

